

dlv

Para o meu filho Carsten

Werner Gitt

Perguntas -

Que sempre são feitas



Christliche

Literatur-Verbreitung

Postfach 110135 • D-33661 Bielefeld

O autor

O professor catedrático Werner Gitt, doutor de engenharia, nasceu em Raineck na Prússia Oriental em 1937. A partir de 1968 estudou engenharia na Universidade Técnica de Hanôver (Technische Hochschule), onde se formou em 1968 (Dipl. Ing.). De 1968 a 1971 foi professor auxiliar no Instituto de Técnicas de Regulação da Universidade Técnica de Aquisgrana. Depois de dois anos de trabalho de investigação fez o doutorado de engenharia. De 1971 a 2002 dirigiu o departamento de processamento de dados (tecnologia de informação) do Instituto Federal de Física e Tecnologia de Braunschweig (Physikalisch-Technische Bundesanstalt Braunschweig »PTB«), onde foi nomeado professor catedrático em 1978. Dedicou-se a problemas científicos nas áreas da informática, matemática numérica e técnicas de regulação, publicando os resultados em numerosos documentos científicos originais assim como em vários livros populares. Além disso, é autor de diversos livros sobre os tópicos »Bíblia e Ciência« e »Fé e Ciência.« Tem falado sobre temas relacionados ao tópico »Bíblia e Ciência« em inúmeras universidades alemãs e estrangeiras e faz palestras de caráter evangelístico sobre o assunto »Fé e Ciência« no mundo inteiro (por exemplo na Austrália, África do Sul, Áustria, Bélgica, EUA, França, Hungria, Cazaquistão, Lituânia, Namíbia, Noruega, Nova Zelândia, Paraguai, Polónia, Portugal, Quirguísia, Romênia, Rússia, Suécia, Suíça e Tschéquia).

Desde 1966, é casado com sua esposa Marion com quem tem dois filhos: Carsten, nascido em Setembro de 1967 e Rona, nascida em Abril de 1969.

Primeira edição em língua portuguesa 2003

© 2003 by CLV • Christliche Literatur-Verbreitung

Postfach 110135 • D-33661 Bielefeld

Título original alemão: Fragen - die immer wieder gestellt werden

© 1989 by CLV

Internet: www.clv.de

Tradução para o português: Christina Elisabeth Marx

Capa: Gerhard Thiessen, Bielefeld

Tipografia: CLV

Impressão e encadernação: Ebner & Spiegel, Ulm

ISBN 3-89397-528-4

Conteúdo:

Prefácio.....	10
Prefácio para a edição em língua portuguesa.....	13
1. Perguntas a respeito de Deus (PD)	14
PD1: Como posso saber que Deus existe mesmo?	14
PD2: Onde está Deus?	14
PD3: O que significa a palavra Deus - D.E.U.S.?.....	15
PD4: Por que não podemos ver a Deus?.....	16
PD5: Como pode ser Deus um Deus de amor, se ele permite tanta penúria nesta terra? Porque é que Deus permite o sofrimento?	16
PD6: Não tem Deus a culpa de tudo?	17
PD7: Nos tempos do Antigo Testamento, Deus exterminou um povo inteiro através de guerras e no Sermão do Monte diz »Amai os vossos inimigos.« É o Deus do AT diferente do Deus do NT?	18
PD8: Criou Deus o mal?	19
PD9: É Deus capaz de aprender algo novo?	19
PD10: Será que Deus viveu mesmo? Será que ele é o Filho de Deus?	20
PD 11: Qual é a relação de Deus com Jesus? É uma pessoa só ou que está acima da outro? A quem devemos orar?.....	21
2. Perguntas sobre a Bíblia (PB).....	25
PB1: A Bíblia foi escrita por homens, portanto tudo é relativo. Como você pode dizer que ela é de Deus e que tudo nela é verdade?.....	25
PB2: Como posso comprovar que a Bíblia diz a verdade?	27
PB3: Qual a diferença entre a Bíblia e os demais livros da literatura mundial?	28
PB4: Existem ainda hoje mensagens novas que complementam a Bíblia? Por acaso Deus não é maior que as Escrituras para poder falar com alguém de forma direta? .	31
PB5: Como se deve julgar o »Código da Bíblia« de M. Drosnin?.....	33

3. Perguntas sobre a Criação, a Ciência e a Fé (PC) 37

PC1: É possível a transformação de matéria inerte em organismos vivos?.....	37
PC2: Qual é a idade da terra, qual a idade do universo? Existe um método científico para determinar a idade da terra? Qual a sua opinião a respeito do método »Carbono-14«?	39
PC3: Num universo tão jovem, como é possível que a luz de objetos que estão a milhões de anos luz de distância já tenha chegado a terra? Não deveríamos assumir que a terra tem uma idade que no mínimo corresponde ao tempo que um raio de luz leva para chegar de lá para cá?	41
PC4: Qual era a atitude de Darwin diante de Deus?.....	43
PC5: Nos esportes de alta eficiência, os atletas constantemente melhoram o seu rendimento que antes não foi possível. Isto não indica que existe evolução?	44
PC6: Podemos tomar a Bíblia a sério se ela usa concepções do mundo antigas que já foram superadas há tempo?.....	46
PC7: O que podemos dizer sobre a estrutura do nosso universo?.....	47
PC8: Quanto tempo durou um dia da criação?	48
PC9: Existem dois relatos contraditórios da criação?.....	50
PC10: Os dinossauros couberam na arca?.....	52
PC11: Com quem casaram os filhos de Adão?	53
PC12: Na sua opinião, que argumento científico é mais a favor da criação e se opõe com mais força ao desenvolvimento evolutivo?	54

4. Perguntas sobre a salvação (PS)..... 58

PS1: Como somos salvos – pela fé ou pelas obras?.....	58
PS2: Porque é que Deus escolheu justamente a cruz como meio da salvação? Não seria concebível usar outro método? 59	
PS3: Como poderia Jesus morrer há 2000 anos pelos pecados que somente cometemos agora?.....	60
PS4: Não teria sido mais econômico, se Jesus só tivesse sofrido por pecados pelos quais os homens pedem perdão, em vez de sofrer pelos pecados do mundo inteiro?	61
PS5: Mediante a morte sacrificadora de Jesus Cristo, Deus oferece a salvação dos pecados para todos os homens. Por	

que é que Deus não dá uma amnistia geral para os pecados de todos os homens?	63
PS6: Eu acho que depois da morte, ainda existe a possibilidade de salvação. Não deve a graça de Deus ser maior do que o que você acaba de expor?	63
PS7: Qual o destino das crianças que faleceram cedo demais para tomar uma decisão? O que acontece com embriões abortados ou doentes mentais? Estarão eles perdidos?	69
PS8: Não estava Judas predestinado a trair Jeus para que fôsse possível a salvação?	71
PS9: Posso trazer uma criança ao mundo, se a probabilidade de perdê-la é de 50%? (Pergunta de uma mulher jovem, recentemente convertida).	72
PS10: A Bíblia fala da eleição do homem por Deus. Ainda podemos falar da livre vontade, se a decisão sobre a salvação de alguns e a perdição de outros já foi feita a tempo?	73
PS11: Você pode me provar com argumentos científicos que existe um inferno? (Pergunta de uma aluna de escola superior).	76

5. Perguntas sobre as religiões (PR) 78

PR1: Existem tantas religiões. É impensável que todas sejam falsas. Não é pretencioso por parte do cristianismo afirmar que ele é o único caminho para a vida eterna?	78
PR2: Os cristãos e os muçulmanos, não oramos todos para o mesmo Deus? (Pergunta feita por um muçulmano).	79
PR3: Como posso reconhecer que o evangelho não é uma religião mas de origem divina?	81

6. Perguntas sobre a vida e a fé (PV)..... 83

PV1: Por que vivemos na terra?.....	83
PV2: Qual é o sentido da vida?.....	83
PV3: Como posso integrar a minha fé na vida cotidiana?	85
PV4: Tenho sonhos que se repetem, que me inquietam. Me indicam algo?.....	90
PV5: O que é o pecado?.....	91
PV6: Segundo a Bíblia, pode um homem e uma mulher viver juntos sem estar casados? A partir de que momento o casal está casado: Depois da decisão de ficarem juntos? Depois da primeira	

relação sexual? Depois do casamento civil ou religioso?	92
PV7: Crer não significa »saber.« Como é que você pode afirmar que a fé representa uma certeza?	97
PV8: É necessário um sinal externo para o novo nascimento? ...	98
PV9: Você fala conosco como se o próprio Deus lhe tivesse enviado para cá. Como pode fazer isso? (Durante uma palestra numa penitenciária para menores).....	98
PV 10: O que você pensa da tecnologia genética?	99
RV11: O que fazia Jesus com as moscas e mutucas? As matava?	101

7. Perguntas sobre a morte e a eternidade (PM)..... 103

PM1: Existe vida após a morte?.....	103
PM2: O que é a vida eterna? Como a podemos imaginar? ..	103
PM3: Quando é que começa a vida eterna?	104
PM4: Como posso imaginar o céu?	105

APÊNDICE..... 109

Observações a respeito da Bíblia110

I. Princípios fundamentais a respeito da Bíblia110

I.1. A origem da Bíblia	110
I.2. A veracidade da Bíblia	112
I.3. Como comprovar a verdade bíblica:.....	113
I.4. A temática da Bíblia.....	114
I.5. As afirmações da Bíblia	116
I.6. O valor das afirmações bíblicas	123
I.7. A inteligibilidade e a compreensão da Bíblia	125
I.8. A respeito da exatidão das afirmações bíblicas.....	126
I.9. A respeito do período de tempo das afirmações bíblicas	127
I.10. A respeito da acessibilidade da Bíblia: A conversão a Jesus Cristo.....	127
I.11 Observação final	133

II. Princípios Básicos para a Interpretação da Bíblia 133

III. Porque devemos ler a Bíblia? 136

IV. Como devemos ler a Bíblia?	138
V. Dez promessas para leitores da Bíblia (Aqueles que a lêem e a põem em prática).....	140
Carta de um Leitor	143
Testemunho pessoal do autor	145
Bibliografia	155
Índice Alfabético dos livros da Bíblia.....	157

Prefácio

A ideia deste livro: A ideia de escrever este livro surgiu durante uma série de palestras evangelísticas dadas pelo autor no ambiente bastante original da casa de modas Mühlhauser em Munique. Todas as noites, durante uma semana inteira, o modista *Harro Mühlhauser* pôs o primeiro andar da sua empresa à disposição para a série de palestras. Isto significava que todas as noites, devíamos tirar as roupas dos postes, retirar os postes, colocar 250 cadeiras no lugar, dar a palestra, retirar todas as cadeiras, reposicionar os postes para que os empregados da firma pudessem por as roupas no lugar na manhã seguinte. No entanto, não havia cadeiras suficientes para todos ouvintes, mas o tapete macio e os degraus das escadas serviam como assentos adicionais confortáveis, de modo que 350 pessoas se acomodaram na sala. A localização central da loja no calçadão (a poucos metros da praça da prefeitura e da Catedral da Nossa Senhora) atraiu muitas pessoas que não fazem parte dos círculos cristãos. Depois das palestras, o público tinha a oportunidade de fazer perguntas. Uma oferta aproveitada por muitos. Aqui surgiram perguntas que precisam ser respondidas antes de uma decisão pela fé.

A natureza das perguntas: Como resultado, este livro contém muitas das perguntas abordadas em Munique. Além disso, ele traz respostas para outras perguntas que foram feitas ao autor em diversos lugares após palestras semelhantes. Há anos, o autor dirige «A Hora de Perguntas em Krelingen» (»Krelinger Fragestunde«) no Congresso de Jovens em Ahlden (Ahldener Jugenttag), onde se discutem muitos problemas.

Todas as questões feitas neste livro têm em comum que elas foram feitas de verdade. Portanto, este livro não é uma coleção de perguntas a respeito da Bíblia como devem esperar alguns »insiders,« mas sim procura levar a sério aqueles problemas que preocupam as pessoas que duvidam, perguntam e estão à procura da verdade. Não se trata de uma coleção de perguntas teológicas refinadas, mas de perguntas básicas feitas por pessoas que estão à procura, perguntas que surgem do trabalho de palestras. Adicionalmente, o autor também discute perguntas que foram abordadas individualmente.

Método das respostas: A lógica desenvolvida pelos gregos da antigüidade provou tão grande sucesso nas ciências exatas, que há tentativas de aplicar este modo de pensar também em outras áreas. A época do iluminismo baseia-se nesta convicção errônea e como consequência contribuiu em largo que a fé cristã seja vista com criticismo. Se as perguntas aqui abordadas fôssem de natureza matemático-científica, as leis da lógica nos ajudariam muito. Mas nos problemas aqui enfrentados temos questões existenciais de importância fundamental que escapam de um tratamento essencialmente lógico. Nem a filosofia pode nos prestar ajuda. O filósofo *Hans Lenk* de Karlsruhe reconhece honestamente:

»A filosofia raramente dá soluções definitivas a respeito do conteúdo; ela trata de problemas, não de matéria e soluções. Para ela, uma perspectiva nova do problema é mais importante do que a solução parcial de uma pergunta.«

Deus quer e pode nos guiar na verdade, tanto no nosso modo de pensar como nas nossas ações e na nossa fé. Por isso, a palavra autorizada por Deus em forma da Bíblia deve ser a nossa norma decisiva. Essa fonte não pode ser substituída por uma obra de origem humana. Como a resposta de todas as perguntas depende fundamentalmente desta norma, o livro conclui com um apêndice minucioso que discute a natureza da Bíblia e os princípios para a sua interpretação. A compilação em forma de termos básicos acontece neste livro pela primeira vez e tem como fim providenciar o fundamento necessário para a convivência com a Bíblia.

Por falta de espaço, as respostas nem sempre podiam ser tratadas extensivamente. Além disso, devia-se fazer uma seleção subjetiva das inúmeras perguntas. Como algumas perguntas são correlacionadas quanto ao conteúdo, é inevitável de que ocasionalmente encontremos coincidências e repetições nas respostas. Para obter uma disposição mais clara, as questões foram agrupadas em áreas temáticas. Algumas podem ser contestadas diretamente pela Bíblia porque a sua resposta apropriada se encontra nela de forma explícita. Outras questões também podem ser contestadas pela Bíblia mas somente por conclusões através das passagens bíblicas dadas. As conclusões dependem

altamente do grau de conhecimento da Bíblia, e da capacidade individual de chegar a respostas através de passagens bíblicas, sendo que aqui pesa a subjectividade do autor. Perguntas que concernem o »Porquê« geralmente continuam sem resposta. Estas também serão contestadas, mas somente no dia em que o que crêmos se tornar visível (Jo 16,23).

Agradecimentos: Eu agradeço à minha espôsa pelas valiosas dicas durante a leitura crítica do manuscrito e pelo trabalho árduo de transcrever o texto no nosso computador.

É a nossa oração que o presente livro seja uma ajuda para muitos leitores que estão à procura de respostas para as suas perguntas sobre a existência e a fé.

Werner Gitt

Prefácio para a edição em língua portuguesa

Para mim como autor é um grande prazer que este livro se publique também em língua portuguesa. Este livro foi publicado pela primeira vez na Alemanha em 1989 e se encontra agora em 18ª edição com mais de 350.000 exemplares editados. Nos últimos anos, tem sido traduzido para 14 línguas, e no momento, está sendo traduzido para várias outros idiomas. Através de muitas conversas com leitores e cartas recebidas, sei que este livro ajudou muitas pessoas a crerem em Jesus Cristo. É meu desejo que este livro também possa ajudar aos leitores de língua portuguesa nas suas perguntas sobre a fé.

Agradeço à tradutora, Christina Marx, pela tradução e pelo trabalho investido na presente edição.

Werner Gitt
Agosto de 2003

1. Perguntas a respeito de Deus (PD)

PD1: *Como posso saber que Deus existe mesmo?*

RD1: Não existe nação ou tribo nesta Terra que não creia num Deus, num espírito ou num ser superior a eles. Isto também é válido para as tribos mais isoladas da mata que nunca tiveram contato com outra cultura e muito menos com o evangelho. Como se explica isso? Nós todos temos a capacidade intelectual de deduzir a partir das obras maravilhosas da criação visível a existência de um criador invisível. Ninguém acredita que um carro, um relógio, um botão ou um clipe de papel simplesmente acontecem. Por isso, o apóstolo Paulo escreve no Novo Testamento: »Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder, como a sua divindade, se entendem, e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis« (Rm 1,20). A criação no entanto só nos fala que existe um Deus e podemos chegar à conclusões sobre o seu poder e sua abundância de ideias, mas não sobre a sua natureza essencial (por exemplo seu amor, vida, misericórdia, bondade). Para isso nos foi dada a Bíblia.

PD2: *Onde está Deus?*

RD2: Conforme a nossa imaginação humana nós tentamos localizar Deus no espaço. Por isso, achamos informações semelhantes sobre Deus tanto nos conceitos pagãos da Antigüidade quanto no neopaganismo. Os gregos acreditavam que os deuses habitavam o monte Olímpo e os germanos localizavam-nos em Walhalla. O cientista de matemática e astrônomo francês *Pierre S. M. Laplace* (1749-1827) opinou: »Eu procurei o universo inteiro, mas em lugar nenhum encontrei Deus.« Cosmonautas soviéticos comentam de forma semelhante: »Durante o meu vôo não encontrei Deus« (*Nicolajew*, 1962 a bordo da Wostok III). À luz da Bíblia, todas estas afirmações são fundamentalmente erradas porque Deus está além das nossas dimensões. Ele, que criou o espaço, não pode ser parte do mesmo. Muito mais, Ele penetra cada posição do espaço, Ele é onnipresente. Isto, o apóstolo Paulo explica aos atenienses pagãos no areópago: »Porque nele (Deus) vivemos, e nos movemos, e existimos « (At 17,28). O salmista também sabe que isso é realidade quando confessa: »Cercas o meu andar, e o meu deitar; me cercaste

por detrás e por diante, e puseste sobre mim a tua mão. » (Sl 139,3+5). Aqui também se mostra que Deus rodeia e penetra tudo completamente. A concepção matemática de espaços multidimensionais (o nosso espaço tem três dimensões) pode nos ajudar a responder a questão »Onde está Deus?« O espaço de n dimensões é somente uma porção do espaço de $(n+1)$ dimensões. Portanto, o espaço de quatro dimensões por exemplo, não cabe num espaço tridimensional, mas o penetra totalmente. A Bíblia descreve esta realidade quando diz: »Mas, na verdade, habitaria Deus na terra? Eis que os céus, e até o céu dos céus, não te poderiam conter« (I Rs 8, 27).

PD3: *O que significa a palavra Deus - D.E.U.S.?*

RD3: A palavra »Deus« não é um acrônimo, ou seja, uma palavra que se forma da primeira letra de várias palavras como a palavra OVNI (Objeto Voador Não Identificado). Deus tem-se revelado aos homens com muitos nomes novos cujo significado descreve a natureza divina (as passagens bíblicas abaixo indicam onde se encontra a primeira referência na Bíblia do nome particular):

Elohim (Gn 1,1: Deus - forma plural para expressar a Trindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo)

Eloah (Se encontra 41 vezes no livro de Jó, no demais com ocorrência espalhada; Deus - forma singular de Elohim)

El (Gn 33,20; »Deus, o onnipotente«)

El-Olam (Gn 21,33; »Deus Eterno«)

El-Shaddai (Gn 17,1; »Deus Onnipotente«)

El-Roi (Gn 16,13; »Deus que me vê«)

Jahve (Gn 2,4 conforme Êx 3,14-15; »Eu sou quem eu sou«)

Jahve-Rapheka (Êx 15,26; »Jahve, teu médico«)

Jahve-Nissi (Êx 17,15; »Jahve, minha bandeira«)

Jahve-Jireh (Gn 22,13+14; »Jahve proverá«)

Jahve-Shalom (Jz 6,24; »Jahve é paz«)

Jahve-Zidkenu (Jr 23,6; »Jahve, nossa justiça«)

Jahve-Shammah (Ez 48,35; »Jahve está ali«)

Jahve-Roi (Sl 23,1; »Jahve, meu pastor«)

Jahve-Zebaoth (1Sm 17,45; Deus dos exércitos)

Adonai (Gn 15,2; Meu Senhor, 134 vezes no AT)

[Abraham Meister: »*Biblisches Namenlexikon*« (»Dicionário de Nomenclatura Bíblica,« a trad. Pfäffikon, 1970).

PD4: *Por que não podemos ver a Deus?*

RD4: Adão e Eva, os primeiros seres humanos criados por Deus, viviam em comunhão com Deus, de maneira que eles podiam vê-Lo de cara a cara. Com o primeiro pecado, o homem separou-se de Deus. Ele é um Deus santo que odeia todo pecado, e por esta razão a comunhão original terminou. Ele »habita na luz inacessível « (1Tm 6,16). Por isso, nós só O veremos, quando voltarmos à casa do Pai após a nossa morte. O caminho para lá está aberto somente através do Senhor Jesus: »Ninguém vem ao Pai, senão por mim« (Jo 14,6).

PD5: *Como pode ser Deus um Deus de amor, se ele permite tanta penúria nesta terra? Porque é que Deus permite o sofrimento?*

RD5: Antes da queda do homem, não havia morte nem sofrimento, não havia dor nem nada que nos causasse tanta ansiedade hoje me dia. Deus tinha criado tudo de tal maneira que o homem podia viver sob condições ideais. Por sua própria vontade o homem escolheu caminhos que o afastaram de Deus. É inexplicável porque Deus nos cedeu um rádio de liberdade tão amplo. No entanto, constatamos que quem se afasta de Deus acaba na miséria. Esta experiência amarga fazemos até o dia de hoje. Algumas pessoas tendem a atribuir a culpa a Deus. Mas, deveríamos lembrar que o causador não é Deus mas sim o homem. Se apagarmos a luz do carro quando dirigimos na auto-estrada à noite e daí tivermos um acidente, não podemos atribuir a culpa ao construtor do carro. Ele equipou o carro com tudo necessário para a iluminação e se nós a desligarmos o problema é todo nosso. »Deus é luz« (1Jo 1,5). Se nós formos para a escuridão do afastamento de Deus, não podemos culpar o criador, que nos criou para estarmos perto dele. Deus é e continua a ser o Deus do amor, porque Ele fez o inconcebível: Ele deu o seu próprio filho para nos resgatar da situação causada por nós mesmos. Jesus fala de si próprio em João 15,13: »Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos. Existe amor maior?« Nunca se consumou obra maior em favor do homem que aquela que ocorreu no Gólgota: a cruz é a culminação do amor divino.

Todos nós - crentes ou não - vivemos num mundo caído, onde o sofrimento com todas as suas formas conhecidas faz parte do mesmo de um modo generalizado. Não podemos explicar o sofrimento individual. Por que é que uns estão bem enquanto outros passam por sofrimento e doença grave? Às vezes, o crente ainda sofre mais do que o descrente, como constata o salmista:

»Pois eu tinha inveja dos néscios, quando via a prosperidade dos ímpios. Porque não há apertos na sua morte, mas firme está a sua força. Não se acham em trabalhos como outros homens, nem são afligidos como outros homens« (Sl 73,3-5).

No entanto, o salmista acaba reconhecendo corretamente a sua aflição individual que ele não considera como castigo pelo seus próprios pecado. Ele não briga com Deus, antes pelo contrário, ele se apega a Ele:

»Todavia estou de contínuo contigo; tu me sustentaste pela minha mão direita. Guiar-me-ás com o teu conselho, e depois me receberás na glória... A minha carne e o meu coração desfalecem; mas Deus é a fortaleza do meu coração, e a minha porção para sempre« (Sl 73,23-24 + 26).

PD6: *Não tem Deus a culpa de tudo?*

RD6: Quando Deus responsabilizou Adão depois da queda, este apontou para Eva: »A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi« (Gn 3,12). Quando Deus se dirigiu à mulher, Eva também apontou em outra direção: »A serpente me enganou, e eu comi« (Gn 3,13). A respeito da nossa culpa manifestamos um comportamento estranho: sempre apontamos em outra direção, até finalmente declararmos Deus como o culpado. Mas agora acontece o inconcebível: Em Jesus, Deus tomou sobre si toda a culpa: »Àquele (Jesus) que não conheceu pecado, o fez pecado por nós «(2Co 5,21). O juízo de Deus sobre o pecado do mundo se descarrega no Filho de Deus. O anátema o atinge com toda a força; o país inteiro cai na escuridão por três horas, ele realmente é abandonado por Deus. »O qual se deu a si mesmo por nossos pecados« (Gl 1,4), para que nós saíssemos livres. Não existe mensagem melhor que o evangelho.

PD7: *Nos tempos do Antigo Testamento, Deus exterminou um povo inteiro através de guerras e no Sermão do Monte diz »Amai os vossos inimigos«. É o Deus do AT diferente do Deus do NT?*

RD7: Muitas pessoas pensam que no AT Deus é um Deus da ira e da vingança e que no NT Ele é um Deus do amor. Esta opinião pode ser rebatida facilmente com as duas passagens seguintes do AT e do NT: Em Jeremias 31,3 Deus diz: »Porquanto com amor eterno te amei, por isso com benignidade te atraí;« e no NT lemos em Hebreus 10,31: »Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo.« Deus é tanto o Deus irado em frente ao pecado quanto o Deus amoroso em frente aos que se arrependem. Nós achamos este testemunho no AT e no NT porque Deus sempre é o mesmo. Com ele, »não há mudança nem sombra de variação« (Tg 1,17). Da mesma forma o Filho de Deus jamais muda quanto a sua natureza: »Jesus Cristo é o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente« (Hb 13,8).

A Bíblia está cheia de exemplos de como Deus por um lado julga o pecado dos homens e por outro lado protege aqueles que pertencem a Ele. No dilúvio, a humanidade inteira pereceu por causa da sua maldade e somente oito pessoas foram salvas. Da mesma maneira, a maior parte da humanidade perecerá no Juízo Final andou no caminho largo da perdição (Mt 7,13-14). Deus tinha dado a terra prometida para o seu povo, mas durante a saída de Egito, os amalequitas atacaram a retaguarda do povo. Em Deuteronômio 25,17-19, Deus anuncia o juízo em forma de exterminação aos amalequitas; um juízo que Saúl deveria executar mais tarde a comando de Deus (1Sm 15,3). Na época do NT, Deus matou Ananias e Safira porque eles não tinham falado toda a verdade (At 5,1-11). Estes exemplos mostram que Deus leva o pecado muito mais a sério do que pensamos. Ele odeia todo pecado e vai julgar toda a iniquidade. Até hoje, Ele poderia destruir povos inteiros. Nós alemães pecamos contra Deus de uma maneira particularmente grave quando o nosso povo concebeu um programa radical de exterminação do povo de Israel durante o Terceiro Reich. Quarenta anos de divisão da Alemanha e a perda dos territórios do leste são um juízo evidente para este pecado. Deus poderia ter exterminado a nação inteira, mas a sua misericórdia foi tão grande que não o fez, talvez por causa dos crentes que ainda existiam. Sodoma

e Gomorra não teriam perecido, se tivessem existido no mínimo dez crentes (Gn 18, 32). Quando o juízo não acontece imediatamente, isto é a graça de Deus. Um dia, cada um de nós deverá prestar contas sobre a sua vida, tanto os crentes (2Co 5,10) como os descrentes (Hb 9,27; Ap 20,11-15).

PD8: *Criou Deus o mal?*

RD8: Na primeira epístola de João lemos »que Deus é luz, e não há nele trevas nenhuma.« (1Jo 1,5). Deus é absolutamente puro e perfeito (Mt 5,48), e os anjos proclamam »Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos« (Is 6,3). Ele é o »Pai da luz« (Tg 1,17) e assim o mal nunca poderá provir d'Ele. A Bíblia relaciona a origem do mal com a queda de Satanás, que em outro tempo foi um querubim, um anjo da luz e que queria ser »semelhante ao Altíssimo« (Is 14,14). O profeta Ezequiel descreve o seu orgulho e a sua queda:

»Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti. Na multiplicação do teu comércio encheram o teu interior de violência, e pecaste; por isso te lancei, profanado, do monte de Deus, e te fiz perecer, ó querubim cobridor do meio das pedras afogueadas. Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; por terra te lancei, diante dos reis te pus, para que olhem para ti« (Ez 28:15-17).

Porque o primeiro casal dos homens sucumbiu à tentação, eles próprios também se tornaram escravos do pecado. Com isso, o mal achou uma porta para entrar nesta criação. Evidentemente, Satanás conseguiu tomar posse deste mundo: »Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais« (Ef 6,12).

PD9: *É Deus capaz de aprender algo novo?*

RD9: De acordo com a definição, aprender é a absorção de conhecimento anteriormente desconhecido. Como Deus sabe todas as coisas (Sl 139,2; Jo 16,30), não existe nada de novo que Ele possa

aprender. Como Senhor do espaço e do tempo, Ele conhece tudo que está no passado e tudo que está no futuro. Nós no entanto, sempre estamos aprendendo. Deus em sua onisciência, revela na Bíblia acontecimentos futuros por meio de visão profética.

PD10: *Será que Deus viveu mesmo? Será que ele é o Filho de Deus?*

RD10: O anúncio da vinda de Deus para este mundo é uma das afirmações proféticas mais marcantes. O AT predica detalhadamente o local de nascimento Belém (Mq 5,1→Lc 2,4), sua linhagem (2Sm7,16→Mt 1, 1-17), a sua filiação simultânea como Filho de Deus (Sl 2,7; 2Sm 7,14→b 1,5) e como Filho do Homem (Dn 7,13 →Lc 21, 27) Seu ministério (Is 42,7→Jo 9), a razão da sua missão (Is 53,4-5 →Mc 10,45) e a traição por 30 moedas de prata (Zc11,14?→Mt 26,15), seus sofrimentos e morte na cruz (Sl 22→Lc 24,26) assim como a sua ressurreição (Os 6,2→Lc 24,46). O claro lapso de 400 anos entre o último livro do AT e da época do NT dá um peso bastante impressionante às profecias cumpridas sobre Jesus Cristo a respeito da pergunta acima. Também existem fontes fora da Bíblia que testificam da vida de Jesus, como por exemplo o historiador romano *Tácito*, *Suetônio*, historiador e funcionário imperial de alto nível sob *Adriano*, *Talo*, o governador romano da Bitínia na Ásia Menor, e outros mais. Exemplar é um citado do historiador conhecido judeu *Flávio Josefo* (nascido a 37 d.C.):

»Por essa época apareceu Jesus, homem sábio, se é que há lugar para o chamarmos homem. Porque Ele realizou coisas maravilhosas, foi o mestre daqueles que recebem com júbilo a verdade, e arrastou muitos judeus e gregos. Ele era o Cristo. Por denúncia dos príncipes da nossa nação, Pilatos condenou-o ao suplício da Cruz, mas os seus fiéis não renunciaram ao amor por Ele, porque ao terceiro dia Ele lhes apareceu ressuscitado, como o anunciaram os divinos profetas juntamente com mil outros prodígios a seu respeito« (*Antigüidades Judaicas*, XVIII, 3,3, 63a)

Deus próprio confirma que Jesus é seu Filho (durante o batismo: Mt 3,17; e no monte da transfiguração: Mc 9,7), e o anjo anuncia o seu nascimento como o *Filho do Altíssimo* (Lc 1,32).

Durante o interrogatório perante o Conselho Superior, o maior conselho governamental e judiciário em Israel (= sumo sacerdotes, anciões e escribas) sob direção do sumo sacerdote Caifás (Mt 26,63-64; Mc 14,61-62, Lc 22,70) o Senhor Jesus testemunhou ser o Filho de Deus. Igualmente, diversos homens e mulheres da Bíblia testemunham que Jesus é o filho de Deus:

- Pedro: »Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo« (Mt 16,16)
- João: »Qualquer que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus está nele, e ele em Deus (1Jo 4,15)
- Paulo: »Vivo-a na fé do Filho de Deus« (Gl 2,20)
- Marta de Betânia: »Creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo« (Jo 11,27)
- Natanael: »Rabi, tu és o Filho de Deus« (Jo 1,49)
- O centurião romano presente na crucificação: »Verdadeiramente este era Filho de Deus« (Mt 27,54)
- O ministro de finanças da Etiópia: »Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus« (At 8,37)

Até o Diabo sabe que Jesus é o Filho de Deus (Mt 4,3+6), e também os demônios precisam reconhecê-lo como Filho de Deus (Mt 8, 29).

Na época, o fato de que Jesus é o Filho de Deus foi uma pedra de tropeço para os fariseus e sumo sacerdotes (Mc 14,53-65), e também para o povo exasperado. Até hoje continua sendo a ser inaceitável para os judeus e muçulmanos. No entanto, Ele não poderia ser o nosso Salvador e Redentor se Ele somente fôsse um »irmão« (*Shalom ben Chorin*) um »filho entre filhos« (*Heinz Zahrnt*), um homem bom ou reformador social, mas somente por realmente ser o Filho do Deus vivo (Mt 16,16).

PD 11: *Qual é a relação de Deus com Jesus? É uma pessoa só ou que está acima do outro? A quem devemos orar?*

RD11: Com nossa mente limitada não conseguimos compreender Deus. Ele está além do espaço, além do tempo e insondável. Por isso, o primeiro mandamento proíbe-nos de fazermos qualquer imagem visível de Deus. Contudo, Deus »não se deixou a si mesmo sem testemunho« (At 14,17). Ele se manifestou a nós. Ele é *Um* e ao mesmo tempo *Triuno*.

1. *Deus é Um*: Não há outro Deus além do Deus de Abraão, Isaque e Jacó (Êx 3,6): »Eu sou o primeiro, e eu sou o último, e fora de mim não há Deus« (Is 44,6).«Antes de mim Deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá. Eu, eu sou o Senhor, e fora de mim não há Salvador«(Is 43,10-11). Por isso o mandamento diz. »Não terás outros Deuses diante de mim« (Êx 20,3). As imagens de deuses em todas as religiões são vaidade: »Porque todos os deuses dos povos são ídolos« (Sl 96,5); eles saosão »vento e confusão « (Is 41,29).

2. *Deus é Triuno*: Ao mesmo tempo Deus se manifesta a nós como Um em três pessoas. Não se trata de três Deuses diferentes, mas sim de uma harmonia de vontade, ação e natureza divina, como a Bíblia afirma em muitas lugares (por exemplo em 1Co 12,4-6; Ef 1,17; Hb 9,14). Deste Deus Triuno fala-se de três maneiras, distinguindo três pessoas: - Deus, o Pai - Jesus Cristo, o Filho de Deus - o Espírito Santo. Isto fica muito claro no mandamento do batismo segundo Mateus 28,19. O termo »trindade« (do lat. *trinitas* = três) que não aparece em nenhuma parte da Bíblia, é uma tentativa humana de captar o mistério divino com uma palavra.

Em **Jesus**, Deus tornou-se homem: »O verbo se fez carne « (Jo 1,14). Deus tornou-se visível, audível, palpável (1Jo 1,1) e tangível através da fé (Jo 6,69). Deus enviou-nos o Senhor Jesus, e o »propôs para propiciação pela fé« (Rm 3,25). Jesus, portanto tem uma função muito particular em nosso favor. Nós só possuímos a fé salvadora se cremos em Jesus. Ele morreu na cruz por nós, ele expiou o nosso pecado e nos comprou por um alto preço (I Pd 1,18), e por isso devemos invocá-lo para sermos salvos (Rm 10,13). Por intermédio de Jesus temos livre acesso ao Pai (Jo 14,6) e como filhos podemos dizer »Aba, Pai« (Rm 8,15). Jesus é o Filho de Deus, Ele tem a mesma natureza que o Pai: »Eu e o Pai somos um«(Jo 10,30). Por isso, Ele pôde dizer: »Quem me vê a mim vê o Pai« (Jo 14,9). Tomás reconhece perante o ressuscitado: »Senhor meu, e Deus meu« (Jo 20,28). A divindade de Jesus e a sua natureza idêntica ao do Pai se expressam também nos seguintes títulos e obras iguais: Criador (Is 40,28→Jo 1,3), Luz (Is 60,19-20→Jo 8,12), Pastor (Sl 23,1→Jo 10,11), o Primeiro e o Último (Is 41,4→Ap 1,17), Perdoador

de Pecados (Jr 31,34→Mc 2,5), Criador dos anjos (Sal 148,2→Hb 1,6). Filipenses 2,6 também enfatiza a igualdade de Jesus com o Pai. Ao se fazer homem, Ele também tomou a forma humana de servo. Aqui viveu em completa dependência do Pai e o obedeceu em todas as coisas. No contexto da encarnação de Jesus, vemos claramente que o Filho se subordinou ao Pai: da mesma forma que Cristo é a cabeça de todo o homem Deus é a cabeça de Cristo« (1Co 11,3). Mas agora o Senhor Jesus está à destra de Deus e é a »expressa imagem da sua pessoa« (Hb1,3). O Pai deu todo o poder no céu e na terra ao Filho (Mt 28,18) e também todo o juízo (Jo 5,22), Porque sujeitou todas as coisas debaixo dos seus pés (1Co 15,27). Finalmente diz: »E, quando todas as coisas lhe (Jesus) estiverem sujeitas, então também o mesmo Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos« (1Co 15,28).

O Espírito Santo se apresenta a nós como pessoa divina, mas com outras funções que o Filho de Deus. Ele é o nosso Consolador (Jo 14,26) e advogado, e ele nos revela a verdade da Bíblia (Jo 14,17) e intercede por nós perante Deus com a oração como convém (Rm 8,26). Sem ele, nunca seríamos capazes de reconhecer Jesus como o nosso Salvador e Senhor (1Co 12,3b).

Oração: Jesus ensinou os seus discípulos - e com isto também nós - a orar ao Pai (Mt 6,9-13). Quando o apóstolo João cai aos pés do anjo por temor do seu poder e quer adorá-lo, o mensageiro de Deus o impede decisivamente falando: »Eu sou conservo teu e de teus irmãos... Adora a Deus« (Ap 22,9). Da mesma forma é possível que nos dirigemos em oração a Jesus Cristo - e não só é possível como também é um mandamento desde a sua vinda a este mundo. Ele próprio declarou aos seus discípulos: »Até agora nada pedistes em meu nome« (Jo 16,24) e »se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei « (Jo 14,14). Em Colossenses 3,17 está resumido todo o nosso falar e orar - e com isso a nossa oração a Jesus: »E, quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei tudo em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai.« Jesus é o único mediador entre Deus e os homens (1Tm 2,5) e por isso podemos nos dirigir em oração a Ele. Estêvão, o primeiro mártir, nos é descrito como modelo: um homem »cheio do Espírito Santo« (At 7,55). Sua oração

a Jesus foi conservada: »Senhor Jesus, recebe o meu espírito« (At 7,59). Também durante o tempo que Jesus viveu na terra, Ele foi adorado como Deus e Ele o aceitou: O leproso (Mt 8,2), o cego desde nascimento e curado (Jo 9,38) e os discípulos se prostraram perante Ele. Segundo a Bíblia, esta é a forma mais expressa de adoração e veneração. A Bíblia no entanto, não faz referência nenhuma que devemos orar ao Espírito Santo (como por exemplo no hino de igreja »Agora pedimos ao Espírito Santo sobretudo para obtermos a fé correta« de *Berthold de Regensburgo*).

Então: conforme a Bíblia, a oração só pode ser dirigida ao Deus Pai e a Jesus Cristo, o Filho de Deus.

2. Perguntas sobre a Bíblia (PB)

O conjunto de perguntas a seguir, que trata da validade e do caráter obrigatório da Bíblia é fundamental. Por isso, este capítulo aborda apenas cinco perguntas e, de acordo com o peso da temática, temos um apêndice detalhado.

PB1: *A Bíblia foi escrita por homens, portanto tudo é relativo. Como você pode dizer que ela é de Deus e que tudo nela é verdade?*

RB1: Queremos tratar da pergunta a respeito da verdade bíblica com a ajuda de um exemplo escolhido que tem como vantagem de ser compreendido pela matemática. A Bíblia contém 6.408 versículos com indicações proféticas, 3.268 das quais já foram cumpridas enquanto as profecias restantes concernem acontecimentos futuros. Nenhum dos cumprimentos difere da sua predição. Isto não existe em nenhum livro da história do mundo. Aqui temos um valor intrínseco verídico - que também pode ser expresso matematicamente - incomparável. Agora nos perguntamos se é possível que se cumpram tantas profecias por acaso, ou seja, que o seu cumprimento pode explicar-se sem a intervenção de Deus. Para isso, vamos recorrer ao cálculo da probabilidade. No modelo de cálculos a seguir não consideramos que às vezes vários versículos bíblicos servem para descrever uma só profecia, ou que um versículo pode conter várias profecias. Da mesma forma, o cálculo não inclui o fato de que uma afirmação profética é mencionada várias vezes. No entanto, esta simplificação do modelo é compensada amplamente pela formulação para a probabilidade básica.

Adotando a probabilidade básica bastante alta de $p = 0,5$ para a realização *casual* de uma única profecia, pode-se calcular a probabilidade total w para as 3.268 profecias já cumpridas de forma exata com a ajuda da matemática. Esta é de $w = 1,714 \cdot 10^{-984}$. As afirmações proféticas são de tal maneira que a probabilidade que aconteça o evento específico descrito pode ser formulada matematicamente com 1:1.000 a 1 a vários milhões. Portanto, a formulação de 1:2 (= 0,5) é a mais segura. Para comparar números para w , vamos observar alguns sistemas de loteria imaginários. Partindo da probabilidade de acertar 6

números corretos entre 49 casinhas com numeração ascendente na loteria comercial »6 de 49« (que é de 1:14 Milhões), nos perguntamos: Quantas casinhas deveríamos adir a um segundo bilhete de loteria onde também se deve acertar 6 números corretos, para chegar a acertar 6 números corretos para chegar precisamente aquela probabilidade do cumprimento das 3.268 profecias? Qual seria a sua estimativa?

a) O tamanho de uma mesa de pingue-pongue?

Numa área de $A = 1,525 \cdot 2,74 \text{ m}^2 = 4,1785 \text{ m}^2$ podem caber $L = 167.140$ casinhas individuais como as do bilhete da loteria convencional.

b) O tamanho de um campo de futebol?

Numa área de $A = 7.350 \text{ m}^2$ cabem $L = 459.375.000$ casinhas individuais.

c) Ou até a superfície de todo o globo terrestre?

Numa área de $A = 510$ milhões de km^2 cabem $L = 31,3653 \cdot 10^{18}$ casinhas individuais. 10^{18} correspondem a um trilhão ou a um milhão de bilhões.

Se calcularmos a probabilidade de acertar 6 números corretos nas casinhas numeradas da área L , temos como resultado para as áreas mencionadas acima os seguintes valores:

a) $w = 1 : 0,4 \cdot 10^{30}$ (ou seja, $2,5 \cdot 10^{-30}$)

b) $w = 1 : 1,3 \cdot 10^{49}$ (ou seja, $7,69 \cdot 10^{-50}$)

c) $w = 1 : 1,3 \cdot 10^{114}$ (ou seja, $2,5 \cdot 10^{-115}$)

Os valores para w nos mostram que as comparações de a), b) e c) são totalmente insuficientes. O resultado matemático para o número de casinhas é sensacional. Para chegarmos a uma comparação de tamanho deste número deveríamos recorrer ao número total de átomos do universo. Este número de 10^{80} é inconcebível. Isto significaria o número 1 com 80 zeros ou o número 10 mil milhões multiplicado oito vezes consigo mesmo. No entanto, somente chegamos ao número astronômico de $2,74 \cdot 10^{164}$ casinhas daquele super-bilhete de loteria com a ajuda de uma outra comparação inconcebível: Imaginando

tantos universos do mesmo tamanho quantos átomos existem no nosso universo, o número total de átomos de todos estes universos imaginários ainda é 27.400 vezes menor que o número necessário para o bilhete de loteria [G1, 139].

Considerando as observações acima, só podemos defender uma única conclusão: As profecias são de natureza divina, e não podem ser de origem humana. Assim, os cálculos nos levam ao resultado resumido na oração de Jesus ao Pai (muitas vezes erroneamente chamada de »Oração Sacerdotal,« apesar de não se tratar de um ministério sacerdotal, ou seja, a expiação do pecado do povo) a uma fórmula simples: »A tua palavra é a verdade« (Jo 17,17). A Bíblia portanto não pode ser de origem humana mas vale: »Toda a Escritura é inspirada por Deus« (2Tm 3,16). Deus valeu-se de homens escolhidos a quem revelou informações importantes para que estes a documentassem a nós - sem excluir a sua própria personalidade, sua natureza e as suas emoções. Mais informações a respeito desta pergunta encontram-se em três subcapítulos no Apêndice »Princípios básicos a respeito da Bíblia«: I.1 A origem da Bíblia; I.2 A veracidade da Bíblia; I.3 Como comprovar a verdade bíblica.

PB2: *Como posso comprovar que a Bíblia diz a verdade?*

RB2: Não se pode decidir num círculo de discussão se um determinado processo físico formulado matematicamente ou uma reação química descrita acontece sob condições definidas ou não. Só um experimento comprovável pode decidir isto. Ao contrário de todos os escritos de ideologias e religiões, a Bíblia apresenta métodos para comprovar a sua verdade através de experimentos. Quem não se limita a fazer perguntas filosóficas mas quer chegar a uma convicção autêntica, é convidado para um experimento que tem como fiador o próprio Deus:

»Não cesses de falar deste Livro da Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito; então, farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido« (Js 1,8).

Este experimento consiste de três passos:

1. Chegar a conhecer a descrição do experimento: Em primeiro lugar é necessário de se familiarizar com o conteúdo da Bíblia lendo-a intensivamente.

2. Execução do experimento: No segundo passo é necessário de por todas as instruções reconhecidas em prática.

3. Inspeção dos dados experimentados: Todos o homens desejam ser bem sucedidos na vida conjugal e familiar, na vida profissional e no lazer. As perguntas feitas aos conselheiros da imprensa popular dão testemunho deste fato. Nenhum psicólogo conselheiro de casamento, nenhum empresário industrial e nenhum conselheiro político têm receitas que garantissem um resultado de sucesso absoluto. Somente a Bíblia promete sucesso e ações sábias sob as condições mencionadas acima.

Quem faz este experimento sempre chega a um balanço positivo. Não há perda nem risco, ou seja, não existe perda do dinheiro investido como na loteria ou a perda de juros de créditos. Quem arrisca uma vida com a Bíblia, tem a ver com Deus e só terá proveito (mais possibilidades de provas se encontram no Apêndice »Observações a respeito da Bíblia«, I.2 A veracidade da Bíblia).

PB3: *Qual a diferença entre a Bíblia e os demais livros da literatura mundial?*

RB3: A Bíblia distingue-se fundamentalmente dos demais livros da literatura mundial por uma série de aspectos, de maneira que ela representa uma obra original, sem igual e sem comparação.

1. Apesar do período de mais de 1.000 anos durante os quais a Bíblia foi escrita, ela apresenta uma continuidade sem igual: A Bíblia foi escrita por um período de mais de 1.500 anos por cerca de 45 escritores de proveniência e profissões diferentes. Entre eles, por exemplo, temos Moisés, que era formado na universidade, o comandante militar Josué, o primeiro-ministro Daniel, o copeiro-mor Neemias, o rei Daví, o pastor Amós, o

pescador Pedro, o cobrador de impostos Mateus, o médico Lucas e o fabricante de tendas Paulo. Às vezes, as diversas partes da Bíblia foram escritas em lugares incomuns como no deserto (Moisés), no cárcere (Jeremias), no palácio (Daniel), em viagens (Lucas), no exílio (João) e também em todos os estados de ânimo imagináveis como alegria e amor, medo e preocupação, angústia e desespero. Apesar do período de seiscentas gerações que não existe em obra nenhuma e das classes sociais diferentes dos seus autores, a Bíblia apresenta uma temática homogênea e sintonizada. Os escritores abordam centenas de temas com uma harmonia e continuidade surpreendente. Sabemos por experiência que, se pessoas de épocas tão diferentes e com estruturas de personalidade tão divergentes se pusessem a abordar tal complexidade de temas, não se poderia esperar esta unidade. Em particular, o ensinamento bíblico sobre Deus e a sua história de salvação dominam a Bíblia inteira.

2. A Bíblia contém uma ampla diversidade de gêneros literários que não se encontra em nenhum outro livro (Veja: Apêndice »Observações a respeito da Bíblia«, I.5 As afirmações da Bíblia, Princípio Básico B58, Primeira Parte). Entretanto faltam aqueles gêneros literários que não se comprometem à verdade como por exemplo os contos, as lendas e os mitos. Tampouco encontramos as exagerações e subestimações que conhecemos das sátiras, da glosa, das poesias heróicas e das comédias.

3. A Bíblia caracteriza-se por sua diversidade notável. Ao mesmo tempo, ela é um livro de fé, de compilação de leis e também é um livro histórico. Ela fornece os fundamentos para inúmeras áreas de ciências e contém milenas de regras práticas aplicáveis nas mais diversas situações. Ela é o melhor conselheiro de casamento e descreve como nos devemos comportar aos nossos pais e filhos, aos nossos amigos e inimigos, aos nossos vizinhos e parentes, a estranhos, a visitas e aos companheiros da fé (veja mais detalhes na Pergunta PV3). Ela fala sobre a origem desta terra e da vida, sobre a natureza da morte e sobre o fim do mundo, e mostra a natureza de Deus, do Pai, do Filho Jesus Cristo e das obras do Espírito Santo.

4. A Bíblia é o único livro que contém afirmações proféticas

absolutamente dignas de confiança. Estas são de origem divina (I Sm 9,9; 2Sm 24,11; 2Pd 1,20-21) e por isso não se encontram em nenhum outro livro da história mundial (nem no Alcorão, nem nas predições do ocultista francês *Nostradamus*). Os intervalos de tempo entre a documentação e o cumprimento das profecias são tão grandes que nem os maiores críticos podem argumentar que elas foram dadas somente depois de se realizarem os acontecimentos (veja mais detalhes em [G1, 118-148]).

5. A Bíblia é o único livro cujas afirmações cobrem todos os tempos. Nas suas afirmações, a Bíblia se estende do ponto inicial do eixo físico de tempo (Criação) até o seu ponto final (Ap 10,6b). Nenhum outro livro proporciona dados seguros sobre o início do tempo e consegue descrever acontecimentos em volta do ponto final do eixo do tempo. Além disso, a Bíblia fala da eternidade, daquela realidade em que nossas leis limitadas de tempo não têm validade.

6. Nenhuma afirmação da Bíblia provou ser falsa. Nunca as referências científicas da Bíblia teriam que ser revisadas devido a resultados da ciência moderna. Porém, há inúmeros exemplos de que descrições das ciências naturais encontradas na Bíblia foram comprovadas pela ciência vários séculos após a sua documentação (por exemplo o número das estrelas [G7, 15-23] e a forma da terra: [G1, 59-60]).

7. Nenhum outro livro dá uma descrição tão realista do homem como a Bíblia. Não há exagerações cômicas, bibliografias retocadas, nem glorificações de heróis que ocultam ou velam o lado negativo das pessoas. Assim a Bíblia denuncia os pecados dos patriarcas (Gn 12,11-13), o adultério de Davi (2Sm 11) e a desordem nas igrejas (1Co 1,11; 2 Co 2,1-4).

8. Como nenhum outro livro, a Bíblia abrange acontecimentos futuros que ninguém poderia ter imaginado com os conhecimentos da época (como por exemplo laboratórios espaciais e estações orbitais: Ob 4) e inclui nos seus ensinamentos situações que ocorreram muitos anos mais tarde (por exemplo o consumo de drogas: 2Co 6,16-17; e a tecnologia genética: Veja a Pergunta PV10).

Já estas oito características mencionadas provam que a Bíblia é *um livro extraordinário que não se poderia comparar com nenhum outro livro*. O histórico *Philip Schaff* descreve com exatidão o caráter único das Escrituras Sagradas e aquele a quem rende testemunho:

»Esse Jesus de Nazaré, sem dinheiro nem armas, conquistou milhões de pessoas num número muito maior que *Alexandre, César, Maomé e Napoleão*; sem o conhecimento e a pesquisa científica. Ele despejou mais luz sobre assuntos materiais e espirituais do que todos os filósofos e cientistas reunidos; sem a eloquência aprendida nos bancos escolares, Ele pronunciou palavras de vida como nunca antes, nem depois, foram ditas e provocou resultados que o orador e o poeta não conseguem alcançar; sem ter escrito uma única linha, Ele pôs em ação mais canetas, e forneceu temas para mais sermões, discursos, livros profundos, obras de arte e música de louvor do que todo o continente de grandes homens da antigüidade e da atualidade (»Evidência que Exige um Veredicto« - Josh McDowell)

Embora que se possa conhecer com exatidão o número de palavras e letras da Bíblia (por exemplo 783.137 palavras e 3.566.480 letras na versão inglesa *King James Version*), a abundância de pensamentos é incontável. Uma vida inteira não é suficiente para desenterrar o tesouro completo de pensamentos nela contido (Sl 119,162). Por isso, podemos ler a Bíblia inúmeras vezes sem nos aborrecermos. Cada leitura fornece novos descobrimentos e ligações transversais entre os textos. Isto leva-nos a uma conclusão importante: A Bíblia é o único livro divino. Deus garante e autoriza a sua verdade (Sl 119,160; Jo 17,17).

PB4: *Existem ainda hoje mensagens novas que complementam a Bíblia? Por acaso Deus não é maior que as Escrituras para poder falar com alguém de forma direta?*

RB4: Precisamos distinguir duas maneiras através das quais Deus fala: pela Bíblia que é válida igualmente para todos os homens e pela liderança divina de forma individual na vida decada um.

1. Suplementos à Bíblia? Paralelamente ao processo de formação das Escrituras Bíblicas por homens chamados e autorizados por Deus (por exemplo Jr 1,5; Gl 1,12) aparecem também falsos profetas com suas próprias mensagens arbitrárias. Então: »Como sabemos que a palavra não é falada por Deus?« (Dt 18,21). Como resposta Deus dá um critério decisivo para averiguarmos a verdade:

»Sabe que, quando esse profeta falar em nome do Senhor, e a palavra dele se não cumprir, nem suceder, como profetizou, esta é palavra que o Senhor não disse; com soberba, a falou o tal profeta; não tenhas temor dele« (Dt 18,22).

Jesus avisa-nos igualmente do perigo dos falsos profetas e nos indica as características para a sua identificação durante o Sermão do Monte:

»Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores. Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?« (Mt 7,15-16)

Da mesma forma, o apóstolo João também é insistente quando indica o perigo: »Porque muitos enganadores têm saído pelo mundo fora... Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece não tem Deus; o que permanece na doutrina, esse tem tanto o Pai como o Filho« (2 Jo 7+9).

Só a Bíblia é a revelação de Deus. Por fim, Deus falou pelo seu Filho (Hb 1,1) e não haverá revelações suplementares (Ap 22,18). Portanto, não há nada que se possa adir à Bíblia. Até o apóstolo Paulo adverte em seus dias que viriam »heresias destruidoras« (2Pd 2,1) que levariam os homens à perdição com suas doutrinas próprias. As adições e alterações da Bíblia por *Joseph Smith* (Livro Mórmon), *Jakob Lorbeer* (Amigos da Neo-Revelação), *Ch. T. Russel* (Terstemunhas de Jeová), *Mary Baker Eddy* (Ciência Cristã) entre outras, não são mensagens divinas mas lastimáveis caminhos errados de professores falsos e enganadores. Deus não dá revelações adicionais mas somente uma nova luz sobre aquilo que já nos foi comunicado pelo AT e

NT. Assim, a Bíblia continua sendo a única fonte determinante de informações e a única norma pela qual devemos verificar todas as coisas. Também os citados feitos por contemporâneos nossos que iniciam com a fórmula de autorização »O Senhor me falou« exigem um exame rigoroso devido à exposição acima.

2. Deus guia de forma individual: Muitas vezes desejamos que Deus se dirija a nós diretamente numa determinada situação. Embora que Deus poderia fazê-lo, não é assim que ele procede. *Martinho Lutero, John Wesley, Hudson Taylor ou Billy Graham* são notáveis homens de Deus que têm cumprido uma obra extraordinária. Eles têm se apoiado na Palavra de Deus e têm recebido dela o impulso para seu ministério abençoado. Nossa oração »Mostra-me Senhor, Senhor, teu caminho« (Sl 86,11) pede a ação de Deus para a nossa vida. Isto pode ser experimentado, e só mais tarde vemos claramente a obra de Deus. Isso porém acontece em silêncio, sem uma voz audível de Deus.

PB5: *Como se deve julgar o »Código da Bíblia« de M. Drosnin?*

RB5: O jornalista americano *Michael Drosnin* alega no seu livro »O Código da Bíblia« (Editora Cultrix, 1997) que a Bíblia contém um código oculto que agora está descoberto. O texto hebraico dos cinco livros de Moisés (304.805 letras) é lido no computador sem os espaços vazios. Depois, tira-se cada letra na n posição (por exemplo numa distância $n= 2,3,4$ ou $17,35$, etc.) assim produzindo novas sequências de letras. O número de sequências pode ser aumentada com a ajuda de deslocamento, ou seja, não se começa com a primeira letra, mas com uma outra. Depois, se agrupa as sequências originadas desta maneira em blocos com um determinado número de colunas e linhas. Neste número infinito de blocos então se procura sequências de letras que teriam algum significado e às quais se pode inserir indicações proféticas para os nossos dias. Como se deve julgar este método?

Objecções teóricas de informação: 1. Este método é completamente arbitrário e não tem fundamento algum. É praticamente inevitável que num estoque de letras tão vasto e virtualmente inesgotável ocorram nomes e palavras que tenham algum

significado. A possibilidade de acertar estas palavras ainda é dramaticamente incrementada porque se procura para frente e para traz, vertical e diagonalmente, e as letras até podem ser lidas numa mistura arbitrária. Ainda mais: até é permissível ler somente a segunda letra em uma determinada direção.

2. A maior parte das fileiras de letras é simplesmente entulho no qual não se encontra elementos significativos, mesmo com uma mudança constante de métodos. Além disso a particularidade da língua hebraica de não ter por escrito certas vogais contraria este jogo de letras. Até por isso é que se aumenta a possibilidade de acertar palavras com algum significado.

3. No método de *Drosnin* os sinais são sempre extraídos da mesma fonte. Assim, a frequência de letras não é alterada. A ocorrência casual de palavras da língua hebraica portanto é mais provável do que se houvesse uma outra fonte com distribuição diferente.

4. O termo «Código Bíblico» para os jogos estatísticos de *Drosnin* é enganador porque um código pressupõe a existência de um só emissor (originador) [G5, 67-80]. Todas as seleções de letras observadas no entanto devem ser vistas como seqüências de puro acaso. Por princípio elas não podem ser decifradas porque não têm significado. Por isso, tudo o que *Drosnin* tenta ler é puramente arbitrário e completamente sem intenção do emissor.

5. O matemático australiano *Brendon McKay* aplicou o processo do «Código Bíblico» ao Romance «Moby Dick» e conseguiu ler resultados «sensacionais» com este método. Desta forma ele demonstrou que o resultado não depende da fonte usada. Quando existe um estoque de letras suficientemente grande pode-se achar tudo o que se procura. *Drosnin* simplesmente ignora palavras que não assentam bem no consenso intencionado. Incidentalmente, *McKay* achou a palavra *Drosnin* bem próxima à palavra «liar» (= mentiroso).

Objecções bíblicas: 1. A mensagem central da Bíblia é a história da salvação de Deus com o homem. Ele mostra-nos quem

é Deus e quem é Jesus Cristo, e como achamos salvação e com ela a vida eterna. Acontecimentos políticos sensacionais não fazem parte da temática bíblica. Porém é aqui mesmo que *Drosnin* inicia a sua procura, contrariando assim a intenção bíblica da revelação. Portanto, as supostas mensagens decodificadas não têm lugar no contexto bíblico.

2. As palavras descobertas organizadas arbitrariamente por *Drosnin* não têm nenhuma estrutura de ordem e também não formam frases completas. No entanto, é o anseio do Bíblia de se expressar com frases compreensivas para entendermos o seu significado com facilidade (Ef 5,17). Deus revelou-se na sua Palavra (que pode ser lida diretamente!) (2Tm 3,16; Gl 1,12; 2Pd 1,21) e não em jogos misteriosos de computador. A mensagem da Bíblia é posta de uma maneira que até os que estão no início da sua caminhada com a fé possam entendê-la (1Pd 2,2). Portanto, ela não pode ser posta num código secreto apenas decifrado no final do século XX.

3. *Drosnin* pinta uma imagem deformada de Deus que contraria a Bíblia. Ele escreve por exemplo: »Muito mais parece que ele (o Código) origina de um ser gentil mas não onnipotente que nos queria avisar de perigo para nos dar a possibilidade de nos protegermos« (p. 108). O Ano 2012 é posto em relação ao cometa que vai »destruir a Terra« (p. 161). De acordo com a Bíblia, o fim do mundo de forma alguma será causado por um cometa, mas sim pelo juízo de Deus (2Pd 3,7 + 10). A respeito da hora exata (2Pd 3,10) ninguém - muito menos o »Código Bíblico« - pode dizer o ano em que vai ocorrer o final do mundo.

4. *Drosnin* escreve: »Não sou religioso nem acredito em Deus« (p. 191). A revelação de Deus porém acontece somente a pessoas que crêem e confiam n'Ele (Amós 3,7). Por isso, podemos dizer que *Drosnin* é um falso profeta.

Concluimos : O »Código Bíblico« tem como método um jogo de letras arbitrário que ignora aspectos teóricos de informação que são fundamentais. Este conceito baseado simplesmente no sensacionalismo abre a porta para especulações irresponsáveis. As afirmações de *Drosnin* baseadas em fragmentos contrariam

a natureza da revelação bíblica como tal e se opõem a Deus e à sua mensagem.

3. Perguntas sobre a Criação, a Ciência e a Fé (PC)

PC1: *É possível a transformação de matéria inerte em organismos vivos?*

RC1: A separação nítida de outrora entre a química anorgânica e orgânica aconteceu por uma razão decisiva: Na natureza não influenciada por fatores alheios, as composições orgânicas acontecem através da atividade dos organismos. Com a morte do organismo, inicia-se o processo inverso: As substâncias orgânicas se decompõem em seus componentes anorgânicos. Quando em 1828, o químico alemão *F. Wöhler* transformou cianato amônico, que é claramente anorgânico, em uréia que é um composto orgânico, esta distinção básica parou de existir. Graças a atividades sistemáticas e orientadas a esta meta, estamos hoje em condições de sintetizar vários compostos orgânicos. Aqui, o conhecimento da química e das técnicas de procedimento é indispensável, ou seja: o emprego do intelecto. Observando os seres vivos do ponto de vista físico-químico constatamos que em plantas, animais e no homem não existem processos que contradissem fenômenos físicos e químicos fora dos organismos vivos. As leis naturais conhecidas aqui também têm validade absoluta. Portanto, a princípio não existe uma diferença entre a matéria morta e a matéria dos organismos vivos a nível da química e da física. As formulações neo-darwinistas sobre a formação dos primeiros seres vivos na atmosfera da sopa orgânica primitiva vão além deste conhecimento, afirmando que existe uma transição relativamente fácil e pouco problemática da matéria morta para os organismos vivos. Um organismo vivo porém, não pode ser confundido com a matéria em seres vivos. Não se pode compreender a aparência panorâmica do organismo adequadamente quando vista somente sobre o aspecto da explicabilidade isolada dos seus componentes individuais. Como ingrediente importante os organismos contêm **informação**, aquela dimensão intelectual que a matéria não pode produzir por si mesma. A informação é responsável pelo desenvolvimento dos seres vivos na sua determinada forma e pela sua reprodução. Na natureza inanimada não existe o princípio da reprodução (baseada na informação gravada). *A informação pois, é o critério característico para*

distinguir claramente um organismo vivo da matéria inerte. Da mesma maneira, o desenvolvimento de uma forma individual – contrastando da formação de cristais – tem nada a ver com uma regularidade estrutural condicionada pelas leis da físico-química. O fenômeno da *vida* é uma qualidade que está além da física e da química. Precisamente os assim chamados experimentos da evolução que deveriam provar a origem da vida como um fenômeno meramente físico-químico confirmam esta posição: *Informação nunca pode ser originada num experimento físico-químico!*

- Nos experimentos muitas vezes citados de *Miller*, conseguiu-se sintetizar alguns aminoácidos, os constituintes básicos das proteínas, mas em nenhum momento se produziu informação. Com isso, a tentativa não qualifica como experimento evolucionário.
- O hiperciclo esboçado por *M. Eigen* é um experimento meramente mental sem confirmação experimental alguma. Através de assim chamadas »máquinas de evolução« *Eigen* quis transposicionar a evolução ao nível experimental. Na revista alemã »Bild der Wissenschaft« (Vol. 8, 1988, p.72) ele declarou que: »Nas nossas máquinas desenvolvemos vírus de bactérias... Este projeto já teve sucesso. Em apenas três dias conseguimos isolar uma mutante que apresentou a resistência adequada. O exemplo mostra que é possível imitar um processo de evolução dentro de um laboratório.« Afirmações como essas dão a impressão que aqui se trata de um experimento bem sucedido, quando que na verdade se partiu de seres vivos já existentes. Aqui, tampouco se originou informação, mas sim foram feitos experimentos com informação já existente. Por isso, não se pode fazer uma constatação a respeito da criação de informação.

Devemos registrar um fato significativo: *Em nenhum laboratório do mundo até hoje, se conseguiu »produzir« organismos vivos partindo de matéria orgânica inanimada.* Este fato ainda é mais notável quando tomamos em conta as numerosas possibilidades de manipulação desenvolvidas pela biotécnica. É significativo que a biotécnica sempre parte da matéria viva e meramente tenta manipulá-la. Evidentemente, o abismo entre

os processos químico-técnicos e a biotécnica são insuperáveis. Até se um dia fôsse possível superar este abismo após infatigável atividade investigativa e emprego de todo o conhecimento, apenas se comprovaria que a vida se explica com o emprego do intelecto e da atividade criadora.

PC2: *Qual é a idade da terra, qual a idade do universo? Existe um método científico para determinar a idade da terra? Qual a sua opinião a respeito do método »Carbono-14«?*

RC2: Até hoje não se conhece um método físico sequer para determinar a idade da terra ou do universo. Por que não? Na natureza não existe um relógio (em forma de um acontecimento que possa medir o tempo) que esteja em função desde a criação do mundo. À primeira vista, a desintegração radioativa de átomos instáveis parece ter a capacidade de funcionar como relógio. Cada isótopo instável de um elemento químico tem as sua meia vida individual. Esta é o período de tempo T dentro do qual o número de átomos existentes se reduz à metade por desintegração radioativa. Dos 320 isótopos existentes na natureza, 40 são radioativos. Na determinação radiométrica do tempo se parte de um efeito físico. Aqui se distingue entre os *relógios de ação demorada* e os *relógios de curto tempo*. Entre os primeiros temos:

- Relógios Urânio-Chumbo e Tório-Chumbo: $T = 4,47 \cdot 10^9$ anos para Urânio-238 (^{238}U)
- Relógio Potássio-Argônio: $T = 1,31 \cdot 10^9$ para Potássio-40 (^{40}K)
- Relógio Rubídio-Estrôncio: $T = 48,8 \cdot 10^9$ para Rubídio-87 (^{87}Rb)

O relógio para curto tempo é:

- ^{14}C (C-14) com $T = 5.730$ anos.

No tratamento matemático das equações físicas de desintegração no entanto, sempre temos uma equação menos que as incógnitas contidas no sistema. Um sistema como este é matematicamente insolúvel. Fisicamente isto significa: A quantidade inicial do material de desintegração é desconhecida porque não

se sabe quantos átomos estão contidos no ponto inicial de formação. Além disso, existe o *método de isocrônas* que procura evitar saber a quantidade inicial usando somente as amostras congenéticas. A incerteza aqui é de que não há critérios *a priori* para definir se uma amostra pertence a uma coletividade congenética ou não.

Um pouco diferente é o caso do método ^{14}C . Aqui, pode-se determinar o valor inicial através da dendrocronologia. (método que se baseia na contagem dos anéis de crescimento das árvores). Como as árvores mais velhas têm mais ou menos 5000 anos de idade, é possível calcular a quantidade inicial para cada idade respectiva a cada anel de crescimento. A planta mais antiga conhecida é o pinho de tronco tortuoso (*Pinus aristata*) no estado de Nevada nos Estados Unidos da América, com 4.915 anos (contagem feita em 1989). Por meio do número de anéis de crescimento se consegue estabelecer uma curva de calibração que permite - através de comparação - determinar a idade de uma amostra cuja idade é desconhecida. O método ^{14}C só se pode aplicar a um período de poucos milênios. Os assim chamados milhões de anos citados no contexto da teoria evolucionária não se baseiam em medidas físicas exatas mas em uma certa »escala geológica de tempo,« que parte da hipótese de que o período de duração da formação geológica seria proporcional à crosta sedimentária mais grossa encontrada na terra. Esta teoria pressupõe que a velocidade máxima de sedimentação sempre foi contínua e desinterrompida para todas as formações. Até sob ponto de vista evolucionário esta suposição é inaceitável, e ela vale ainda menos quando se toma em conta o dilúvio universal!

Constatamos: Grandezas físicas (como por exemplo o tempo) só podem ser medidas em valores absolutos quando é possível determinar um efeito físico durante um certo processo e quando este valor medido é incluído num conjunto de uma série de unidades definidas - com a ajuda de uma norma padrão de aferição (curva de calibração ou escala aferida). Quando submergimos um termômetro de mercúrio sem escala de temperatura em água quente, o mercúrio dilata mas não podemos determinar a temperatura absoluta. Somente através de medição comparada

com um termômetro calibrado é que obteríamos o valor real da medição. O »instrumento padrão« faz falta nos relógios de ação demorada (por exemplo em forma de um processo natural onde seria possível determinar períodos de tempo).

A história profana *comprovável* mais antiga começa na Ásia Menor e no Egito em torno do ano 3000 a. C. (é notável que este período de tempo concorda perfeitamente com a idade das árvores mais velhas!). Sem dúvida, é na Bíblia que encontramos os dados históricos mais antigos, de maneira que ela volta até o primeiro par de homens criados por Deus. Na Bíblia, a documentação consequente das genealogias nos proporciona um marco de tempo comprovável e fiável desde a criação. Mesmo considerando que as documentações genealógicas da Bíblia nem sempre sejam completas, ainda chegamos a uma idade da terra de vários milênios mas não milhões de anos como supõe a teoria da evolução. Com exclusão da diferença dos dias da criação, há concordância absoluta entre a idade da terra, do universo e do início da humanidade.

PC3: *Num universo tão jovem, como é possível que a luz de objetos que estão a milhões de anos luz de distância já tenha chegado a terra? Não deveríamos assumir que a terra tem uma idade que no mínimo corresponde ao tempo que um raio de luz leva para chegar de lá para cá?*

RC3: As afirmações contidas na pergunta acima são conclusões que podemos fazer partindo da situação *atual*: a luz com seus 300.000 km/s (o valor exato de 299.792.458 m/s foi definido na décimossétima »Conferência Geral de Pesos e Medidas« em 1983) é uma velocidade elevada com respeito a sua extensão, no entanto é limitada. Cada estrêla que vemos *agora*, portanto não nos informaria sobre a sua existência atual mas sobre um passado do qual testificam os seus próprios raios que chegam a nós neste momento. Uma conclusão (ilícita!) é portanto: Como existe estrêlas que estão a vários mil milhões de anos luz de distância, elas deveriam ter estes milhões de anos de idade. Para esclarecer este modo de pensamento, devemos que considerar dois fatores de significância decisiva:

1. *Distância em lugar de tempo*: Da mesma forma que o metro,

o ano luz não é uma medida de tempo mas sim uma medida de distância! Um ano luz equivale à distância de 9,46 bilhões de quilômetros. Esta é a distância que a luz percorre em um ano. (Da mesma forma se pode indicar o tempo que a luz demora para recorrer a distância de um metro. Ela demora 1/299.792.458 segundos. De resto, a definição antiga do metro por meio do comprimento de ondas foi substituída por esta definição do tempo do ciclo da luz). Havendo uma distância a entre dois objetos A e B, não podemos deduzir nada sobre as suas demais condições (por exemplo a sua idade) pelo mero conhecimento da distância.

2. Raciocínio criacionista: o livre acoplamento da distância ao tempo é um resultado do pensamento evolucionista, que pressupõe uma quantidade ilimitada de tempo tanto para o passado quanto para o futuro. Do ponto de vista bíblico no entanto, o eixo de tempo tem um ponto inicial definido que é marcado com o primeiro versículo da Bíblia e que data apenas poucos milênios (não milhões de anos!). Na física, uma extensão do eixo de tempo além deste marco inicial é inadmissível. Desprezar este fato é igual a estabelecer a nossa existência antes do momento da nossa concepção. Para continuar analisando a pergunta feita acima, vamos estudar a semana da criação com o modo de pensar mencionado anteriormente. As estrelas foram criadas no quarto dia da criação (Gn 1,14-16). Segundo à objeção acima, depois de completada a criação, não haveria tido um sequer estrela no céu. A estrela mais próxima da terra, a α -Centauri (ou seja: *Proxima Centauri*) está a uma distância de 4,3 anos luz da terra. Isto significa que ela só poderia ser vista da terra 4,3 anos após a criação. A estrela seguinte seria a estrela de Barnard (distância de 5,9 anos luz), etc. Todavia, este processo não estaria concluído até hoje, porque cada ano a luz de um número cada vez mais elevado de estrelas chegaria a nós de acordo com a sua distância à terra. Isso porém, contradiz às observações astronômicas.

De acordo com este modo de pensar, Adão teria visto um céu noturno completamente negro durante 4,3 anos e só depois de se passarem mais 1,6 anos teria visto a segunda estrela. Segundo a esta teoria, Abraão, que provavelmente viveu a cerca de

2000 anos depois da criação, nem sequer teria visto as estrelas mais luminosas do nosso sistema galáctico, e muito menos estrelas de outras galáxias, porque a nossa via-láctea tem uma extensão de 130.000 anos luz. Mas Deus mostrou a número incomensurável de estrelas *visíveis* a Abraão para que este se maravilharia: »Olha para os céus e conta as estrelas, se é que o podes« (Gn 15,5).

Segundo a Bíblia, este modo de pensar de »número de anos luz = idade mínima de estrelas« é portanto errôneo. Achamos a solução bíblica deste problema em Gênesis 2,1-2: »Assim, pois, foram acabados os céus e a terra e todo o seu exército (=todas as estrelas!). E, havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito.« O Novo Testamento também testifica o mesmo: »Embora, certamente, as obras estivessem *concluídas desde a fundação do mundo*.« (Hb 4,3). Com o final da semana da criação, tudo estava concluído completamente. Isso também inclui que as estrelas podiam ser vistas da terra, porque todas as obras podem *ser vistas desde* a criação (Rm 1,20). Faz parte da natureza da criação que não devemos transferir todas as leis da nossa experiência atual para o tempo da criação. »Completo« significa terminado em todos os sentidos: o raio de luz das estrelas tinha sido criado da mesma forma que as próprias estrelas, ou seja, até a luz das estrelas mais distantes já tinha »chegado« na terra. Devemos considerar: Com os nossos esforços através das ciências físicas e naturais (pensar e pesquisar) podemos retroceder no tempo no máximo até o final da semana da criação. Somente podemos compreender os acontecimentos durante a semana da criação por meio do estudo dos detalhes revelados na Bíblia.

PC4: *Qual era a atitude de Darwin diante de Deus?*

RC4: Depois de abandonar os seus estudos de medicina, Darwin estudou teologia (1828-1831) seguindo o conselho do seu pai mesmo que se interessava por outra área. No seu livro »Da Origem das Espécies por Seleção Natural« ele escreve: »Há grandeza neste modo de ver a vida, com as suas potencialidades, que o sopro do Criador originalmente imprimiu em algumas formas ou numa só; e assim, enquanto este planeta foi girando de acordo com a lei imutável da gravidade, a partir de um iní-

cio tão simples evoluíram inúmeras formas mais belas e mais maravilhosas.« Esta formulação de *Darwin* parte meramente de uma vaga idéia deísta de Deus, segundo a qual Deus é o autor do desenvolvimento geral cósmico e biológico, mas ignora a sua posição pessoal com o homem e as afirmações bíblicas sobre a criação. Quando afirma que o homem »leva impressa a inestinguível marca da sua origem animal«, *Darwin* manifesta claramente o seu relacionamento rompido com a Bíblia. *Darwin* via a ideia da evolução estabelecida por ele mesmo como uma alternativa para a revelação bíblica, e assim confessa na sua autobiografia: »Durante este tempo, pouco a pouco cheguei à convicção de que o Antigo Testamento pela sua história do mundo obviamente falsa... não era mais crível que os livros atuais dos hindús ou os conteúdos das crenças dos bárbaros... pouco a pouco, cheguei a recusar o cristianismo como revelação divina.« Esta convicção foi se esforçando nas décadas a seguir:

»Assim, muito lentamente, se foi apoderando de mim a incredulidade, até que ao final foi total. Isto ocorreu tão lentamente que me causou inquietude, e desde então não tenho duvidado um segundo sequer que a minha decisão foi certa. De fato, mal consigo entender como alguém poderia desejar que o cristianismo fôsse verdade.«

Enquanto que *Darwin* - fechando-se completamente para a revelação bíblica – ainda partia de um deísmo vago (ou seja, considerando Deus como um Ser impessoal), *Ernst Haeckel* deu o passo para o ateísmo total ao postular »que os organismos se formaram unicamente por via físico-química.« Entre seus seguidores estão os neodarwinistas *M. Eigen*, *C. Bresch*, *B.-O. Küppers*, que com seu modo de pensar reducionista da auto-organização da matéria seduzem muitas pessoas a adotar uma ideologia ateísta ou deísta e portanto antibíblica.

PC5: *Nos esportes de alta eficiência, os atletas constantemente melhoram o seu rendimento que antes não foi possível. Isto não indica que existe evolução?*

PC5: *Numa matéria concluidora sobre os XXIV Jogos Olímpicos em Seoul, o jornal alemão »Braunschweiger Zeitung« resumiu no dia 3.10.1988:*

»Os jogos se sobressaíram pelos 38 récores mundiais estabelecidos. Os limites da capacidade humana se redefiniram na metrópole sulcorreana. A miséria se personifica no nome do corredor deshonrado canadense que foi desmascarado como defraudador após bater o récore na sua vitória olímpica. Até domingo, o Comitê Olímpico Internacional só conseguiu descobrir dez casos de influência ilegal de rendimento. Mas o número de casos de abuso não detectados é muito maior. Por isso a sombra de dúvida paira sobre os muitos récores de Seoul. – Os jogos produziram grandes atletas: a nadadora *Kristin Otto* de Leipzig, hexa-campeã olímpica; o nadador americano *Matt Biondi*, condecorado com cinco medalhas olímpicas de ouro; o rei da ginástica e tetra-campeão russo *Wladimir Artemow*, a estrêla atlética americana *Florence Griffith-Joyner* com seus triúfos nas corridas de 100 e 200 m e na corrida de estafetas. Sem dúvida, *Steffi Graf*, que completou o »Golden Slam« com a sua vitória olímpica e com isso produziu um rendimento singular neste século, também tem o seu lugar na galeria das grandezas olímpicas.«

É verdade que os récores mundiais nos esportes de alta eficiência sempre estão sendo superados. Até descontando os casos de dopagem se nota um melhoramento nos resultados. Porém devemos que tomar em conta que os recordes alcançados são o resultado de intensa investigação esportiva e a sua aplicação em duríssimos métodos de treinamento. Os resultados máximos alcançados não são hereditários. Quando cessa o treino, não se pode continuar com estes mesmos resultados.

No sistema evolucionário no entanto, se precisa de um mecanismo que por si próprio realiza um melhoramento de geração a geração. Segundo à ideia evolucionista, tal mutação e seleção devem ser a força matriz do desenvolvimento superior. Estas porém, não seguem plano nem objetivo algum. Muito mais, existe uma outra lei na matéria: a lei da inércia, da passividade, da desvalorização da energia e da tendência de se nivelar. A vida no entanto, sempre é sujeita a um plano: até às estruturas mais minúsculas das macromoléculas. Ninguém duvidaria que a construção dos computadores atuais se baseia em planos complicados. Mas mesmo as arquiteturas mais complexas de

calculadores são um brinquedo infantil em comparação com aquilo que funciona em cada célula viva e portanto é submetido a um plano em alto nível.

PC6: *Podemos tomar a Bíblia a sério se ela usa concepções do mundo antigas que já foram superadas há tempo?*

RC6: A Bíblia nunca faz uso de concepções do mundo daquele tempo (veja também B59). Pelo contrário: a teologia liberal interpreta os textos bíblicos à luz dos conceitos do Antigo Oriente. A. Läpple atribue tal concepção do mundo à Bíblia, quando descreve a sua origem como mera vontade humana:

»Se pensava que a terra era um disco redondo e plano. Ela é o centro da criação e é rodeada pelas »águas inferiores«, pelos dilúvio e pelo oceano primitivo... acima do disco terrestre se estende o firmamento como uma cobertura onde estão fixados o sol, a lua e as estrelas como lâmpadas. Sobre o firmamento pairam as »águas superiores« que podem escorrer sobre a terra como chuva por janelas ou represas« (»A Bíblia Hoje«, Ed. Paulinas).

Bastam apenas poucos versículos da Bíblia para invalidar estes prejuízos e para mostrar a natureza realista das afirmações bíblicas, ainda *antes* que a forma da terra hoje comprovada se tornou conhecimento geral em nossos dias.

Em Jó 26,7 lemos: »Ele estende o norte sobre o vazio e faz pairar a terra sobre o nada.« A terra não flota num oceano primitivo nem descansa sobre um fundamento sólido. Muito mais, ela está suspensa livremente sobre um vácuo que a cerca de todos os lados. A Bíblia também fala sobre a forma da terra de maneira direta e indireta, ainda que isto não seja sua intenção primária.: »Ele é o que está assentado sobre a redondeza (em hebraico *chug* = círculo ou globo) da terra« (Is 40,22).

A forma esférica da terra é expressa claramente nos textos sobre a volta de Jesus. Como o Senhor aparecerá *subitamente* (Mt 24,27) e visivelmente para todas as pessoas *ao mesmo tempo* (Ap 1,7), para a humanidade será dia num hemisfério e para os

que vivem no hemisfério oposto será noite. É precisamente isto que o texto de Lucas 17,34+36 reflete como efeito secundário: »Digo-vos que, naquela *noite*, dois estarão numa cama; um será tomado, e deixado o outro; dois estarão no campo; um será tomado, e o outro, deixado.« As situações simultâneas de noite e dia na terra são marcadas pelo trabalho no campo e o repouso noturno, dependendo somente da posição da terra em rotação neste momento. Também Zacarías (cap. 14,7) testifica da vinda do Senhor não segundo ao conceito do mundo da sua época mas segundo à realidade: »Mas será um dia (=data) singular conhecido do Senhor; não será nem dia nem noite(=então noite e dia estão suspensos), mas haverá luz à tarde.«

PC7: *O que podemos dizer sobre a estrutura do nosso universo?*

RC7: Partindo exclusivamente de uma teoria de evolução cósmica, se tem procurado descobrir a estrutura do universo sempre com a ajuda de novas hipóteses e modelos. Entre os »Profetas das novas Cosmologias« – assim chamados por *Heckmann* – temos *A. Friedmann, A. Einstein, E. A. Milne, P. Jordan, F. Hoyle, G. G. Gamow, A. A. Penzias e R. W. Wilson.*

Todos os esforços científicos de pesquisar a estrutura espacial do universo (por exemplo se é aberto ou fechado, limitado ou ilimitado, de três ou quatro dimensões, com curvatura positiva ou negativa) até hoje têm fracassado. O astrônomo conhecido *O. Heckmann* declara em relação a estes esforços no seu livro »Sterne, Kosmos, Weltmodelle« (»Estrêlas, Cósmos, Modelos do Mundo« p.129 - a trad.) como segue: »O gênio inventivo do intelecto humano não é pequeno, portanto a produção das concepções do mundo é tão grande que recentemente um crítico creu em poder afirmar que o número das teorias cosmológicas seria inversamente proporcional ao número dos fatos conhecidos.« Neste contexto, o astrofísico *V. Weidemann* de Kiel, Alemanha, chega a uma conclusão importante no »XVI Congresso Mundial de Filosofia« em Düsseldorf (1978):

»A cosmologia se baseia em mais suposições filosóficas que todos os outros ramos das ciências naturais juntos. Se, por outro lado, somos forçados a reforçar as fronteiras daquilo que

chamamos de ciência sem poder ter esperanças de responder questões fundamentais da cosmologia pelo método científico, então temos que admitir que o universo é inteiramente incompreensível. A ciência deve que aceitar que existem perguntas que não se pode contestar. O que permanece é uma teoria sobre os nossos conhecimentos.«

A Bíblia verifica o mesmo. Encontramos o versículo central chave a respeito da insondabilidade do universo em Jeremias 31,37: »Assim diz o Senhor: Se puderem ser medidos os céus lá em cima e sondados os fundamentos da terra cá embaixo, também eu rejeitarei toda a descendência de Israel, por tudo quanto fizeram, diz o Senhor.« Aqui, Deus junta os resultados da investigação astronômica e o futuro de um povo – ou seja, duas circunstâncias completamente independentes uma da outra – formando assim uma afirmação comum. Uma parte da afirmação consiste na promessa divina de fidelidade com Israel, e a outra parte é completamente correlacionada com a primeira: Mesmo com maior aparato, a investigação astronômica e a investigação geofísica jamais serão capazes de explorar a estrutura do universo e a natureza do interior da terra. Como a promessa divina a Israel é irrevocável, vale com a mesma segurança que os objetivos investigativos da astronomia e geofísica nunca serão alcançados. Assim o objetivo declarado de *Stephen W. Hawking*, astrofísico britânico paralizado, continua utopia: »A resposta a esta pergunta« escreve ele, »seria o triunfo definitivo da razão humana« (»Eine Kurze Geschichte der Zeit« Rowohlt, 1988, »Uma história curta do tempo« - a trad.).

PC8: *Quanto tempo durou um dia da criação?*

RC8: Esta pergunta têm sido objeto de discussões calorosas porque se desenvolveram demasiadas teorias a respeito da mesma que se contradizem de acordo com os diversos pontos de vista. Chegamos a uma resposta de forma mais rápida quando esclarecemos, em primeiro lugar, as fontes de informação em questão. Nenhuma das ciências convencionais dispõe de dados relevantes baseados em observação ou fatos que pudessem ser interpretados. A única afirmação relacionada a este problema é nos dada por Deus na Bíblia, isto é, no relato da criação e nos mandamentos do Sinai.

O relato da criação segue uma ordem cronológica restrita onde as diversas obras são executadas em seis dias consecutivos. Também aqui a Bíblia prova ser um livro exato (compare Princípio Básico B 80 no Apêndice, Parte I) porque quando usa uma unidade física, ela também menciona o método de medição correspondente a ela (Gn 1,14). Com isso, a duração de um dia – satisfazendo também as exigências científicas – é definida com precisão: É aquele período de tempo astronômico que é determinado pela duração da rotação da terra, que equivale a 24 horas. Nos Dez Mandamentos do Sinái, Deus determina os seis dias de trabalho e o dia de descanso do homem fazendo referência à semana da criação: »**Seis dias** trabalharás... Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus; não farás nenhum trabalho... Porque, em **seis dias**, fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou» (Êx 20,9-11).

Apoiando-se no ensino da evolução, se reinterpreta os dias da criação como longos períodos de tempo. Assim se toma a passagem bíblica de Salmos 90,4 »Pois mil anos, aos teus olhos, são como o dia de ontem que se foi» e a insere em Gênesis 1 como uma forma matemática. (Salmos 90, assim como 2 Pedro 3,8 tratam de Deus como o Eterno que não está sujeito a um prazo de tempo). Esta matemática bíblica proporciona a desejada dilatação de tempo evolutiva de 1:365.000, mas ela deve ser condenada como antibíblica. Se fôsse legítima, teríamos o mesmo direito de aplicá-la a Mateus 27,63, de maneira que subitamente este versículo se tornaria: »Depois de três mil anos eu ressuscitarei.« Jesus, porém ressuscitou no terceiro dia, exatamente como ele tinha anunciado. Os críticos têm objetado que não é necessário crêr que Deus criou a terra em seis dias para obter a salvação. A esta afirmação eu costumo responder: »Você acredita que Jesus ressuscitou depois de três dias?« Geralmente a resposta é positiva. Então continuo a concluir: »Não é necessário para a minha salvação que Jesus ressuscitou após três dias. Porque então fazemos tantas diferenças com uma só Bíblia? Em uma coisa nós crêmos, mas na outra não temos confiança?« Mais argumentos para a semana da criação e objeções para a nova interpretação arbitrária dos dias da criação em épocas de tempo são tratados extensamente em [G2, 13-55].

PC9: *Existem dois relatos contraditórios da criação?*

RC9: Além dos dois primeiros capítulos da Bíblia, muitas outras partes da Bíblia tratam de afirmações da temática da criação. Todos os relatos se complementam entre si e em conjunto transmitem uma descrição detalhada do ato de criação por Deus. Na convivência do homem com a Bíblia existem duas atitudes gerais que não harmonizam: a concepção fiel à Bíblia e a concepção crítica à Bíblia. A decisão prévia em favor de uma ou outra atitude não acontece somente no NT durante a interpretação da ressurreição de Jesus ou dos seus milagres; a divisão entre estes dois tipos totalmente divergentes da compreensão das Escrituras Sagradas já acontece no início da Bíblia.

1. Concepção fiel à Bíblia: o relato da criação segundo a Gênese 1 e 2 (como as partes restantes da Bíblia que, de acordo com 2 Timóteo 3,16, foram redigidas sob direção divina) não é uma invenção humana, mas Deus mesmo é o originador desta informação. Nenhum homem foi testemunha do ato de criação de Deus, e assim somente Ele pode nos comunicar através de revelação como e durante quanto tempo, em que ordem e de acordo com que princípios ele criou. Um forte contraste a esta concepção é a ideia diretriz a seguir:

2. Concepção crítica à Bíblia: Segundo esta concepção, o relato da criação deve ser dividido em duas partes - Gênesis 1-2a e 2,4b-2,25 – que são atribuídas a autores humanos diferentes - Eloísta (fonte mais recente) e Jeovaísta (fonte mais antiga) - que teriam meditado sobre a origem do mundo e da vida nas suas próprias reflexões. Após o exílio babilônico, as partes individuais teriam sido reunidas em um compêndio. Para apoiar esta hipótese de duas fontes, os críticos insistem em encontrar contradições e épocas de criação diferentes nos dois relatos da criação. Como argumentos principais se destacam os seguintes:

- a) Os relatos diferem pelos nomes distintos de Deus (Elohim, Jahvé)
- b) Os textos se contradizem quanto à sequência da criação:

»Plantas-animais-homem« (no primeiro relato) e

»Homen-plantas-animais« (no segundo relato).

Contra estes pilares da hipótese crítica à Bíblia, há de se fazer objeções decisivas:

Contra a): Na Bíblia, Deus se revela como Pai, Filho e Espírito Santo com mais de 700 nomes diferentes (veja também Pergunta PD3) para nos comunicar a riqueza da sua natureza. Querer classificar os diversos nomes de Deus como originando de diversos autores – segundo à concepção acima o número seria de no mínimo 700 autores – é uma imputação arbitrária, que não cabe no contexto do testemunho geral da Bíblia.

Contra b): Com Gênesis 2,4b, não inicia um segundo relato de criação que origina de uma outra fonte, mas aqui se descreve em extenso um detalhe: o da criação do homem. Se trata de um relato paralelo a Gênesis 1-2,3 com um outro objetivo facilmente reconhecível, a saber, o ponto de ênfase da afirmação »Como, onde e em que ordem, e com que relacionamento entre os dois e entre eles e o Criador é que Deus criou estes dois primeiros homens?« Também em outros relatos da Bíblia encontramos este método de narração onde primeiro se apresenta um acontecimento em ordem cronológica e em forma de resumo, e depois, no segundo passo, se dedica aos detalhes que devem ser ressaltados. Está escrito expressamente (no v.8) que Deus **plantou** o jardim. O ato de plantar um jardim pressupõe a existência de plantas já criadas. Após a plantação, »do solo fez o Senhor Deus **brotar** toda sorte de árvores« (v.9). Isto também não pode ser confundido com a criação das árvores. As palavras usadas »plantar« e »crescer« em contraste a Gênesis 1, não são verbos de criação, porque eles descrevem ações que partem de material já existente. Daqui em diante, a interpretação de versículo 19 é significativa: Se observamos este isoladamente e deduzimos dele uma teoria (que seria uma infração do Princípio Básico de Interpretação PI4, veja Apêndice Parte II), poderíamos imputar que os animais foram criados *depois* do homem. Se considerarmos no entanto, que Gênesis 2,7-25 tem uma orientação intensamente antropocêntrica (centrado no homem), então fica claro que o versículo 19 não trata do momento da criação dos animais, mas sim do teste das faculdades linguísticas e intelectuais do homem recentemente criado de dar nomes aos animais. A oração subordinada só quer indicar que os animais apresenta-

dos – é notável que os *animais do campo* que foram criados no sexto dia da criação junto com o homem são mencionados em especial – também originam da mão do criador. A este conhecimento se faz justiça na versão portuguesa traduzindo o texto hebraico original (o ato de trazer animais e dar-lhe nomes no pretérito, o ato de criar animais no pretérito mais que perfeito, aqui em letra cursiva):

»*Havendo*, pois, o Senhor Deus *formado* da terra todos os animais do campo e todas as aves dos céus, *trouxe-os* ao homem, para ver como este lhes chamaria; » (Gênesis 2,19)

PC10: *Os dinossauros couberam na arca?*

RC10: O capítulo 40 do livro de Jó não só menciona os dinossauros, como também descreve os detalhes da sua estrutura física (v. 15-18+23):

»Contempla agora o *beemote*, que eu fiz contigo,
que come erva como o boi.
Eis que a sua força está nos seus lombos,
e o seu poder, nos músculos do seu ventre.
Quando quer, move a sua cauda como cedro;
os nervos da suas coxas estão entretecidos.
Os seus ossos são como tubos de bronze;
a sua ossada é como barras de ferro.
Eis que um rio trasborda, e ele não se apressa,
confiando que o Jordão possa entrar na sua boca »

Na versão alemã, *Lutero* não traduziu o nome hebraico do animal *Behemot* porque não havia uma animal que se enquadrasse nestas descrições. A cauda forte poderia indicar a um crocodilo, mas como puro carnívoro não se enquadraria no texto acima. Um outro animal, que vive predominantemente na água que ademais come ervas, é o hipopótamo. Porém também devemos descartá-lo como candidato, porque ele só possui uma cauda minúscula. Assim faltam somente os animais enormes da família dos dinossauros que se enquadram perfeitamente na caracterização acima. Mesmo que o livro de Jó seja um dos livros mais antigos da Bíblia, a data da sua redação é desconhecida. Por causa da modificação da superfície da terra pelo dilúvio que

fez aparecer montanhas, rios, lagos e oceanos completamente novos, a menção do rio Jordão em Jó 40, 23 é uma indicação inequívoca ao tempo após o dilúvio, e portanto os dinossauros viveram ainda nesta época. Assim, estes animais deveriam ter sido salvos pela arca. Animais adultos teriam ocupado um espaço bastante grande na arca enorme, por isso é concebível que Noé levou animais jovens ou até apenas ovos consigo. No tempo pós-diluviano, estes animais já não encontraram as condições ecológicas e climáticas para as quais eles tinham sido criado. Por isso, eles ficaram extintos. Esta explicação para a extinção dos dinossauros é mais convincente que aquelas hipóteses que estão sendo inventadas por causa da negação das averiguações bíblicas.

PC11: *Com quem casaram os filhos de Adão?*

RC11: Os primeiros homens, Adão e Eva, tiveram dois filhos, Caim e Abel. Caim matou Abel e imediatamente depois lemos em Gênesis 4,16-17: »E saiu Caim de diante da face do Senhor e habitou na terra de Node, da banda do oriente do Éden. E conheceu Caim a sua mulher, e ela concebeu e teve a Enoque.« De onde vem subitamente a espôsa de Caim?

Se a Bíblia incluísse todas as afirmações às quais podemos chegar por conclusão lógica, ela seria uma obra de no mínimo cem volumes. Deus porém nos deu um único livro e com ele o dom da razão. Assim podemos responder também a perguntas como esta que não são tratadas diretamente, mas que podem ser deduzidas facilmente através de outras afirmações.

Gênesis 5,3-4 diz: »E Adão viveu cento e trinta anos, e gerou um filho ... e chamou o seu nome Sete. E foram os dias de Adão, depois que gerou a Sete, oitocentos anos, e gerou filhos e filhas.« Disto podemos concluir que o primeiro par produziu um número considerável de filhos. Assim, a única possibilidade é que Caim casou com uma das suas irmãs. Com a queda não só vieram a morte e o sofrimento ao mundo, mas com o tempo também uma degeneração gradativa e progressiva do material hereditário originalmente muito bom. A partir dos tempos de Moisés, e isto é aproximadamente 2.500 anos mais tarde, Deus proíbe o casamento entre parentes próximos (Lv 18), porque as

falhas genéticas aumentavam de maneira prejudicial. Abraão viveu 400 anos antes de Moisés e portanto o casamento entre parentes consanguíneos ainda era permitido, porque ele casou com sua meia-irmã (Gn 20,12).

PC12: *Na sua opinião, que argumento científico é mais a favor da criação e se opõe com mais força ao desenvolvimento evolutivo?*

RC12: A vida nos aparece em forma tão diversificada que mesmo um organismo unicelular, apesar de toda a simplicidade, ainda é desenhado com tanta complexidade e finalidade que está acima de tudo que a inteligência humana inventadora poderia produzir. Para a interpretação da vida e suas origens existem duas possibilidades que se distinguem fundamentalmente: a evolução e a criação. A doutrina da evolução define a vida como segue:

»A vida é um acontecimento puramente material, que portanto deve ser descrito por termos físico-químicos e que se diferencia da natureza inerte somente pela sua complexidade.«

Inúmeros cientistas de vários ramos (por exemplo informática, biologia, astronomia, paleontologia, geologia, medicina) desenvolveram objeções fortes contra a teoria evolucionária. Na controvérsia criação-evolução porém, permanece um antagonismo insolúvel que origina dos diversos termos básicos dos dois modelos (veja Pergunta PC1). Deste empate só se poderia sair através de um sistema que se orientava exclusivamente em termos básicos científicos e fundados na experiência. Estes princípios deveriam ser formulados de uma forma que permitiria abertura para confrontação para que um único contra-exemplo comprovável por experimento bastasse para derrubar a teoria em questão. Quando isto não é possível, estes termos obtêm importância da lei natural e com isso alcançam uma certeza de afirmação bastante forte para interpretar casos ainda desconhecidos. Neste sentido, só se pode aplicar o termo da energia que é aprovado exclusivamente por experiência e não se baseia em nenhuma *concepção do mundo*. Por isso, o vôo à lua – nunca empreendido anteriormente – foi possível unicamente porque se partiu da validade rígida do princípio básico da energia em

todos os cálculos prévios necessários. Os **princípios básicos empíricos sobre a informação** têm a mesma qualidade, de maneira que pela primeira vez temos a possibilidade de obter argumentos extremamente sólidos a nível das leis naturais.

Ainda que a *matéria* e a *energia* sejam grandezas fundamentais necessárias para os organismos vivos, a princípio, os sistemas vivos não diferenciam dos sistemas inanimados. No entanto, a característica central de todos os seres vivos é a »*informação*« para os processos de funcionamento (realização de todas as funções da vida, informação genética para a reprodução). Os processos de transmissão de informação desempenham um papel fundamental em todos os seres vivos. Quando, por exemplo, insetos transportam o pólen das flores, se trata de um processo de transmissão de informação genética. A matéria envolvida neste processo é insignificante. Com isso, não é dada uma descrição completa da vida, mas se menciona um fator essencial da mesma.

O sistema mais complexo de processamento de informação é sem dúvida o homem. Se juntássemos todos os processos de informação dentro do homem, ou seja, os processos *conscientes* (linguagem, controle de informação dos movimentos motores intencionados) e os processos *inconscientes* (funções dos órgãos e do sistema hormonal controladas por informação) se processariam 10^{24} bits. Este valor altamente astronômico para a quantidade de informação supera o conhecimento total da humanidade que é avaliado em 10^{18} bits, como está arquivado nas bibliotecas do mundo, por um milhão de vezes.

Quando consideramos a pergunta sobre a origem da vida segundo o ponto de vista da teoria da informação, então devemos – como em todo sistema que carrega e processa informação – tomar em conta os seguintes princípios básicos empíricos:

1. Não existe informação sem código.
2. Não existe código sem acordo livre deliberado.
3. Não existe informação sem emissor.
4. Não existe cadeia de informação sem um autor intelectual (inteligente) inicial.

5. Não existe informação sem uma fonte intelectual inicial, ou seja, a informação. depende essencialmente de uma grandeza *intelectual* e não material.
6. Não existe informação sem vontade.
7. Não existe informação sem os cinco níveis hierárquicos:
 - *Estatística* (aspectos da frequência de sinais e da sua transmissão),
 - *Sintaxe* (aspectos dos códigos e das regras de formação de orações),
 - *Semântica* (aspectos do significado),
 - *Pragmática* (aspectos da ação),
 - *Apobética* (aspectos dos resultados e do objetivo).
8. Não existe informação por acaso.

O livro »Am Anfang war die Information« („No início era a informação« - a trad.) [G5, 52-147] explica estes termos básicos em detalhe e justifica o seu estado condicionado pelas leis naturais [G5, 25-49]. Desta forma, a designação »teoria de informação condicionada pela lei natural« reflete a realidade de forma exata ([G4,155-159]).

Contrastando a teoria evolucionista, podemos definir a vida mais amplamente:

Vida = *Porção material (aspectos físicos e químicos)*
+ *porção imaterial*

Com esta fórmula abreviada, queremos realçar que a vida possui uma componente imaterial à parte da componente material. À porção imaterial pertence à informação de uma fonte intelectual. Com isso no entanto, a porção imaterial da vida não é descrita de forma alguma. Isto se vê no fato de que os seres vivos ainda conservam a sua informação nas células logo após a morte porém lhes falta algo fundamental, a saber, aquilo que distingue a vida da morte. Esta diferença é visível para todos, mas não tangível pela ciência.

Até hoje, todos os conceitos apresentados sobre uma formação autônoma de informação na matéria (por exemplo o hiperciclo de *Eigen*, a proposição molecular darwinista de *Küpper*) fra-

cassaram por causa da experiência. Assim, continua incompreensível que *M. Eigen* ainda seguisse crendo que um dia poderia explicar a origem da informação com processos essencialmente materiais: »Devemos procurar por um algoritmo, uma lei natural para a formação de informação« (»Stufen zum Leben«, Piper-Verlag, 1987, p.41, »Passos para a vida,« - a trad.). Sua formulação »a informação origina da desinformação« contradiz todos os princípios empíricos e por isso não têm relação com a realidade. Os termos básicos de informação apresentados acima no entanto têm sido confirmados empiricamente inúmeras vezes, e não lhes foi comprovado o contrário em algum laboratório do mundo. Por isso, é correto que nos perguntemos se a vida origina de um processo de criação com finalidade. E deste princípio que fala a Bíblia. A fonte intelectual de informação para qualquer informação exigida pela informática – e com isso também a informação biológica – já é mencionada na primeira página da Bíblia: »No início *Deus* criou« (Gênesis 1,1). A teoria evolucionista objeta que a informação não necessitaria de um emissor dentro de seres vivos. Esta afirmação é refutada pela experiência diária dos princípios básicos de informação mencionados acima. Por isso, as *leis naturais sobre informação* nos proporcionam hoje os argumentos mais fortes para a formação dos seres vivos por uma criação.

4. Perguntas sobre a salvação (PS)

PS1: *Como somos salvos – pela fé ou pelas obras?*

RS1: No NT encontramos duas afirmações que, à primeira vista, parecem contraditórias:

- a) *A salvação pela fé:* »Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei.« (Rm 3,28).
- b) *A salvação pelas obras:* »Verificais que uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente« (Tg 2,24).

Segundo as afirmações centrais do NT, a fé no Senhor Jesus Cristo tem força salvadora (Jo 3,16; Mc 16,16; At 13,39; At 16,31). Esta fé salvadora não consiste em crer na veracidade dos fatos bíblicos, mas na ligação pessoal com o Filho de Deus: »Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida.« (1Jo 5,12). Quem se converte ao Senhor Jesus, experimenta a maior mudança da sua vida. Sua maneira de viver e operar se revela a todos: »Se me amais, guardareis os meus mandamentos.« (Jo 14,15) – »e vós também testemunhareis,« (Jo 15,27) – »Negociai até que eu volte.« (Lc 19,13) – »sede fervorosos de espírito, servindo ao Senhor« (Rm 12,11) – »amai os vossos inimigos« (Mt 5,44) – »Não torneis a ninguém mal por mal« (Rm 12,17) – »Não negligencieis a hospitalidade,« (Hb 13,2) – »Não negligencieis, igualmente, a prática do bem e a mútua cooperação« (Hb 13,16) – »Apascenta as minhas ovelhas. (Jo 21,17). O serviço em nome de Jesus investindo aos talentos recebidos, é uma *consequência essencial* da fé salvadora. No NT, esta ação é denominada *fruto* ou *obra da fé*. Quem não age, portanto, estará perdido: »E o servo inútil, lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes.« (Mt 25,30). Ao contrário das *obras da fé*, as *obras da lei* (Gl 2,16) ou *obras mortas* (Hb 6,1; Hb 9,14) são as obras do incrédulo. Também aqui vale: Quando duas pessoas fazem a mesma coisa, não significa que é o mesmo. O contexto de Tiago 2,24 (veja a afirmação b) acima) mostra que a fé de Abraão teve como consequência obras concretas: Abraão foi obediente a Deus (Gn 12,1-6) ao deixar a sua terra natal e ao estar disposto a sacrificar ao seu filho (Tg 2,21). Da mesma forma, a obra da

(ex-)prostituta Rahab (Tg 2,25), ou seja, a salvação dos Kundschafter israelitas no Canaão é uma forma de fé em Deus (Js 2,11). Com isso fica claro: as obras são inseparáveis da fé. Da mesma maneira que um corpo sem espírito está morto, também a fé sem obras resultantes é morta (Tg 2,26). Os versículos a) e b) acima portanto não formam uma contradição, mas sim, são afirmações que se complementam (Veja Princípios Básicos de Interpretação PI3 e PI14 no Apêndice, Parte II).

PS2: *Porque é que Deus escolheu justamente a cruz como meio da salvação? Não seria concebível usar outro método?*

RS2: O método da crucificação não é mencionado diretamente no AT, mas vários detalhes são mencionados nele por profecias que só podem ser relacionadas à crucificação, como por exemplo em Salmos 22,16: «traspassaram-me as mãos e os pés». Quando Paulo diz que «o que foi pendurado no madeiro é maldito de Deus» (Dt 21,23), ele faz referência ao Jesus crucificado. Os romanos consideravam este método de execução que foi passada pelos persas como a «mais cruel e a mais terrível» (Cícero) e a «mais infame» (Tácito). A cruz estava no plano de Deus; Jesus «suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia» (Hb12,2). «tornando-se obediente até à morte e morte de cruz (Fp 2,8). Um outro método de morte - por exemplo apedrejamento, decapitação, envenenamento, afogamento – não seria concebível por causa da analogia da queda e da salvação: o pecado veio ao mundo através de *uma árvore* (Gn 2,17: Árvore do conhecimento); *numa árvore* os pecados deveriam ser expiados: A cruz do Gólgota é a *árvore das maldições* (Gl 3,13): Jesus morre deshonrado e é excomungado de toda comunidade humana: ele é amaldiçoado.

A lei de Moisés é a condenação do pecador. Deste a queda, esta condenação paira sobre todos os homens. Jesus tomou a si a condenação divina por nós sobre todo o pecado. Agora, a palavra da cruz é a mensagem salvadora para todos os homens, que a princípio estão sujeitos à condenação por causa do seu pecado.

O Papa João Paulo II designou Auschwitz «o Gólgota do séc. XX.» Neste sentido, existe hoje um grupo que vê Jesus como

solidário dos sofredores, martirizados e mortos, que sofreram como ele, e que morreram uma morte cruel. Mas: A morte de Cristo porém, na cruz nunca pode ser comparada com a morte de outras pessoas, sua cruz não pode ser comparada com outras cruzes ao redor de Jerusalém e Roma. Essa cruz, por ser a cruz de Cristo, do Filho de Deus, tem uma outra »qualidade« que as outras cruzes. Ele não só sofreu a injustiça dos poderosos do mundo, mas também como único a ira de Deus sobre o pecado. Somente ele era a ovelha sacrificada, que sofreu o julgamento »por muitos.« »A palavra da cruz« (1Co 1,18) desde então é o centro da mensagem cristã. Por isso, Paulo só comunica o seguinte: »senão a Jesus Cristo e este crucificado« (1Co 2,2). *A.L.Coghill* mostra-nos o significado da cruz no seu hino de avivamento muito conhecido.

»Quem enxergar Jesus na cruz pela fé,
será curado no mesmo instante;
por isso, olha somente para ele, que foi enviado pelo Pai,
e que ferido por ti.«

PS3: *Como poderia Jesus morrer há 2000 anos pelos pecados que somente cometemos agora?*

RS3: O plano divino da salvação para o homem caído já existia desde a fundação da terra (Ef 1,4) porque quando Deus nos deu o presente da liberdade ele não só pré-calculou como também previu a queda pelo pecado. Portanto, Deus sa princípio poderia ter colocado a salvação pelo Senhor Jesus Cristo já imediatamente após a queda ou mesmo no final da história do mundo. Importante é que aconteceu *uma vez* só (Hb 9,28). No primeiro caso, o preço do pecado seria pago antecipadamente, e no segundo caso, aconteceria retroativamente. Na área do comércio também conhecemos estes dois processos: pagamento adiantado e pagamento retroativo. Deus na sua sabedoria determinou o »ponto de tempo ideal.« Em relação a este lemos na carta aos Gálatas (4,4): »Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho.« As pessoas que viveram antes da vinda de Jesus e seguiam os mandamentos divinos *da época* para a sua salvação, são salvos pelo sacrifício de Gólgota da mesma forma que as pessoas que nasceram *após* da vinda e aceitam o evangelho (Hb 9,15). O aspecto temporário do acontecimento da sal-

vação que para nós já aconteceu é expresso em Romanos 5,8: »Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.«

Nos tempos de Abraão e Jó, ainda não existiam os mandamentos. Os homens viviam conforme a sua consciência e confiavam em Deus, o que Ele contava para as sua justiça (Rm 4,3). Na época de Davi já existiam os mandamentos do Sinai há muito tempo. Eles eram o padrão para obter justiça nos olhos de Deus; os pecados foram expiados por meio de sacrifícios de animais. No entanto, os animais de sacrifício não poderiam extinguir um pecado sequer (Hb 10,4). Eles somente foram uma indicação ao sacrifício por Jesus a vir. Por isso, ele também é chamado o »Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo« (Jo 1,29). Através dele é que havia cobertura definitiva do pecado. Nós vivemos nos tempos do sacrifício já cumprido. Por isso, os sacrifícios de animais já estão abolidos, e nós recebemos perdão através do sacrifício já feito.

PS4: *Não teria sido mais econômico, se Jesus só tivesse sofrido por pecados pelos quais os homens pedem perdão, em vez de sofrer pelos pecados do mundo inteiro?*

RS4: De acordo com a Bíblia, o preço do pecado é a sentença da morte (Rm 6,23). Supomos que em toda história do mundo somente *um* homem se teria convertido através do evangelho de Jesus Cristo, então para esse homem, o preço do pecado também seria a morte. O autor tem a mesma opinião que *Hermann Bezzel* que fala que o amor de Jesus era tão grande que ele teria efetuado o ato da salvação mesmo se só existisse um único pecador arrependido. O ato de salvação executado pelo Filho de Deus por outro lado é de tal dimensão que é válido para todos os homens. Por isso, João Batista pode dizer: »Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!« (Jo 1,29). Todos que queiram podem aceitar o perdão. A história a seguir ilustra bem esta verdade:

Um latifundiário irlandês rico deu um sermão bastante original para os seus lavradores. Em todos os locais importantes da sua propriedade ele publicou a seguinte mensagem:

»Na próxima segunda-feira, entre as dez horas e o meio-dia, estarei no escritório da minha chácara. Durante este tempo, estarei disposto a pagar todas as dívidas dos meus lavradores. Todas as contas abertas deverão ser apresentadas.«

Esta oferta extraordinária se torna assunto principal por dias. Alguns acham que é embuste mal-intencionado, outros suspeitam coisa com um senão, porque nunca alguém tinha lhes oferecido algo comparável. O dia anunciado chega e muitas pessoas comparecem. Pontualmente, às dez horas, chega o fazendeiro e sem palavras desaparece no seu escritório. Ninguém tem coragem de entrar. Muito mais se discute constantemente sobre a veracidade da assinatura e os motivos do dono. Às onze e meia, chega um casal idoso no escritório. O homem velho com um monte de faturas na mão pergunta se é aqui que se pagava as dívidas. Ele é ridicularizado: »Até agora ele não pagou nada!« Outro: »Até agora ninguém tentou, mas se ele o fizer, voltem logo e nos informem.« Mesmo assim os dois velhos se ousam. Eles são recebidos amigavelmente, os valores são somados, e os dois recebem um cheque assinado pelo fazendeiro no valor total das dívidas... Quando eles, cheios de gratidão querem deixar o escritório, ele fala: »Por favor, fiquem até às doze horas, quando eu fecho o escritório.« Os dois indicam ao povo esperando lá fora que quer saber deles se a oferta é séria. Mas não há discussão: »Vocês me levaram a sério, e os outros lá fora devem fazer o mesmo para acertarem as suas dívidas.« A oferta do fazendeiro valeu para todos os seus servos, na sua conta bancária havia dinheiro suficiente para pagar todas as dívidas. Livre das dívidas, porém, só ficou o casal que confiou na sua palavra. (F. König, »Du bist gemeint«, pág. 127 a seguir, abreviado).

Da mesma maneira, a morte de Jesus bastaria para a salvação de todas as pessoas. »Pois assim como, por uma só ofensa (= Adão), veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também, por um só ato de justiça (= Jesus), veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida. « (Rm 5,18). A oferta da salvação vale para todos, e por isso pode ser proclamada para todos os homens. Salvos, porém, são somente aqueles que tomam o risco confiando na palavra de Jesus, e o aceitam pessoalmente.

PS5: *Mediante a morte sacrificadora de Jesus Cristo, Deus oferece a salvação dos pecados para todos os homens. Por que é que Deus não dá uma amnistia geral para os pecados de todos os homens?*

RS5: Mediante a morte de Jesus na cruz, Deus oferece a salvação para todos os homens. Por isso é que Paulo podia pregar tão universalmente no aerópagio: »Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, **em toda parte**, se arrependam« (At 17,30). Agora, ninguém precisa ir à perdição por causa do peso do seu pecado. Se até Paulo, que queria exterminar a igreja de Jesus, foi perdoado, quanto mais todos os outros! Somente um dos dois criminosos crucificados com o Senhor Jesus foi salvo, porque ele trouxe seu pecado a Jesus. O outro continuou recusando e escarniando Jesus, e por isso permaneceu nos seus pecados. Aqui vemos que Deus não decreta uma amnistia geral, mas sim age conforme a livre vontade de cada indivíduo.

»Te propus a vida (eterna) e a morte (eterna), a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida (eterna), para que vivas« (Dt 30,19).

»Assim diz o Senhor: Eis que ponho diante de vós o caminho da vida (eterna) e o caminho da morte (eterna)« (Jr 21,8).

Quem realmente procura o perdão, recebê-lo-á mesmo com enormes transgressões: »Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata « (Is 1,18). Também poderíamos formular mais resumidamente: O homem não perece por causa do seu pecado mas por causa da sua vontade, ou seja, por causa da sua impenitência. No céu só existe voluntários e não há hóspedes forçados.

PS6: *Eu acho que depois da morte, ainda existe a possibilidade de salvação. Não deve a graça de Deus ser maior do que o que você acaba de expor?*

RS6: Essa pergunta é feita com frequência porque ela nos move profundamente, quando tememos pela salvação de pessoas próximas vivas ou falecidas. Realmente, surgem muitas perguntas como »qual o destino das pessoas que«:

- só ouviram de Jesus Cristo de uma forma deformada ou superficial?
- na sua igreja, só ouviram uma mensagem secular e muitas vezes com orientação política e por isso desistiram do cristianismo?
- salvaram as aparências de cristão, mas no fundo não viveram uma vida conforme os ensinamentos da Bíblia?
- não responderam aos esforços evangelísticos, porque não achamos uma porta para o seu coração ou porque não queriam saber do evangelho?
- foram educados para o ateísmo consciente ou em ceitas com ensinamentos falsos?
- sendo jovens de hoje, experimentam um curso de religião nas escolas, onde se transmite uma incredibilidade imaginada, e por isso mesmo nunca mais se preocuparão com questões da fé?
- afinal sem culpa própria nunca tiveram a oportunidade de ouvir o evangelho?

Todos estas perguntas chamaram a atenção de muitos cismáticos, de modo que os mais diversos grupos propuseram respostas que, ou contemplam a possibilidade de salvação depois da morte, ou excluem categoricamente a possibilidade de condenação eterna. Somente mencionaremos como exemplo algumas das numerosas ideias contraditórias entre si:

1. Os partidários da *reconciliação universal* afirmam que finalmente, após um tempo de juízos limitados, todos serão salvos sem exceção: *Hitler* e *Stalin*, assim como os nihilistas e os espíritas (tratado mais detalhadamente em [G3, 107-108]).

2. A *Igreja Católica* ensina que as almas dos defuntos que ainda necessitam ser purificadas passam pelo Purgatório antes de serem admitidos no céu. Esta doutrina foi fomentada principalmente por *Augustino* e pelo *Papa Gregório o Grande*. A suposição de que se poderia encurtar os sofrimentos das »pobres almas« no Purgatório por intercessão dos vivos, deu origem ao comércio das indulgências e o feriado do Dia de Todos os Santos na Idade Média.

3. Os Mórmons têm a possibilidade de deixarem se batizar pelos mortos para obter a salvação de incrédulos, mesmo daqueles que viveram gerações atrás.

4. De acordo com a doutrina dos *Testemunhas de Jeová*, não há inferno nem céu para as pessoas, exceto para os 144.000. Para os seguidores deste movimento, está prevista uma terra totalmente renovada - em vez de gozarmos de uma comunhão eterna com Deus Pai e o seu Filho Jesus Cristo no céu – e os demais permanecem no túmulo, ou os mortos podem ser liberados por meio do assim chamado »sacrifício de resgate.«

5. A Igreja Neo-Apostólica tem introduzido um »ministério para os mortos,« onde os apóstolos nomeados por esta igreja podem exercer sua influência até no mundo dos mortos. Os dons de salvação exercidos aqui entre os vivos são transmitidos para os mortos por apóstolos falecidos que continuam a sua »obra de resgate« no além.

6. Outros grupos defendem a doutrina de que aqueles que creram em Jesus Cristo irão ao céu, enquanto que os incrédulos serão destruídos definitivamente, de modo que não existirão mais.

7. Apoiando-se na passagem em 1 Pedro 3,18-20, alguns exêgetas pensam que haverá pregação do evangelho no reino dos mortos com o objetivo da sua salvação (tratado mais detalhadamente em [G3, 146-153]).

Todos estes conceitos tentam – certamente com boas intenções – dar uma esperança aos grupos de pessoas antes mencionadas. No entanto, não nos ajudam todas estas especulações, e assim devemos dirigir às nossas perguntas àquele, que é o único que nos pode ajudar: Deus na sua Palavra. Assim pois, devemos examinar os textos bíblicos para ver se há uma possibilidade de salvação após a morte. Como se trata de uma assunto de suma importância, devemos estar seguros de que na Bíblia Deus não nos deixa na escuridão em relação a esta pergunta (compare Princípio Básico B51, Apêndice, Parte I). Da mesma forma, somente a Escritura Sagrada é que nos ajudará a reconhecer as falsas doutrinas para não sermos seduzidas por elas.

1. Depois da morte vem o juízo: À luz da Bíblia, todos os conceitos que propõem ao homem uma possibilidade de salvação até depois da morte, são produtos da imaginação desenfreada do homem, porque «aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo» (Hb 9,27). Isto é válido tanto para pessoas que de alguma forma tinham contato com a mensagem divina, quanto para pessoas que nunca a tenham escutado: «Todos compareceremos perante o tribunal de Deus» (Rm 14,10). Este juízo, Deus entregou para os seu Filho. Não é julgado o que ainda ocorreu no outro lado da morte, mas somente o que se tem feito Aqui e Agora »para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo« (2Co 5,10). Ninguém será excluído deste juízo: Crentes, indiferentes, livrepensadores, seduzidos, pagões... resumindo: o mundo inteiro (At 17,31).

2. Os critérios do juízo: Os critérios do juízo divino não são arbitrários; não haverá preferências nem discriminações (1Pd 1,17; Rm 2,11). Os padrões são nos dados por Deus. Seremos julgados exclusivamente pelas normas reveladas na Bíblia: »A própria palavra que tenho proferido, essa o julgará no último dia« (Jo 12,48). Resumimos os critérios principais das Escrituras Sagradas:

a) Segundo a justiça de Deus: Podemos estar seguros de que »Deus não procede maliciosamente« (Jó 34,12), porque ele é um juiz justo (2Tm 4,8). Não haverá distorções nem alterações, porque aqui atuarão a verdade e a justiça: »Ó Senhor Deus, Todo-Poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos. « (Ap 16,7).

b) Segundo o que nos é confiado: Todos os homens são diferentes, não há dois iguais, e, a cada um é confiado diferente medida. Os pagões não evangelizados têm um conhecimento inferior de Deus, isto é, através da criação (Rm 1,20) e da consciência (Rm 2,15), do que as pessoas que tiveram a oportunidade de ouvir o evangelho. Uma pessoa rica tem outras possibilidades de fazer o bem e ajudar na divulgação do evangelho do que uma pessoa pobre. Aquele que tem recebido uma maior capacidade intelectual também tem uma responsabilidade especial. Deus

também considerará se uma pessoa teve que viver baixo de uma ditadura com numerosas restrições, ou se pôde atuar num país livre. O Senhor diz em Lucas 12,48: »Mas àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão.»

c) Segundo as nossas obras: Deus conhece os atos de cada um e »retribuirá a cada um segundo o seu procedimento«(Rm 2,6). Obras são tanto as que foram feitas (Mt 25,34-40) como as obras que não foram executadas (Mt 25,41-46). As obras de todos os homens são registrados nos livros de Deus e constituem a base para a avaliação no juízo (At 20,12-13).

d) Segundo os nossos frutos: Tudo que realizamos em nome de Jesus (Lc 19,13) – nossa conduta e nossas obras – é considerado pela Bíblia como fruto que não perece (Jo 15,16). Este é um critério fundamental de avaliação no juízo (Lc 19,16-27). Enquanto que as obras mortas serão queimadas (1Co 3,15), as que permanecem serão recompensadas (1Co 3,14).

e) Segundo o nosso amor: O amor é um fruto especial, porque é o maior (1Co 13,13); é o cumprimento da lei (Rm 13,10). Aqui se refere a tudo que tivemos feito por amor a Deus (Mt 22,37) e por amor a Jesus Cristo (Jo 21,15). Deve-se distinguir entre o amor desinteressado e o amor calculado egoísta: »Porque, se amardes os que vos amam, que recompensa tendes?« (Mt 5,46). Simão, o fariseu, tinha convidado Jesus para a sua casa, mas nem sequer lhe deu água para limpar os pés (Lc 7,44). A pecadora ungiu seus pés com um precioso perfume. Ela recebeu muito perdão, e por isso demonstrou muito amor a Jesus (Lc 7,47). Este amor é fruto do espírito (Gl 5,22); tem uma importância para a eternidade.

f) Segundo as nossas palavras: De acordo com Jesus, as nossas palavras têm caráter decisivo quanto à eternidade. Talvez é deste aspecto do juízo que estamos menos conscientes: »Digo-vos que de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no Dia do Juízo; porque, pelas tuas palavras, serás justificado e, pelas tuas palavras, serás condenado. « (Mt 12,36-37).

g) Segundo a nossa responsabilidade: Somos criados com uma estrutura de personalidade preparada para assumir responsabilidade. Deus nos tem concedido um raio de liberdade bastante amplo, dentro do qual nós próprios devemos assumir a responsabilidade. Também somos responsáveis por nossos atos no caso da sedu. Mesmo que Adão não tivesse sido desobediente por vontade própria mas através de sedução, ele teve que assumir as consequências. Já que a sedução na área da fé acaba em perdição, as advertências bíblicas a respeito são particularmente insistentes (p. ex. Mt 24,11-13; Ef 4,14; 2Tm 2,16-18). Por isso não devemos subestimar as doutrinas errôneas das ceitas quanto à dimensão de seus efeitos.

h) Segunda nossa atitude com Jesus Cristo: O nosso relacionamento pessoal com o Filho de Deus é determinante para o Juízo: »Quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus« (Jo 3,36). O pecado trouxe a condenação para todos os homens (Rm 5,18). O único meio da mesma, é nossa união com Cristo: »Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus« (Rm 8,1).

3. A sentença no Juízo: Conforme os critérios precedentes, todo ser humano será julgado individualmente. Nenhum aspecto da vida será passado por alto. Qual será o julgamento final? A humanidade será dividida em dois grupos, como Jesus formulou durante a sua vida na terra como convite:

»Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela« (Mt 7,13-14).

Não existe um »termo médio«, uma »via intermédia« para os indecisos e nenhum local neutro entre o céu e a terra. No final – como já se pode constatar neste vida – só pode ser diferenciado entre salvos e perdidos. Aos primeiros o Senhor dirá: »Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos

está preparado desde a fundação do mundo» (Mt 25,34), e os outros ouvirão »Não sei donde sois... apartai-vos de mim » (Lc 13,25+27). Ao último grupo não só pertencerão os livrepensadores e pagões, mas também pessoas que conheceram a mensagem de Cristo, mas não o serviram em obediência. Surpresos eles exclamarão: »Comíamos e bebíamos na tua presença, e ensinavas em nossas ruas« (Lc 13,26).

4. Nossas consequências: De acordo com a Bíblia, não existe possibilidade para a salvação depois da morte. A decisão ocorre durante esta vida, por isso, o Senhor Jesus Cristo diz: »Esforçai-vos por entrar pela porta estreita!« (Lc 13,24). No juízo, serão abertos os livros com todos os detalhes sobre os nossos atos nesta vida (Ap 20,12). Bendito aquele, que então está escrito no Livro da Vida. As religiões não cristãs não têm poder salvador. Não sabemos quantas pessoas foram salvas daquelas que nunca ouviram a mensagem feliz, mas que procuravam Deus (At 17,27) e a vida eterna (Rm 2,7). Para nós porém, não há desculpas e não podemos escapar (Hb 2,3) quando rejeitamos a salvação. Tivemos a chance da salvação. Como a podemos receber, está explicado detalhadamente no Apêndice (Parte I.10.).

PS7: *Qual o destino das crianças que faleceram cedo demais para tomar uma decisão? O que acontece com embriões abortados ou doentes mentais? Estarão eles perdidos?*

RS7: Em primeiro lugar, eis a questão fundamental: A partir de que momento deve-se considerar o embrião como ser humano? Se damos crédito às correntes seculares, temos a impressão que este momento varia conforme à livre interpretação de cada um ou à legislatura do estado. Se porém buscamos uma norma fiável para o começo de um ser humano, a acharemos na Bíblia. A formação individual de uma pessoa começa com a concepção, o momento em que o espermatozóide do pai fecunda o óvulo da mãe. Em cada desenvolvimento embrionário se trata de uma intervenção direta do criador: »Pois tu formaste o meu interior tu me teceste no seio de minha mãe. Graças te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste; as tuas obras são admiráveis, e a minha alma o sabe muito bem« (Sl 139, 13-14). Quando Deus chama a Jeremias, ele declara que o conhecia como personalidade ainda antes do seu nascimento e que então

já o tinha escolhido para a sua missão especial: »Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e, antes que saíesses da madre, te consagrei, e te constituí profeta às nações« (Jr 1,5).

Constatamos: Desde o princípio, o homem é um indivíduo, e segundo numerosas passagens bíblicas (p.ex. Lc 16,19-31; Hb 9,27), uma criatura eterna cuja existência nunca terminará.

Mas para onde vai o homem, depois de ter cruzado o vale da morte? O caso é mais claro quando se trata das pessoas que tinham escutado o evangelho, e estavam na posição de fazer uma decisão. Também a vontade de Deus está clara: »O Senhor... é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento« (2Pd 3,9). A salvação e a condenação dependem pois somente da nossa vontade. Temos a liberdade de ir ao céu ou ao inferno. Podemos escolher entre os dois caminhos (Dt 30,19; Jr 21,8).

As pessoas mencionadas na pergunta acima no entanto, não dispõem de uma vontade própria para fazerem uma decisão tão importante. De acordo com uma falsa doutrina da Idade Média, as almas das crianças não batizadas e falecidas à curta idade, serão perdidas. Esta doutrina não é bíblica, pois pretende que o batismo pode salvar os menores que não têm raciocínio. Segundo as afirmações centrais da Bíblia, não é o batismo mas a fé em Jesus Cristo que tem o poder da salvação (At 16,31). Para contestar a pergunta acima, não nos ajuda o batismo das crianças, que já de si não pode ser aplicada em fetos abortados. Encontramos a solução na norma de Deus: »Na verdade, Deus não procede maliciosamente« (Jó 34,12), porque seus juízos são absolutamente justos (Ap 16,7) e são efetuados de forma imparcial (1Pd 1,17; Rm 2,11). Por conseguinte, devemos aceitar que as pessoas mencionadas na pergunta não serão condenadas. Eles não têm culpa do seu destino. Quando as mães levaram seus filhos (e provavelmente também bebês) a Jesus, os discípulos o consideravam como uma molestação inútil para o Senhor Jesus que tinha tido um dia fatigante. Nesta ocasião porém, Jesus destaca as crianças de maneira especial como herdeiros do Reino dos Céus: »Deixai vir a mim os pequeninos, não os embarceis, porque dos tais é o reino de Deus« (Mc 10,14).

PS8: Não estava Judas predestinado a trair Jesus para que fôsse possível a salvação?

RS8: Devemos que considerar uma coisa: foi Jesus e não Judas, quem possibilitou a salvação. A morte do Senhor Jesus foi necessária para proporcionar a salvação para os homens. Um homem completamente sem pecado devia tomar sobre si o juízo sobre o pecado. Segundo o plano de Deus, ele »foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação « (Rm 4,25). Desde a determinação até a realização da crucificação, havia muitas pessoas implicadas no ato, tanto judeus como romanos: o Concílio Judeu em Israel (Mc 14,64), a multidão reunida (Jo 19,7; At 13,28), Pilato (Mc 15,15) e os soldados romanos (Mc 15,24). Também Judas participou de forma direta através da traição. Para ele, não havia uma »obrigação divina,« mas foi sua decisão pessoal e voluntária. O fato de que o Senhor Jesus já tinha previsto o ato voluntário de Judas (Jo 13,21-30), e que no AT também já foi profetizado com detalhes notáveis (Zc 11,12-13) é devido à onisciência de Deus e não existe uma obrigação.

É difícil discernir claramente pelos textos bíblicos os motivos de Judas. *Heinrich Kemner*, fundador do centro de formação evangélica de Krelingen (Alemanha), até formulou a possibilidade de que Judas quisera meter Jesus nesta situação delicada para que este demonstrasse o seu poder em Israel. Assim Judas não podia imaginar que Jesus se deixaria matar sem se defender. Mesmo que muitas pessoas estivessem diretamente envolvidas na morte de Jesus, na verdade eles não a causaram, porque Jesus morreu por causa dos pecados da humanidade inteira. Cada um de nós tem contribuído para a sua morte, porque »ele foi traspassado pelas *nossas* transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados« (Is 53,5).

A negação de Jesus por parte de Pedro perante uma empregada insignificante pode-se todavia comparar com a traição de Jesus por parte de Judas. A diferença essencial entre estes dois homens não reside no pecado mas no arrependimento. Porque Pedro se arrependeu da sua negação (2Co 7,10: »tristeza segundo Deus«), ele recebeu perdão. Também Judas teria recebido perdão, se ele o tivesse procurado no lugar certo – em Jesus. Judas

não voltou ao seu Senhor, por isso permaneceu o »Ai« sobre seu ato: »Porque o Filho do Homem, na verdade, vai segundo o que está determinado, mas ai daquele por intermédio de quem ele está sendo traído!« (Lc 22,22).

PS9: *Posso trazer uma criança ao mundo, se a probabilidade de perdê-la é de 50%? (Pergunta de uma mulher jovem, recentemente convertida).*

RS9: Em vista da contaminação do meio ambiente e dos riscos de guerra num mundo excessivamente armado, muitos casais já não querem trazer crianças para este mundo. Nos estados federais que faziam parte da República Federal da Alemanha antes da reunificação temos no momento uma curva negativa de crescimento da população, de modo que até o final do milênio teremos uma redução de 61 a 59 milhões de habitantes. Lutero expressa outra perspectiva com a resposta que deu à pergunta conhecida sobre o que ele faria se amanhã viesse o fim do mundo: »Eu plantaria uma árvorezinha de maçã.«

A pergunta plantada no início reflete um grande senso de responsabilidade que não só tem em conta a eternidade mas também lhe atribue uma prioridade acima de todas as demais considerações. Para contestar a pergunta, devemos esclarecer duas perguntas individuais: O que nos diz a Bíblia a respeito do número de crianças? E, como é que a Bíblia responde a pergunta sobre a salvação dos nossos filhos? De acordo com a ordem creacional de Deus fomos criados homem e mulher. A primeira ordem de Deus ao homem foi: »Sede fecundos, multiplicai-vos!« (Gn 1,28), e esta ordem nunca tem sido anulada. A capacidade de conceber e de dar luz a um filho é um presente de Deus ao homem, assim como são os próprios filhos: »Herança do Senhor são os filhos; o fruto do ventre, seu galardão« (Sl 127,3). A Bíblia considera uma benção especial ter um grande número de filhos: »Feliz o homem que enche deles (filhos) a sua aljava« (Sl 127,5). »Tua esposa, no interior de tua casa, será como a videira frutífera; teus filhos, como rebentos da oliveira, à roda da tua mesa. Eis como será abençoado o homem que teme ao Senhor« (Sl 128,3-4). Deus não somente nos dá os filhos (Gn 33,5), como também se preocupa de que eles fôssem educados para que confiem n'Ele:

»Ponde, pois, estas minhas palavras no vosso coração e na vossa alma... e ensinai-as a vossos filhos, falando delas assentados em vossa casa, e andando pelo caminho, e deitando-vos, e levantando-vos.« (Dt 11,18-19).

Se seguimos o conselho de Deus, colheremos os frutos: »Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele« (Pv 22,6). Podemos, por conseguinte ter filhos sem temor, porque se lhes damos esta educação, eles chegarão à fé e serão salvos. Está em vigor a grande promessa de Deus. »Eu amo os que me amam; os que me procuram me acham« (Pv 8,17). Deus tem um amor especial pelos jovens, que se voltam a Ele: »Lembro-me de ti, da tua afeição quando eras jovem, e do teu amor quando noiva, e de como me seguias no deserto, numa terra em que se não semeia« (Jr 2,2).

Como crentes, podemos ter filhos sem temor, porque a possibilidade de perdê-los não é de 50:50. A promessa de Deus está sobre eles, se os instruímos biblicamente. A experiência de muitos casais crentes prova que os filhos encontram o caminho da fé se foram instruídos na Bíblia desde pequenos.

PS10: *A Bíblia fala da eleição do homem por Deus. Ainda podemos falar da livre vontade, se a decisão sobre a salvação de alguns e a perdição de outros já foi feita a tempo?*

RS10: Sobretudo *Augustino* e *Calvino* são os mais conhecidos representantes da doutrina da predestinação. Se trata de uma doutrina que parte da predeterminação divina, segundo a qual as pessoas ou estão determinadas a crer ou a ser incrédulos, destinados à salvação ou à perdição. Por causa desta dupla possibilidade, fala-se da »dupla predestinação.« Deve-se examinar este pensamento à luz da Bíblia.

Nas respostas para as perguntas anteriores destacamos especialmente a liberdade do homem a respeito das suas decisões. Isto poderia dar a impressão que quem atua é o homem e que Deus age passivamente. Mas isto não está em conformidade com o testemunho bíblico. Em Romanos 9,16 + 18 lêmos: »Assim, pois, não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia. Logo, tem ele misericórdia de quem

quer e também endurece a quem lhe apraz« Aqui a ênfase está claramente na ação de Deus. O homem está na mão livre e creacionista do criador como a argila está na mão formadora do louceiro: »Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?! Porventura, pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro direito sobre a massa, para do mesmo barro fazer um vaso para honra e outro, para desonra?« (Rm 9,20-21). Por conseguinte, não temos nenhum direito à salvação. A livre decisão do homem sempre está vinculada com a livre eleição por Deus. A ideia da eleição é solidamente comprovada pelas seguintes passagens bíblicas:

- Mt 22,14: »Porque muitos são chamados, mas poucos, *escolhidos*.«
- Jo 6,64-65: »Contudo, há descrentes entre vós. Pois Jesus sabia, desde o princípio, quais eram os que não criam e quem o havia de trair. E prosseguiu: Por causa disto, é que vos tenho dito: *ninguém poderá vir a mim, se, pelo Pai, não lhe for concedido*.«
- Ef 1,4-5: »Assim como nos *escolheu*, nele (= Jesus), antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos *predestinou* para ele, para a adoção de filhos.«
- Rm 8,29-30: »Porquanto aos que de antemão conheceu, também os *predestinou* para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que *predestinou*, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.«
- At 13,48: »Os gentios, ouvindo isto, regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor, e creram todos os que *havam sido destinados* para a vida eterna.«

Os seguintes aspectos são de importância fundamental para a compreensão da doutrina bíblica:

1. O momento: A eleição ocorre numa época muito remota, em todo caso anterior à nossa existência: Antes da fundação do mundo (Ef 1,4), antes da concepção (Jr 1,5) e desde o princípio (2 Ts 2,13).

2. *O serviço*: A eleição sempre implica o serviço para Deus. Assim Deus escolhe, p. ex., Salomão para construir o templo (1Cr 28,10), a tribo de Leví para o sacerdócio (Dt 18,5); Jesus escolhe os discípulos para o apostolado (Lc 6,13; At 1,2), Paulo é eleito como »instrumento escolhido« para levar o evangelho aos gentis (At 9,15), e todos os crentes são escolhidos para levar fruto (Jo 15,16).

3. *Eleição sem preferências*: A eleição não acontece por méritos ou padrões humanos. Ao contrário, Deus vê o insignificante: Israel é o povo mais pequeno entre os povos (Dt 7,7), Moisés não tinha facilidade para falar (Êx 4,10), Jeremias pensava ser jovem demais (Jr 1,6), e a igreja de Jesus Cristo normalmente é composta pelos insignificantes deste mundo (1Co 1,27-28).

4. *Para a salvação, nunca para a perdição*: Qual é a vontade de Deus - nossa salvação ou nossa perdição? Ele nos comunica claramente a sua intenção: »Como o pastor busca o seu rebanho, no dia em que encontra ovelhas dispersas, assim buscarei as minhas ovelhas« (Ez 34,12). Jesus resume o motivo da sua vinda ao mundo em uma frase: »Porque o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido« (Mt 18,11). Em Jesus, Deus põe-se a buscar os homens para ganhá-los para a vida eterna. A vontade de Deus para a salvação se dirige a toda a humanidade. »Deus, nosso Salvador, o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade« (1 Tm 2,3-4). A vontade de Deus também esta revelada em 1 Tessalonissenses 5,9: »Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação.« Fica claro: Na Escritura existe um vínculo forte e inseparável entre a *salvação* e a *eleição*, mas nunca há tal vínculo entre a *eleição* e a *condenação*. Deus pois, nunca elege alguém para a perdição. Quando Deus endureceu o coração de Faraó não aconteceu porque Deus tinha determinado assim antes do seu nascimento, mas somente por causa da posição pagã insistente. A Bíblia sempre testifica que existe um »tarde demais«, mas nunca ensina que existe uma predestinação para o inferno. Ao mandar decapitar João Batista, Herodes foi além dos limites, de maneira que Jesus não lhe respondeu mais (Lc 23,9).

Constatamos: Ambos princípios são válidos (afirmação complementar!): Deus elege a homens para a salvação. O homem por sua parte, é responsável por aceitar a salvação. Quando o filho pródigo levou a cabo a sua decisão «Levantar-me-ei, e irei ter com o meu pai» (Lc 15,18), o pai correu ao seu encontro para recebê-lo (Lc 15,20). Quando aceitamos a salvação por livre decisão, a promessa de Deus se realizará para nós: «Com amor eterno eu te amei» (Jr 31,3), e «nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo» (Ef 1,4). Antes de tomarmos uma decisão por Deus, ele já se decidiu por nós muitos tempos atrás. Deus espera e respeita a nossa decisão; sem a sua misericórdia no entanto, não poderíamos ser aceitos (Rm 9,16). Só Deus sabe, em quantas pessoas a eleição divina (Fp 2,13) e a livre vontade humana (Fp 2,12) operaram juntamente.

PS11: *Você pode me provar com argumentos científicos que existe um inferno? (Pergunta de uma aluna de escola superior).*

RS11: O campo de afirmações da ciência tem limites bem definidos que muitas vezes passam despercebidos. As possibilidades de conhecimento e esclarecimento são limitadas pelos processos do mundo material. Quando estes fenômenos não podem ser medidos ou expressos em números, as também ciências não os podem explicar. As ciências naturais portanto, não podem ultrapassar dos seus próprios limites, porque elas deixariam de ser ciências e passariam a ser meras especulações. Assim, as ciências não são uma fonte de informação para descobrir algo sobre a origem ou sobre o fim do mundo, e também não podem nos dar respostas sobre o que acontece no outro lado da morte.

Mesmo que as ciências não possam nos dizer algo sobre a existência do inferno, existe um lugar único capaz de nos dar certeza sobre esta questão: na cruz do Gólgota podemos ver a realidade do céu e do inferno. A cruz é que melhor interpreta as Escrituras. Se os homens pudessem ir ao céu numa escada rolante, a cruz teria sido supérflua. Se existisse uma religião ou um outro caminho para chegar à salvação, então Deus não teria permitido que seu Filho amado sangrasse à morte na cruz. Por isso, podemos lê-lo claramente na cruz: Realmente existe um inferno. O Senhor Jesus fez tudo para que fôssemos salvos do

inferno. Sem a obra do Gólgota estaríamos todos condenados à perdição (Rm 5,18). Poderíamos resumir a obra da cruz em uma frase: »Aqui o Filho de Deus salva do inferno!« Nunca alguém fez algo maior pelos homens do que a obra do Gólgota. A Senhor Jesus pregava insistentemente sobre amor e misericórdia, graça e justiça, convidando os seus ouvintes ao céu, mas também falou com seriedade particular do inferno. Ele o descreve como abismo sem fundo, um lugar »onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga« (Mc 9,44) e um lugar de »castigo eterno« (Mt 25,46). Conhecendo a realidade, ele nos avisa com insistência insuperável para que não terminássemos neste lugar:

»Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno« (Mt 5,29).

»Portanto, se a tua mão ou o teu pé te faz tropeçar, corta-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida manco ou aleijado do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno«(Mt 18,8).

5. Perguntas sobre as religiões (PR)

A natureza das religiões: das obras da criação pode-se concluir que deve haver um criador (Rm 1,19-21). Desde a queda, a consciência indica ao homem que ele está separado de Deus e vive de maneira pecaminosa: »Pois estes (= os pagãos) mostram a norma da lei gravada no seu coração, testemunhando-lhes também a consciência e os seus pensamentos, mutuamente acusando-se ou defendendo-se.« (Rm 2,15).

Todos os povos têm procurado a reestabelecer a união com Deus por meio de seu *próprio* pensar e querer e desenvolveram as mais diversas religiões. A palavra *religião* origina do latim *religio* : diligência, temor de Deus) que provavelmente se deriva do verbo *re-ligare* (= voltar a unir). Esta ligação se procura essencialmente por meio de duas características típicas que encontramos em todas as religiões: pela observação de diversas prescrições inventadas por homens (sacrifícios rituais, por exemplo), e por objetos aos quais se confere uma importância particular (estátuas no budismo, moinhos de oração, a Caaba em Mecca).

A seguir, denominaremos de religião todos os esforços humanos para chegar a Deus. Com o evangelho, no entanto, acontece o contrário: Deus mesmo atua e vai ao encontro do homem. Como resultado desta observação, não denominamos o caminho bíblico de religião (tratado mais detalhadamente em [G3]).

PR1: *Existem tantas religiões. É impensável que todas sejam falsas. Não é pretencioso por parte do cristianismo afirmar que ele é o único caminho para a vida eterna?*

RR1: Nenhuma religião salva, nem a cristã, se ela se comportar como religião. Existe um Deus só, é aquele que criou o céu e a terra. Somente a Bíblia fala deste Deus. Somente Ele pode nos dizer com garantia o que pode nos salvar. Se houvesse alguma religião capaz de salvarnos da eterna perdição, Deus teria-no-lo dito. Neste caso, a morte de Cristo na cruz não teria sido necessária. Mas como o sacrifício do Gólgota foi feito, era absolutamente necessário para a salvação. Por conseguinte, a cruz de Jesus nos mostra claramente que não existe um método

mais »barato« para expiar o pecado perante o Deus Santo. Por meio da morte de Jesus na cruz, Deus julgou o nosso pecado de maneira que a única forma da salvação é de voltarmos-nos pessoalmente a Jesus Cristo e entregar-lhe a nossa vida. Em todas as religiões, o homem deve salvar-se por esforço próprio; segundo o evangelho, Deus já tem feito tudo por meio do seu próprio Filho e o homem só precisa receber a salvação por fé. Por isso, Atos 4,12 fala tão categoricamente: »E não há salvação em nenhum outro (além de Jesus); porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos.« Além de Jesus não existe uma ponte para o céu!

Todas as religiões são miragens enganadoras no deserto de uma humanidade perdida. A um sedento, não ajudará a miragem de uma fonte de água. Da mesma forma, a ideia da tolerância ante as criações da imaginação humana só trará a perdição (Pv 14,12). O homem precisa de água fresca. A Bíblia indica com toda clareza à única oásis verdadeira, à única chance de sobreviver, que é Jesus Cristo:

»Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim« (Jo 14,6).

»Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo« (2Co 3,11).

»Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida« (1Jo 5,12).

PR2: *Os cristãos e os muçulmanos, não oramos todos para o mesmo Deus? (Pergunta feita por um muçulmano).*

RR2: »Permita-me contestar com uma pergunta: O seu Deus Alá, é o pai de Jesus Cristo?«- »Não. Alá não tem Filho. Isto seria blasfêmia!« – »Veja, então seu Deus não é o mesmo que o meu.« Considerando as muitas religiões, a questão da tolerância se planta para muitas pessoas: »Afim das contas, não veneramos todos ao mesmo Deus?« Já nos tempos do Antigo Testamento, o Deus da Bíblia testifica ser o Único: »Eu sou o primeiro e eu sou o último, e além de mim não há Deus« (Is 44,6); »Eu, eu sou o Senhor, e fora de mim não há salvador« (Is 43,11). Este Deus vivo é o Deus de Abraão, Isaque e Jacó (Mt

22,32); ele é o Pai de Jesus Cristo (Mc14,36a), Devemos indicar às seguintes diferenças entre Alá e o Pai de Jesus Cristo:

1. O relacionamento entre Deus e os homens: No Islão, Deus não se revela. Permanece longe, inaccessível. A exclamação constante de »Allahu akbar« – Deus sempre é o maior – manifesta: não se pode estabelecer um relacionamento pessoal com ele. Alá sempre permanece em outro mundo, semelhante a um grande soberano oriental que está sentado no seu trono muito acima dos seus súditos.

2. O relacionamento Pai-Filho: Para o muçulmano, os termos da filiação (somos filhos de Deus) e de paternidade (Deus é nosso Pai: »Abba, querido Pai«, Rm 8,15) não somente são incompreensíveis como também são uma blasfêmia em si, porque Alá está totalmente separado deste mundo.

3. Deus como homem: A encarnação de Deus em Jesus Cristo é o acontecimento central da história bíblica da salvação. Deus não só andou entre nós, como também tomou os nossos pecados sobre si ao morrer na cruz. A salvação resultante deste fato permanece incompreensível para o Islão.

4. A misericórdia e o amor de Deus: Deus paga um preço incrivelmente alto para poder-se mostrar misericordioso com o homem: »Me deste trabalho com os teus pecados e me cansaste com as tuas iniquidades« (Is 43,24). Deus é misericordioso conosco, porque tem-nos resgatado a um alto preço (1Co 6,20; 1Pd 1,19). A misericórdia de Alá não custa nada, é arbitrária.

5. Deus é nossa confiança: No Islão é inconcebível que um Deus oferecesse abrigo, segurança, paz e certeza da salvação: »Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida... poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor« (Rm 8,38-39). É inconcebível no Islão que Deus pudesse se humilhar ao ponto de morrer na cruz, inconcebível o Espírito Santo derramado em nossos corações, inconcebível a volta do Senhor Jesus com poder e glória.

Está certo de que o Deus do Alcorão e o Deus da Bíblia se pa-

reçam verbalmente. Porém um exame mais cuidadoso mostrará que ambos não têm nada em comum. Por isso, os muçulmanos e os cristãos, não oramos ao mesmo Deus.

PR3: *Como posso reconhecer que o evangelho não é uma religião mas de origem divina?*

RR3: Algumas diferenças notáveis entre as religiões e o evangelho já podem ajudar-nos na busca da verdade:

1. Em todas as religiões, o homem se esforça para alcançar a Deus, mas nenhum dos que buscam pôde testificar: »Achei um relacionamento pessoal com Deus, Tenho paz no coração, meu pecado está perdoado, tenho certeza da vida eterna.« No evangelho de Jesus Cristo, Deus se volta para nós, Com a cruz ele atravessa o abismo do pecado e nos dá a salvação. Quem o aceita pode confessar: »Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida... poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor« (Rm 8,38-39).

2. As profecias do AT que anunciam o salvador têm-se cumprido ao pé da letra (p.ex. Gn 3,15; Nm 24,17; Is 11,1-2; Is 7,14). Em nenhuma religião existem profecias semelhantes que tivessem sido anunciadas e cumpridas.

3. Deus tem condenado todas as religiões como idolatria e magia (1Co 6,9-10; Gl 5,19-21; Ap 21,8). Nenhuma das numerosas religiões tem caráter salvador (Gl 5,19-21). Se houvesse uma, então Jesus teria-la recomendado, e não precisava de ter sofrido a morte amarga na cruz. O filho de Deus porém foi à cruz, para obter a única possibilidade de Salvação. Por isso, disse como consequência: »Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a todas as criaturas.«

4. Deus certificou o sacrifício de Cristo com a ressurreição dos mortos (Rm 4,24-25). É o único túmulo vazio da história do mundo. »Por que buscais entre os mortos ao que vive? Ele não está aqui, mas ressuscitou « (Lc 24,5-6). Todos os fundadores de religiões morreram e continuam mortos. Só Jesus pôde dizer: »Porque eu vivo, vós também vivereis« (Jo 14,19).

5. Em todas as religiões, o homem procura se salvar por meio de suas obras. O evangelho, ao contrário, é a obra de Deus (Is 43,24b; Jo 3,16). O homem não pode contribuir nada à obra da salvação do Gólgota: Somos resgatados com alto preço (1Co 6,20).

6. As religiões partem de uma imagem do homem equivocada, e da mesma forma estabelecem uma imagem falsa de Deus. Só a Bíblia nos fala quem somos nós e quem é Deus. Nós próprios não somos capazes de mudar de tal maneira que poderíamos agradar a Deus, pois »Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus« (Rm 3,23).

7. Em nenhuma religião Deus abandona o céu para salvar o homem. Em Jesus, Deus se fez homem: »E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai« (Jo 1,14).

Por isso tudo, Jesus não é uma alternativa à religião. Ele é sua revocação e desaprovação. Ele é o único caminho para casa - para a casa do Pai (Jo 14,6).

6. Perguntas sobre a vida e a fé (PV)

PV1: *Por que vivemos na terra?*

RV1: Nós não existimos porque somos o resultado de um processo evolutivo, mas porque foi a vontade de Deus criar o homem. Em nenhuma parte, a Bíblia nos comunica a razão da criação do homem, como por exemplo: porque Deus se sentia só, porque Deus se goza em criar, porque Deus queria ter companhia, ou porque Deus queria criar seres para poder amá-los. Gênesis 1,26-27 nos relata a intenção divina de criar o homem e como o fez: »Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança... Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.« Assim fica claro: Somos seres desejados. Portanto, não somos »preguiçosos cósmicos« (*F. Nietzsche*), nem »ciganos na beira do universo, ou rastaquêras do mundo animal« (*J. Monod*), mas originamos do ato criador direto de Deus.

Além disso, a Bíblia nos fala, que somos amados por Deus: »Com amor eterno eu te amei; por isso, com benignidade te atraí« (Jr 31,3), ou »Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna!« (Jo 3,16). Este versículo também prova que somos destinados para a vida eterna.

PV2: *Qual é o sentido da vida?*

RV2: Nós homens somos os únicos seres terrestres que perguntam pelo sentido. Existem três grandes perguntas que nos preocupam: Onde venho? Por que vivo? Para onde vou? São muitos os que têm refletido sobre estas perguntas. *Hans Lenk*, filósofo alemão, enfatiza que não devemos esperar respostas do seu campo de trabalho: »A filosofia raramente providencia soluções definitivas de conteúdo, ela é um campo que estuda problemas, não estuda temas ou dá resultados. Para ela, em certas circunstâncias, uma perspectiva nova do problema é muito mais importante do que uma solução parcial de uma questão plantada.« *Hermann Hesse*, poeta alemão escreve: »A vida é sem sentido, cruel, néscia e apesar disso, maravilhosa – não zomba do homem, mas também não se preocupa mais pelo homem do

que pela minhoca.« *Simone de Beauvoir*, autora existencialista e ateísta francesa se perde no absurdo: »Que sentido tem a vida, se é destruída radicalmente? Porque então tem existido? Afinal das contas, tudo é absurdo: A beleza da vida, as obras humanas, tudo. A vida é absurda.« As ciências como a psicologia, biologia e medicina também não podem nos dar uma resposta, porque a questão sobre o sentido não é da sua incumbência.

Para muitas pessoas, o sentido da vida consiste em:

- *Querer fazer o bem*: muitos abrigam este pensamento humanista, que ainda não é especificamente cristão. Mesmo que seja recomendável aos cristãos fazerem o bem (Gl 6,10; 2Ts 3,13), fazer obras boas não significa ser um bom cristão.
- *Adquirir prestígio*: Os atletas aspiram a títulos mundiais ou medalhas de ouro. Os artistas procuram a glória nos palcos deste mundo.
- *Criar algo durável*: Alguns crêem que podem continuar a viver através de seus filhos ou das sua sociedade (p. ex. através de fundações associadas ao seu nome). Outros desejam eternizar-se em poemas próprios, memórias e diários.

Deveríamos considerar: Toda a fama terrestre é temporária. Após a nossa morte não teremos nenhum proveito dela, porque para onde iremos »não temos parte em coisa alguma do que se faz debaixo do sol« (Ec 9,6).

Se a nossa vida é a criação de Deus, somente terá sentido se vivemos com Deus e se Ele a dirige. Um coração humano – mesmo se possuísse toda a felicidade do mundo – permanece infatigável, vazio e insatisfeito, se não achar o repouso em Deus. Por isso, queremos descobrir de Deus o que nos dá sentido. Três pontos podem esboça-lo:

1. A meta de Deus para a nossa vida é que encontremos a fé. Sem a fé salvadora em Jesus Cristo seremos perdidos, Por isso, Paulo disse ao carceiro em Filipos: »Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa!« (At 16,31). Neste sentido, »Deus,

nosso Salvador, ... deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade« (1 Tm 2,3-4). Porque esta salvação é de suma importância para todos os homens, a primeira coisa que Jesus diz para o paralítico é: »Perdoados estão os teus pecados.« (Mt 9,2). Para Deus, a salvação da alma tem prioridade sobre a cura do corpo.

2. Quando somos salvos, estamos a serviço de Deus: »Servi ao Senhor com alegria« (Sl 100,2). Como seguidores de Jesus, nossa vida deve-se orientar a fazer dos outros discípulos de Jesus (Mt 28,19).

3. »Amarás o teu próximo como a ti mesmo« (Mt 22,39). Com este mandamento de amar, Deus não só nos impõe que amemos os que estão longe na África do Sul ou no Chile, mas em primeiro lugar que amemos aqueles que nos foram confiados: nosso cônjuge, nossos filhos, nossos pais, nossos vizinhos, nossos colegas de trabalho. A Bíblia condiciona como fato de que amamos a nós mesmos, mas é preciso que este amor se estenda também ao próximos.

A Bíblia denomina de fruto da nossa vida tudo o que temos realizado na fé, como está mencionado nos pontos 2 e 3. Ao contrário dos êxitos passageiros, somente os frutos permanecerão (Jo 15,16). No final da nossa vida, Deus os procurará e nos perguntará o que temos feito com os talentos que nos foram confiados (Lc 19,11-27). Mesmo um copo de água fresca que passamos em nome de Jesus, tem importância para a eternidade (Mt 10,42).

PV3: *Como posso integrar a minha fé na vida cotidiana?*

RV3: Se notar uma mudança clara na vida da pessoa que se tornou crente em Jesus Cristo de todo o coração. Três pontos marcam a nova vida:

1. A ruptura com o pecado: Depois de termos obtido o perdão de todos nossos pecados através da conversão, recebemos uma nova maneira de viver que rompe redondamente com o pecado. Na nossa qualidade de cristãos nascidos de novo não estamos sem pecado, mas o que antes ocorria com toda regula-

ridade, agora nos sobrevem como uma catástrofe. A obediência dos mandamentos divinos - que não foram estabelecidos como proibições, mas como uma ajuda para que tenhamos sucesso – trará uma correção decisiva para a nossa vida. Com esta nova orientação, mostramos a Deus que o amamos (1Jo 5,3) e para os nossos próximos somos uma »Carta de Cristo« (2Co 3,3) que pode ser lida por cada um.

2. A vida cotidiana na fé. Quem crê em Jesus Cristo e em consequência lê diligentemente na Bíblia, encontrará nela uma abundância de conselhos úteis; uma seleção dos quais daremos a seguir. Como esta parte trata quase exclusivamente dos aspectos terrenos da fé, citaremos sobretudo dois livros do Antigo Testamento: Provérbios e Eclesiastes. Encontraremos conselhos sobre a nossa própria pessoa (a) e sobre o comportamento com outras pessoas (b).

2a) A respeito de nós mesmos:

- o corpo (R 13,14; 1Co 3,17; 1Co 6,19)
- comer e beber (Pv 23,20)
- forma de alimentação antes da queda (Gn 1,29)
- forma de alimentação após o dólúvio (Gn 9,3-4; 1Co 8,8; Cl 2,16; 1Tm 4,3-5)
- o sono (Sl 4,9; Pv 6,6-11; Pv 20,13; Ec 5,11)
- necessidade de trabalhar (Êx 20,9-11; Êx 23,12; Pv 6,6-11; Pv 14,23; Pv 18,9; Pv 21,25; Ec 3,13; Ec 10,18; 2Ts 3,10)
- trabalho como princípio de vida (Pv 2,3-11)
- salário de obreiros (Is 65,23; Jr 22,13; Lc 10,7)
- lazer (Pv 12,11b)
- aquisição de dinheiro e propriedade (Ec 4,6; 1Tm 6,6-8; Hb 13,5)
- desejos e valores meramente terrenos (Ec 2,2-11)
- bens materiais (Mt 6,19; Pv 10,22)
- riqueza (Pv 11,28; Pv 13,7; Pv 14,24; Ec 5,18)
- construção de uma casa (Sl 127,1; Jr 22,13)
- esporte (1Co 9,24-25; 1Tm 4,8)
- preocupações (Sl 55,23; Pv 12,25; Fp 4,6; 2Tm 2,4; 1 Pd 5,7)
- sexo dentro do matrimônio (Pv 5,18-19; Ec 9,9; 1Co 7,3-6)

- sexo fora do matrimônio (Pv 5,20-23; Pv 6,24-32; Jr 5,8-9; Hb 13,4b)
- pecado (Gn 4,7; Sl 65,4; Lm 3,39; Jo 20,23; 1Jo 1,9; 1Jo5,17; Hb 12,1)
- álcool (Sl 104,15; Pv 23,30-35; Pv 20,1; Ef 5,18; 1Tm 5,23)
- maneira de falar (Sl 119,172, Pv 12,14+22; Pv 14,3+5; Pv 18,20-21; Pv 25,11; Ef 5,19; Cl 4,6; Tg 1,19; Hb 13,16)
- tentação (1 Pd 1,6-7; Tg 1,2+12)
- acusações da consciência (1Jo 3,20)
- ira (Ef 4,26)
- tempo (Lc 19,13b; 1Co 7,29; Ef 5,15)
- atitude (Fp 2,5)
- sonhos (Ec 5,6)
- alegria e gozo (Sl 118,24; Pv 15,13; Pv 17,22; Fp 4,4; 1 Ts 5,16)
- fazer o bem a nós mesmos (Mt 22,39)
- medida justa (Pv 11,1+24; Pv 20,10)
- filosofia e religião própria (Pv 14,12)
- juventude (Sl 119,9; Ec 11,9; Ec 12,1)
- velhice (Sl 71,9)
- morte (Jó 14,5; Sl 88,4; Ec 8,8)

Como proceder no caso de:

- enfermidade (Ec 7,14; Tg 5,14-16)
- sofrimento (Sl 46,2; Sl 50,15; Sl 77,3; Sl 73,21-28; Sl 107, 6-8; Fp 4,19)
- depressões (Sl 42,6; Sl 119,25)
- outropofobia (Sl 56,12; Sl 118, 6+8; Pv 29,25)
- desgraça (Is 45,7; Lm 3,31-37; Am 3,6)
- atividades diárias (Ec 9,10; Cl 3,17)
- doação / oferta (Pv 11,24-25; Ec 11,1; Ml 3,10; 2Co 9,6-7)
- fianças (Pv 6,1-3; Pv 111,5; Pv 17,18)
- tomar penhor (Êx 22,25-26)
- buscar direção (Sl 37,5; Sl 86,11; Sl 119,105)
- procurar um cônjuge (Ct 3,1; Am 3,3; 2Co 6,14)
- sofrer por causa da justiça (1Pd 3,14)
- doutrinas falsa (Cl 2,8; 2Pd 3,17; 1Jo 4,6)
- projetos (Ec 9,10; Fp 4,13; Cl 3,23)

2b) Recomendações para o comportamento com outras pessoas como:

- o cônjuge (Ef 5,22-28; 1 Pd 3,1-7; Hb 13,4)
- os filhos (Dt 6,7; Pv 13,1; Ef 6,4; Cl 3,21; 1Tm 3,12)
- os pais (Êx 20,12; Pv 6,20; Pv 30,17; Ef 6,1-3)
- os amigos (Mq 7,5)
- a esposa temente a Deus e virtuosa (Pv 12,4; Pv 31,10-31)
- a esposa rixosa e indisciplinada (Pv 11,22; Pv 12,4; Pv 21,19)
- os inimigos (Pv 25,21-22; Pv 24,17; Mt 5,22+44; Rm 12,14)
- os malvados (Pv 1,10; Pv 24,1-2; 1 Pd 3,9)
- os insensatos (Pv 9,8; Pv 23,9)
- os crentes (Rm 12,10; Gl 6,2+10; Ef 4,32; Fp 2,4; 1Pd 3,8-9)
- os incrédulos (Mt 10,32-33; At 1,8; Cl 4,5; 1 Pd 2,12+15)
- os conselheiros (Pv 15,22)
- os próximos (Mt 22,39; Gl 6,10; 1Jo 4,17-18)
- os instrutores espirituais (Hb 13,7)
- os enfermos (Mt 25,36; Tg 5,14-16)
- os médicos e remédios (Mt 9,12; 1Tm 5,23)
- os estrangeiros e hóspedes (Mt 25,35; Rm 12,13; Hb 13,2)
- os pobres (Pv 3,27; Pv 19,17; Mt 25,34-40)
- os extraviados (Tg 5,19)
- falsos profetas (1Jo 4,1-3; Jd 23)
- os duvidosos (Jd 22,23)
- as viúvas (1Tm 5,3; Tg 1,27)
- os que choram e os que riem (Pv 17,22; Rm 12,15)
- as pessoas idosas (Lv 19,32; Pv 23,22; 1Tm 5,1)
- mortos (Ec 9,5-6)

2c) Indicações para a atitude:

- com a congregação (At 2,42; Hb 10,25)
- com a criação (Gn 1,28)
- com o Estado (Mt 22,21; Rm 13,1-7; 1Pd 2,13)
- com Israel (Zc 2,12).

3. No mundo, sem ser do mundo: Jesus resumiu em um frase

o marco de ação do crente em Cristo: »Como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia« (Jo 15,19). Quem crê em Jesus continua vivendo neste mundo como todos os outros, sua atitude perante a vida no entanto – além do que é mencionado no ponto 2 – tem uma dimensão eterna que afeta sua relação com Deus o Pai e seu Filho e sua conduta espiritual:

3a) Atitude com respeito a Deus e a Jesus Cristo:

- amar a **Deus** (Dt 6,5; Sl 31,23; Mt 22,37),
- reconhecê-lo (Sl 46,11)
- crer nele (Hb 11,6)
- pensar nele (Pv 3,5-6; Ec 12,1)
- guardar os seus mandamentos (Ec 12,13; Mq 6,8)
- agradecer-lhe (Sl 107; 8; Ef 5,20; Cl 4,2)
- louvá-lo e exaltá-lo (Sl 103,1-2; Ef 5,19)
- cantar para Ele (Sl 68,5; Sl 96,1)
- invocá-lo na angústia (Sl 50,15)
- adorá-lo (Mt 4,10)
- aproximar-se dele (Tg 4,8)
- amar ao Senhor **Jesus** (Jo 21,16; 2Co 5,6; 2Tm 4,8)
- invocá-lo (At 7,58; Rm 10,13)
- louvá-lo e adorá-lo (Ap 5,12)
- recebê-lo (Jo 1,12)
- crer nele (Mc 16,16; Jo 11,25-26; At 16,31; 1Jo 3,23)
- conhecê-lo cada vez mais (Ef 4,13)
- obedecê-lo (2Co 10,5; 1Pd 1,22)
- seguir-lhe (Lc 14,27; Lc 14,33)
- servir-lhe (Ef 6,7)
- manter comunhão com ele (Jo 15,2; 1Co 1,9; 1Co 11,23-29; 1Jo1,3)
- permanecer nele (Jo 15,4)
- orar a ele e em seu nome (Jo 14,13-14; At 7,58; Ef 5,20)

3b) Ação e comportamento espiritual:

- conceder ao reino de Deus suma prioridade (Mt 6,33; Cl 3,2)
- produzir fruto (Sl 126,5-6; Lc 19,13)
- produzir fruto do espírito (Gl 5,22; Ef 5,9)
- juntar tesouros no céu (Mt 6,20)

- propagar a Palavra de Deus (2Co 5,20; 1 Ts 1,8)
- fazer o que agrada a Deus (Ef 5,10; 1 Ts 2,4)
- proclamar o evangelho (Mt 28, 19,20; Fp 1,27; 1Tm 6,12)
- ter comunhão com crentes (Mt 18,20; At 2,42)
- viver na santificação (1Ts 4,3; 2Ts 2,13; Hb 12,14)
- leer freqüentemente na Bíblia (Js 1,8; Sl 119,162; Cl 3,16)
- ter objetivos espirituais (Sl 39,5; Fp 3,14).

PV4: *Tenho sonhos que se repetem, que me inquietam. Me indicam algo?*

PV4: Existem três tipos de sonhos:

1. Sonhos inspirados por Deus: A Bíblia fala de alguns sonhos onde Deus falou para os homens (p.ex. José: Mt 1,19-25). Ou quem estava sonhando reconhecia que Deus se comunicava a ele (p.ex. Salomão: 1 Rs 3,5-15; Daniel: Dn 7) ou Deus mandava alguém que interpretasse a sua mensagem (p.ex. na prisão, José interpretou os sonhos do padeiro e do copeiro: Gn 40). Sonhos em que Deus fala conosco, podem ser reconhecidos pelo fato de que não nos oprimem ou espantam. Em seguida, eles se manifestarão como uma ajuda especial em certas situações da vida. Esta forma de falar de Deus somente acontece em situações excepcionais.

2. Sonhos sem significado: A maioria dos sonhos é fugaz e sem significado, como se expressa em Jó 20,8: »Voará como um sonho e não será achado (=a glória do incrédulo), será afugentado como uma visão da noite.« A prática corrente de interpretar sonhos simbolicamente, deve ser rejeitada: »E os adivinhos vêm mentiras, contam sonhos enganadores« (Zc 102). Também encontramos uma explicação útil no livro apócrifo Eclesiástico de Sirac 34,1-8:

»O insensato tem esperanças vãs e ilusórias, e os imbecis voam com os sonhos. Quem confia nos sonhos está agarrando sombras e perseguindo o vento. A visão dos sonhos é um simples reflexo, é como imagem do rosto diante do espelho. Do impuro, o que pode sair de puro? E que verdade se pode tirar da mentira? Adivinhações, presságios e sonhos são coisas

inúteis, como as imaginações da mulher em dores de parto. Se não forem enviados pelo Altíssimo numa de suas visitas, não lhes dê atenção. Os sonhos fizeram muitos extraviar-se, e muitos que neles esperaram acabaram caindo. A perfeição da Lei está além dessas mentiras, e a sabedoria é perfeita para a boca do fiel.»

3. Sonhos de eventos com que ainda não temos digerido: o inconsciente, que está desconectado da vontade e da razão consciente, pode às vezes dar origem a sonhos provocados por algum acontecimento do passado: medos que não têm sido vencidos, pecado não admitido, episódios doloridos (p.ex. recordações de guerra, medo de exames, crises conjugais). É provavelmente este tipo de sonhos aos quais se refere a pergunta feita acima. É possível obter libertação através de assessoramento espiritual. Como se trata, na maioria dos casos, de problemas de culpabilidade, o remédio mais eficaz será a experiência do perdão.

PV5: O que é o pecado?

RV5: Antes de usar a palavra »pecado,« a Bíblia nos apresenta a sua história natural com grande clareza (Gn 3,1-13). Ela não expõe primeiro a teoria e depois a prática. Ao contrário: partindo do fato real ela deriva dele o fundamental. O pecado entrou no mundo através de uma pergunta: »É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?« (Gn 3,1). Pecado portanto, é ação, que se dirige contra a vontade de Deus. Os Dez mandamentos (Êx 20,1-17) e o Sermão do Monte (Mt 5-7) constituem espelhos excelentes para reconhecer a própria pecaminosidade. Quando alguém vive sem a Palavra de Deus, ele não conhece a vontade de Deus e por isso vive automaticamente e permanentemente no pecado. A primeira palavra na Bíblia para »pecado« (hebr. *chattath*) se encontra em Gênesis 4,7 e significa *errar o alvo*. Esta tradução também vale para a palavra grega »*hamartia*.« Outros significados da palavra »pecado« são: desvio, deformação (hebr. *awon*), maldade, perversidade (Hebr. *raa*); violência (Hebr. *chamas*); atitude malvada (hebr. *räscha*). Já a mera falta de justiça é pecado: »Ai daquele que edifica a sua casa com injustiça« (Jr 22,13). No Novo Testamento, a definição equivalente de pecado é: »Tudo o que não provém de fé é pecado« (Rm 14,23). Para *Hermann*

Bezzel pecado é a redução do homem a si mesmo. Em João 16,9, Jesus identifica o pecado geral dos homens com a falta de relacionamento pessoal com Ele: »Porque não crêm em mim.« O pecado é o grande obstáculo na relação entre Deus e homem. Quem não experimenta uma correção da sua trajetória por meio da volta a Deus e do perdão (1Jo 1,9), conhecerá a consequência de errar o alvo como uma lei inalterável: »Porque o salário do pecado é a morte (eterna)« (Rm 6,23). Para muitas pessoas, a saúde ocupa o primeiro lugar nas suas prioridades enquanto que não se preocupam com a pior das doenças: o pecado – a enfermidade fatal.

PV6: *Segundo a Bíblia, pode um homem e uma mulher viver juntos sem estar casados? A partir de que momento o casal está casado: Depois da decisão de ficarem juntos? Depois da primeira relação sexual? Depois do casamento civil ou religioso?*

RV6: Antes de esclarecer estas questões mais e mais ardentes na nossa época, observaremos cinco orientações bíblicas fundamentais. Ao fazê-lo, aplicamos um princípio de interpretação, segundo o qual a solução de um problema não se deve concentrar num só versículo, mas que se dá através do contexto de várias afimrações fundamentais (veja Princípios de Interpretação PI5 e PI6 no Apêndice, Parte II):

1. Matrimônio e sexualidade: Deus instituiu o matrimônio dentro da ordem creacional. O matrimônio é de acordo com a sua vontade e sua boa ideia: »Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea.«(Gn 2,18). Esta aliança é desenhada como uma união para toda a vida (Mt 19,6), como diz a fórmula legal: »Até a morte vos separe.« Ao estabelecer esta união do homem e mulher instituída por Deus, o criador havia dito: »Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne« (Gn 2,24). Ser »uma só carne,« se refere em primeiro lugar à união física, sexual, mas esta expressão abrange toda a pessoa e portanto também a sua alma e espírito. Duas pessoas com vidas até então separadas experimentam a mais íntima comunhão que existe. Se tornam »um,« tanto nos sentimentos e pensamentos, como na sua relação espiritual e física. A sexualidade é um presente

de Deus, e segundo a Bíblia, a relação íntima não serve somente para a procriação:

»Não vos priveis um ao outro, salvo talvez por mútuo consentimento, por algum tempo, para vos dedicardes à oração« (1Co 7,5)

»Seja bendito o teu manancial, e alegra-te com a mulher da tua mocidade, corça de amores e gazela graciosa. Saciem-te os seus seios em todo o tempo; e embriaga-te sempre com as suas carícias« (Pv 5,18-19)

»Goza a vida com a mulher que amas, todos os dias de tua vida fugaz, os quais Deus te deu debaixo do sol; porque esta é a tua porção nesta vida pelo trabalho com que te afadigaste debaixo do sol« (Ec 9,9).

A Bíblia nos ensina a atitude correta com a sexualidade: ela se distancia tanto da esquisitice (Ct 4) como da volúpia (Jr 5,8). O amor e o respeito são as condições elementares determinadoras (Cl 3,19; 1Pd 3,7).

2. O matrimônio e a igreja como instituições de Deus: Neste mundo, existem muitas formas da vida comunitárias, entre as quais o casamento e a família, a igreja e o estado (Rm 13,1-7) são segundo a vontade de Deus. A igreja de Jesus Cristo e o matrimônio são duas instituições especiais de Deus e não invenções humanas, como pensam algumas pessoas: Por isso, as duas comunidades são atacadas num mundo ímpio (1Tm 4,3; Ap 2,9). Deste a criação, não existiu uma cultura humana sequer sem matrimônio. Nunca se tornou antiquado, e apesar das tendências modernas anti-matrimoniais e apesar dos fracassos humanos, esta instituição sobreviverá todos os tempos, porque está fundamentada na providência de Deus para o homem. O mesmo acontece com a igreja: Jesus prometeu que nem sequer as portas do inferno poderiam prevalecer contra ela (Mt 16,18).

3. O matrimônio como parábola: Muitas vezes, a Bíblia compara a fé e o relacionamento entre Deus e o homem como a rela-

ção de confiança mais íntima possível entre duas pessoas, o matrimônio: »Porque, como o jovem desposa a donzela, assim teus filhos te desposarão a ti; como o noivo se alegra da noiva, assim de ti se alegrará o teu Deus« (Is 63,5). Por isso, o matrimônio é escolhido também como parábola (gr. *Myasterion* = mistério) para descrever a relação de Cristo com sua igreja: »Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela« (Ef 5,25+28). Sobre esta analogia nos diz a Palavra de Deus: »Grande é este mistério« (Ef 5,32). Já do caráter símile do matrimônio como comunhão eterna com Cristo, se pode derivar que o matrimônio é uma comunhão para a vida inteira. Cada casamento divorciado produz uma deformação da ideia de Deus e destrói o simbolismo do casamento. Assim se entende a atitude sem compromissos perante a questão do divórcio (Mt 19.6-9).

4. O adultério como parábola: Se o matrimônio vivido em amor e fidelidade é um símbolo da relação de Deus com seu povo, a Bíblia conseqüentemente compara a apostasia e a adoração de deuses estranhos e ídolos com o adultério ou a fornicção:

»Disse mais o Senhor nos dias do rei Josias: Viste o que fez a pérfida Israel? Foi a todo monte alto e debaixo de toda árvore frondosa e se deu ali a toda prostituição. Sucedeu que, pelo ruidoso da sua prostituição, poluiu ela a terra; porque adulterou, adorando pedras e árvores« (Jr 1,6+9)

»Tenho visto as tuas abominações sobre os outeiros e no campo, a saber, os teus adultérios, os teus rinchos e a luxúria da tua prostituição« (Jr 13,27)

5. O que é fornicção? A nossa palavra *fornicção* corresponde na linguagem do Novo Testamento à palavra grega (*porneia*), que reencontramos no termo »pornografia.« O termo »fornicário« (grego *pornos*) é usado no NT junto com os adúlteros e homossexuais (p.ex. 1Co 6,9), e por outro lado como termo mais amplo para definir toda a satisfação do instinto sexual fora do marco estabelecido por Deus que é o matrimônio (p.ex. 1Co 6,18; 1Ts 4,3). Isto inclui:

- Relações sexuais prématrimoniais (Dt 22,28)

- Relações íntimas com outra mulher que não seja esposa legítima (Lv 18,20; Jr 5,8-9; Mt 5,32)
- Homossexualidade (Gn 19,5; Rm 1,26-27; 1Tm 1,10)
- O incesto (1Co 5,1)
- Relações sexuais com animais (Lv 18,23)

Todos aqueles que praticam fornicação, se encontram debaixo de um severo juízo de Deus:

»Tu não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem *impuros*, nem idólatras, nem adúlteros, nem *efeminados*, nem *sodomitas*, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus« (1Co 6,9-10)

»Deus julgará os impuros e adúlteros.« (Hb 13,4)

»Fora (na perdição) ficam os cães, os feiticeiros, os impuros, os assassinos, os idólatras e todo aquele que ama e pratica a mentira.«(Ap 22,15)

Conclusões: Segundo estes fundamentos bíblicos, as repostas procuradas são óbvias. Segundo a Bíblia, a convivência de casais não casados é fornicação, igual às relações sexuais prematrimoniais e extramatrimoniais, excluindo do Reino de Deus, a não ser que as pessoas em questão se afastem desta vida pecaminosa e se arrependam (compare Apêndice I.1.)

A partir de que momento um casal está casado? Com a crescente alienação da nossa sociedade dos mandamentos de Deus, observamos cada vez mais que casais não casados vivem juntos em um relacionamento »semelhante« ao matrimônio, mas sem compromisso. Mesmo que muitas pessoas não vejam uma diferença entre esta união e o matrimônio, eles não são casados. Temos visto no ponto 5, como Deus pensa sobre este tipo de relacionamentos.

Do testemunho da Bíblia vemos que o matrimônio não começa:

- *No momento que um casal decide compartilhar as suas vidas:* Jacó desejava tomar a Raquel como sua esposa. Quando se passaram os sete anos convencionados para obter Raquel,

Jacó disse ao seu sogro Labão: »Dá-me minha mulher, pois já venceu o prazo, para que me case com ela.« (Gn 29,21). Isto se refere à relação sexual. O contexto revela duas coisas: Jacó não tinha tido relações sexuais com Raquel, e o casamento contava a partir da festa oficial de casamento.

- *Quando um casal teve relações íntimas:* Em Israel, quando um homem havia dormido com uma jovem, ele tinha que se casar com ela e, como era costuma na época, pagar o dote nupcial (Dt 22,28-28). As relações íntimas não eram permitidas antes da oficialização do matrimônio.

Definição do começo do matrimônio: Um casamento somente é válido – também perante Deus – quando o homem e a mulher se têm submetido ao ritual oficial comum na sociedade em que vivem.

Esta definição é verificável em todos os exemplos bíblicos de casamentos. Aqui encontramos o seguinte princípio bíblico de interpretação: de uma abundância de casos individuais se extrai o que todos têm em comum, tomá-lo como doutrina bíblica. Esta definição se pode aplicar a qualquer tribo remota com seus próprios rituais reconhecidos dentro desta comunidade, como a nossa cultura com a instituição do registro civil. O importante em todos os casos é que as pessoas dos arredores saibam de maneira clara e oficial que duas pessoas se uniram em matrimônio assumindo o compromisso. Portanto, já não estão à disposição aos que estão em busca de parceiros. Quando um homem olha para uma mulher casada (ou um homem casado a uma outra mulher, ou vice-versa) para desejá-la (-lo), segundo o Sermão do Monte (Mt 5,28), está cometendo adultério. Jesus disse à mulher samaritana no poço de Jacó, que o homem, com quem vivia no momento, não era seu marido (Jo 4,18). Se tivesse estado oficialmente casada com ele, Jesus não teria falado com ela desta maneira. A Bíblia não estabelece a forma externa do casamento, mas existe um dia oficial do casamento, onde o homem e a mulher se pertencem oficialmente. Nos tempos de Abraão (Gn 24,67) se fazia diferente que nos tempos de Sansão (onde o casamento durava sete dias; Jz 14,10-30), ou nos tempos de

Jesus (bôdas de Canaã: Jo 2,1-11). Em Portugal ou nos países latinoamericanos, o matrimônio é reconhecido oficialmente e judicialmente pelo casamento no registro civil, que de acordo com a definição derivada bilicamente, é aprovada por Deus.

PV7: *Creer não significa »saber.« Como é que você pode afirmar que a fé representa uma certeza?*

RV7: Numerosos pensadores têm-se preocupado com a questão da fé. Acharmos posições que diferem muito uma da outra, mas que não são o resultado de um modo de pensar neutro, mas que refletem o ponto de vista pessoal.

Pontos de vista críticos: O ateu *Theo Löbsack* declara: »A fé defende ideias preconcebidas e rejeita as conclusões científicas que a contradizem. Por isso, a fé é o inimigo mortal da ciência. De forma semelhante se expressa *Kant*: »Eu tive que supremar o saber para preservar um lugar para a fé.« Com este conceito antibíblico, ele preparou o caminho para diversas escolas filosóficas, totalmente opostas à fé, Num muro de uma escola superior de Norf, perto de Neuss (Alemanha) disse: »Não confies em ninguém, que tenha seu Deus no céu.« Esta é a consequência final da razão crítica.

Pontos de vista positivos: *Isaac Newton*, provavelmente o maior físico de todos os tempos, declarou: »Quem só reflete pela metade, não crê em Deus; mas aquele que reflete bem, não pode senão crê em Deus.« O célebre matemático *Blaise Pascal* (1623-1662) testifica com semelhante certeza: »Assim como todos as coisas falam de Deus a aqueles que o conhecem, e o revelam a aqueles que o amam, da mesma maneira, no entanto, estas mesmas coisas o ocultam perante aqueles que não lhe buscam, e não lhe conhecem.«

Estas duas posições opostas mostram claramente, que a fé não é uma função da ignorância, mas que unicamente depende da atitude pessoal preconcebida. Esta não muda por reflexões filosóficas, mas unicamente pela volta a Jesus Cristo, passo que a Bíblia denomina de conversão. Para os inconcertidos, as questões da fé são loucura (1Co 1,18), e são incapazes de compreendê-las (1 Co 2,14). Mas aquele que é atingido por Cristo,

será guiado na verdade (Jo 16,13), sua fé tem um fundamento sólido (1Co 3,11) e sua fé é algo certíssimo:

»A fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem« (Hb 11,1).

PV8: *É necessário um sinal externo para o novo nascimento?*

RV8: A conversão e o novo nascimento são dois termos que descrevem o processo da nossa salvação. A conversão é feita pelo homem, e ao novo nascimento é feito por Deus. A conversão é portanto a parte humana, e o novo nascimento a parte divina do mesmo processo. Na sua conversa noturna, Jesus diz a Nicodemo: »Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus« (Jo 3,3). O novo nascimento portanto, é necessário para entrarmos no céu. Nascer de novo é um processo passivo, como o nascimento biológico. Por meio do nascimento natural, entramos na vida terrena e nos tornamos cidadãos deste mundo. Do mesmo modo, se adquire a cidadania celestial somente por meio do nascimento. Posto que todas já temos nascido uma vez, a Bíblia denomina este segundo nascimento que proporciona o direito à vida (eterna) celestial de *novo nascimento*.

Por meio do arrependimento, nos apartamos da nossa antiga vida de pecado, e na conversão nos voltamos a Cristo. Todo aquele que se volta a Deus com todo o seu ser, será com alguém que regressa ao lugar celestial. Deus responde dando-nos uma vida nova e eterna; isto é, o nosso novo nascimento, que não é acompanhado por um sinal externo mas uma nova atitude de vida que se logo manifestará através de frutos visíveis do Espírito – amor, alegria, paciência, benignidade, bondade, fé, mansidão e pureza (Gl 5,22-23).

PV9: *Você fala conosco como se o próprio Deus lhe tivesse enviado para cá. Como pode fazer isso? (Durante uma palestra numa penitenciária para menores).*

RV9: Me alegro que você plantou esta pergunta de maneira tão provocadora, porque é bom que rendamos contas também disto. Você esperará em vão toda a sua vida se deseja que a mensagem do evangelho lhe seja anunciado por um anjo do céu. Deus mes-

mo consumou a salvação em Jesus Cristo; a proclamação deste fato no entanto, ele confiou aos homens., é a vontade de Deus que os discípulos de Jesus realizem a tarefa de fazer outras pessoas discípulos também e os instruem biblicamente (Mt 28,19-20). Assim podemos presentarnos em nome do Senhor, o criador do céu e da terra, porque »de Deus somos cooperadores« (1Co 3,9), todos os crentes em Jesus Cristo são chamados para colaborar assim, e um dia seremos julgados conforme o que temos feito com o evangelho que nos foi confiado (Lc 19,11-27). O maior representante acreditado de um governo no exterior é o embaixador. Ele é autorizado, credenciado e enviado para atuar em nome do seu governo. Nesta categoria elevada nos tem posto o Filho de Deus no que se refere à pregação do evangelho, porque no Novo Testamento está escrito expressamente: »De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus« (2Co 5,20). Jesus diz em Lucas 10,16: »Quem vos der ouvidos ouve-me a mim; e quem vos rejeitar a mim me rejeita; quem, porém, me rejeitar rejeita aquele que me enviou.«

PV 10: *O que você pensa da tecnologia genética?*

RV10: Os métodos da tecnologia genética permitem combinar gens de uma maneira totalmente nova. Por isso se abre a possibilidade de fazer mudanças nos bens hereditários dos seres vivos e usá-los para certos fins. No centro dos esforços da cirurgia genética está a construção de células de bactérias, que se tornam locais de produção para produtos interessantes para a medicina ou tecnologia (p.ex. hormônios, vacinas), através a implantação de um gen estranho (p.ex. de mamíferos ou de homens). O primeiro remédio produzido pela tecnologia genética foi o hormônio *Insulina*, que é indispensável no tratamento da diabete. Neste processo, se toma o gen humano que produz a insulina necessária num homem saudável, e o insere em colibactérias. A insulina produzida desta maneira portanto, é idêntica à insulina produzida normalmente no corpo humano. Outros objetivos da tecnologia genética são o melhoramento do valor nutritivo das plantas cultivadas, fazê-los mais resistentes contra infecções e pesticidas ou curar doenças hereditárias através da inserção de de im gen adicional e intato no conjunto de cromos-

somas do homem. O proveito desta nova tecnologia é evidente. No entanto, também deve-se considerar que toda a tecnologia é ambivalente: Um martelo pode ser usado para por um prego na parede, mas ao mesmo tempo, pode quebrar o crânio de uma pessoa. Assim, quase não se pode estimar as consequências a longo prazo, mesmo quando a tecnologia é aplicada com boas intenções. Tudo isto é válido em especial para a tecnologia genética.

A construção da torre de Babel – como se sabe bem – é ligada ao juízo da confusão das línguas. O que poucos sabem, é que Deus também entregou o homem às suas próprias ações: »Agora não haverá restrição para tudo que intentam fazer« (Gn 11,6). Deus permite que o homem faça coisas que ele não deveria fazer. Seria melhor para o homem, se ele não tivesse a habilidade de construir câmaras de gás para matar ali as pessoas em massas. Seria melhor se não soubesse desenvolver bombas atômicas para apagar cidades inteiras, ou conceber sistemas de ideias que escravizassem o homem. Assim também está dentro das possibilidades humanas de voar à lua, transplantar órgãos ou manipular gens.

O homem desligado de Deus se considera como autônomo e não conhece restrições nos seus atos, que serão um juízo para ele. O homem que crê em Deus procurará os padrões bíblicos, e não fará tudo que é possível. Por meio da ordem »multiplicai-vos« (Gn 1,28) Deus nos permite a participar no processo criador. Na coordenação sexual de homem e mulher, Deus tem dado todos os requisitos necessários para este processo de criação, mesmo assim, Deus continua sendo aquele que forma o homem: »Pois tu formaste o meu interior tu me teceste no seio de minha mãe« (Sl 139,16). Na manipulação genética, intervimos mudando o processo estabelecido por Deus: os gens transferidos para um óvulo fecundado podem transmitir-se a gerações seguintes. Esta intervenção é irreversível e contém perigos imprevisíveis. *Ch. Flämig*, com uma visão utópica, estima que o objetivo final da genética é a criação de um super-homem: »As maiores inteligências da humanidade vão...desenvolver métoídos genéticos capazes de inventar novas propriedades, novos órgãos e novos sistemas biológicos, que servirão aos interesses, à felicidade

e à glória daqueles seres semelhantes a Deus, dos quais nós, miseráveis criaturas, somos hoje mesquinhos precursores« (»Die genetische Manipulation des Menschen« em Politik und Zeitgeschichte B3 /1985, págs. 3-17 [»A manipulação genética do homem« - a trad.]). Esta meta faz do homem um Prometeu que despreza a Deus:

»Aqui estou eu, modelando homens,
Á minha imagem,
Uma linhagem à minha semelhança,
Para sofrer, para chorar,
Para desfrutar e se alegrar,
E para não estimar-te
Como eu!«

(Johann Wolfgang v. Goethe)

RV11: *O que fazia Jesus com as moscas e mutucas? As mata-va?*

RV11: »Respeito pela vida« é a expressão conhecida de *Albert Schweitzer* que – se aplicada conserquentemente ao homem – impediria que houvesse 80 milhões de abortos ao ano no mundo. *Schweitzer* porém foi mais além do respeito pela vida humana: quando passeava na mata, procurava nunca pisar num inseto. No hinduismo não se pode matar animal nenhum, porque se crê que o homem, depois da morte terrenal, pode continuar vivendo num animal qualquer. Em consequência disto existem na Índia oito vezes mais ratos do que homens. O alimento necessitado pelos ratos é um problema insolúvel; os danos causados são indescritíveis. O mandamento bíblico »Não matarás« (Êx 20,13) se refere exclusivamente ao homem. Este mandamento não vale para os animais, porque Deus permite ao homem expressamente de alimentar-se deles (Gn 9,3). No Sermão do Monte, Jesus reforçou o mandamento de não matar (Mt 5,21-26) mas não o estendeu ao reino animal.

A pergunta feita acima coloca Jesus numa posição hinduista ou o aproxima ao modo de atuar de *Albert Schweitzer* ou *Fransico de Assis*, que se infligia castigos quando havia pisado num inseto. Deus nos mostra na Bíblia, como devemos nos comportar com respeito dos animais. Na criação original, tudo estava sob o juízo: »Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom«

(Gn 1,31). Por conseguinte, não havia doenças, nem morte, nem insetos prejudiciais ou animais perigosos. Com a queda aconteceu uma ruptura no mundo animal, marcada por diferenças graduais bem claras de espécie a espécie. Por isso, existe a categoria dos animais puros e impuros (Gn 7,2). Também se distingue entre animais ferozes (Lv 26,6) e animais úteis, cuja proteção está fundamentada nos Dez Mandamentos (Êx 20,10+17). Segundo Deuteronômio 25,4, o israelita não deveria atar a boca do boi quando trilhar. Com a queda, outros animais perderam o seu papel originalmente positivo em relação ao homem passando a ser prejudiciais. A Bíblia cita em especial os gafanhotos, besouros, lagartas, sapos e insetos parasitas, que em grande número, chegam a ser juízos divinos (Êx 10,12; Sl 78,45-46; Sl 105,30-34; Jl 2,25; Am 4,9). Da mesma maneira as serpentes e os escorpiões incorporam potências inimigas, das quais Deus pode nos proteger (Nm 21.8-9; Lc 10,19) ou que em situações de juízo, podem obter poder sobre o homem (Nm 21,6; 1Rs 12,11).

A maioria das doenças são causadas por microorganismos (vírus, bactérias, parasitas). Se Jesus curou *toda* a enfermidade (Mt 4,23) com certeza matava estes organismos vivos e prejudiciais que ameaçam o homem. Fazemos uma falsa imagem de Cristo se lhe atribuímos uma avaliação pouco realista desta criação caída. Com sua autoridade, Jesus reprime poderes destrutores como vento e ondas (Mt 8,27), doença e morte (Mt 8,3; Jo 11,43-44), demônios e espíritos imundos (Lc 11,4). Jesus veio a nós como Filho de Deus e ao mesmo tempo como homem. Ele »se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana« (Fp 2,7), isto é, ele estava exposto a todas as situações da vida, e com isso às pragas de mosquitos, mutucas e moscas. A Bíblia nunca nos diz de forma explícita como ele lidou com isso, mas tomando em consideração o que foi dito acima, podemos deduzir que ele as matava ou espantava.

7. Perguntas sobre a morte e a eternidade (PM)

PM1: *Existe vida após a morte?*

RM1: As pirâmides gigantescas dos egípcios dão testemunho dos conhecimentos das técnicas de construção e da arquitetura da época, mas sobretudo são testemunhos poderosos de uma humanidade que crê em uma vida depois da morte. Não existe cultura ou tribo neste mundo que não tenha esta fé. Nem sequer os ateus constituem uma exceção. Quando, após o falecimento de *Ho Chi Minh* (1890-1969), revolucionário do Vietnã do Norte, o seu testamento foi lido perante as notáveis personalidades do partido comunista, dizia nele: »Eu vou para reunir-me com os camaradas *Marx, Lenin e Engels*.« Como se explica isto? Bem, Deus tem posto »a eternidade no coração do homem« (Ec 3,11). Para nós a morte é como um muro, e não podemos olhar por cima dela. Mas *Um* tem derrubado este muro e voltou do outro mundo: O Senhor Jesus Cristo! Ele morreu na cruz e ressuscitou dos mortos no terceiro dia. Deste triunfador sobre a morte temos a certeza de que a nossa existência não termina com a morte. Ele tem nos dado testemunho da realidade do céu e do inferno. Somos criaturas da eternidade chamadas para a vida eterna através da fé n'Ele: »Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente« (Jo 11,25).

PM2: *O que é a vida eterna? Como a podemos imaginar?*

RM2: Na linguagem do AT existem duas palavras diferentes para a palavra portuguesa »vida«: *bios* e *zoä*. *Bios* designa a vida biológica do homem, como todas as demais criaturas viventes não-humans. Esta vida transcorre rápida e fugazmente, como um rio, como um sonho, como uma flor que murcha (Sl 90,5; Sl 103,15). Em Jó 14,1-2 lemos: »O homem, nascido de mulher, vive breve tempo, cheio de inquietação. Nasce como a flor e murcha; foge como a sombra e não permanece.« Outra passagem compara a vida que se nos escapa com a neblina: »Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa« (Tg 4,14).

Otto von Bismarck disse certa vez que: »A vida é como uma hábil extração de dente. Sempre pensamos que o essencial ainda

está por chegar, até que de repente nos damos conta que tudo já passou.« O poeta *Chr.F. Hebbel* escreveu: A vida é uma amêndoa amarga empacotada em sete capas de papel de ouro,« e o ensaísta *Adolf Reitz* definiu a vida como uma »tumba comum de esperanças e decepções.« A Bíblia no entanto nos dá uma perspectiva completamente diferente: Onde as pessoas descobrem que sua vida é uma presente de Deus e quando vivida seguindo a Jesus Cristo, adquire uma nova dimensão descrita na palavra grega *zoã*. *Zoã* é a vida que provém de Deus, essa vida essencial, indissolúvel e eterna. Jesus Cristo veio a este mundo para trazer-nos a vida eterna. Assim ela não só está ligada a Sua pessoa, mas é n'Ele que nos encontra a vida eterna por via direta. Jesus diz em João 14,6: »Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida (eterna!)« (grego *zoã*). O apóstolo João também testifica da identidade de Jesus e da vida eterna: »E a vida (eterna, grego *zoã*) se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho, e vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada (1Jo 1,2). Quem crê em Jesus, quem o aceitou como Senhor, tem, pois, a vida eterna (1Jo 5,12). Com a promessa da vida eterna (1Jo2,25), nossa vida temporal descansa sobre um fundamento eterno. Somente isto explica porque os discípulos de Jesus suportam perseguição, prisão e torturas e até vão à morte sem negar o seu Senhor. A vida eterna será plenamente revelada após a ressurreição. »Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno« (Dn 12,2). Nesta vida, não só temos a promessa da vida eterna como já temos parte na vida abundante, existência e glória d Deus e Jesus Cristo. Quando a fé se tornar vista, veremos Jesus e o Pai de cara a cara.

PM3: *Quando é que começa a vida eterna?*

RM3: Segundo o testemunho da Bíblia, existem somente duas classes de existência eterna: vida eterna e perdição eterna. Por isso, citando *Heinrich Kemner*, »viver e morrer sem Jesus Cristo é a maior perda para o homem.« João 3,15 enfatiza: »...para que todo o que nele crê tenha a vida eterna.« Por conseguinte, a vida eterna não acontece após a morte, mas vale desde o momento da conversão: »Por isso, quem crê no Filho *tem* a vida eterna« (Jo 3,36). Esta fé carrega o sêlo da ressurreição de Cristo dos mortos, e, portanto, descansa sobre um fundamento abso-

luto e invariável. Deus quer que tenhamos uma firme certeza dentro de nós: »Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus« (1Jo 5,13).

PM4: *Como posso imaginar o céu?*

RM4: A imaginação humana não basta para podermos fazer uma ideia do céu. A Paulo foi concedida uma vista ao terceiro céu (2Co 12,2). Neste contexto, ele escreve da sabedoria *oculta* de Deus, que o Espírito de Deus já nos revela aqui na terra: »Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam« (1Co 2,9). Quanto mais certa é a descrição para a glória de Deus todavia invisível para nós e para o próprio céu! A Bíblia nos pinta um quadro incompleto do céu, mas com numerosas facetas, que vamos considerar a seguir. A fé nos permite saborear de antemão o que será indiscritível quando o virmos na realidade.

1. O céu, um reino: Todos os reinos deste mundo são transitórios e seu poder terrenal é temporário. O império alemão de 1871, nem durou cinquenta anos. O Terceiro Reich alemão que pretendia subsistir por mil anos, terminou após doze anos arrasado e reduzido a escombros. O céu ao contrário é um reino eterno (2Pd 1,11) que não terá fim. É um »reino que não pode ser abalado« (Hb 12,28). É a pátria celestial que anelavam os patriarcas (Hb 11,16), um reino, no qual o poder absoluto de Deus e seu governo perfeito serão universalmente reconhecidos. Aqueles que pertencem a Jesus Cristo, reinarão com ele de eternidade a eternidade (Ap 22,5; Lc 19, 17+19).

2. O céu, a casa do Pai: contrastando com todas as casas e moradas deste mundo, o céu é um lugar imperecível: »Na verdade, não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a que há de vir« (Hb 13,14). Deus mesmo preparou esta cidade (Hb 11,16), e o Senhor Jesus é o arquiteto deste domicílio eterno: »Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vô-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar« (Jo 14,2). Todos, que pertencem a Cristo, são cidadãos; são da família de Deus (Ef 2,19).

No »Pai-Nosso« Diz: »Pai nosso, que estás nos céus« (Mt 6,9), e em João 17,24, Jesus ora: »Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória.« O céu é o nossa casa paterna, habitada por Deus (Gn 24,7; Sl 115,3; Mt 6,9). É igualmente a morada de Jesus. De lá, ele veio ao mundo (Jo 3,13; Jo 6,38) e ali ele foi recebido após a sua ascensão (Lc 24,51; At 1,11). Na sua volta pela segunda vez ele virá com poder e grande glória para tomar consigo os que pertencem a ele.

3. O céu, nossa pátria: No percurso da última guerra mundial, milhões de pessoas da Prússia Oriental, Pomerânia e Silésia (antigas províncias alemães) perderam a sua pátria. De geração a geração eles tinham vivido nestes territórios até o dia da fuga ou da expulsão. O autor mesmo tem sido testemunha ocular destes acontecimentos horríveis. O homem é criado para ter uma pátria. *Nietzsche* lamentou sua falta de pátria espiritual com as palavras: »Ai de quem não tem pátria!« Neste mundo, só existe uma pátria temporária; por isso, Paulo escreve aos filipenses (3,20): »Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo.«

4. O céu, lugar de alegria: Uma festa de casamento também é um motivo especial de alegria, mesmo para padrões terrenos. A Bíblia sempre nos descreve o céu como uma festa eterna de casamento e alegria: »Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou« (Ap 19,7). Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus, que carregou com paciência todos os pecados do mundo e os expiou na cruz, é agora o noivo, e sua igreja a noiva. Jesus descreve esta multidão de pessoas salvas de todos os povos, tribos e nações em Lucas 13,29: »Muitos virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul e tomarão lugares à mesa no reino de Deus.«

5. O céu, lugar sem pecado. Nosso mundo é impregnado pelas consequências do pecado; Aflição, angústia, dor, pranto, enfermidade, guerra e morte. No céu porém »nunca mais haverá qualquer maldição« (Ap 22,3). Deus será tudo em todos e Ele mesmo fará novas todas as coisas: »E lhes enxugará dos olhos

toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram» (Ap 21,4). Com isto em mente, Paulo podia superar pacientemente os sofrimentos temporários: »Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós« (Rm 8,18).

6. O céu, lugar de coroação: Tudo o que nesta vida realizamos em nome do Senhor Jesus, tem dimensão eterna. Tem caráter permanente. Esta é a razão pela qual Paulo pôde dizer ao final da sua vida aqui na terra: »Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda« (2 Tm 4,7-8). O Senhor glorificado também fala desta coroação em Apocalipse 2,10: »Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida (eterna).«

7. O céu, a nossa meta: A meta mais elevada que tem sido proposta aos homens é alcançar o céu por meio da fé em Jesus Cristo. Em 1 Pedro 1,8-9, o apóstolo refere-se a esta meta: »A quem (=Jesus) não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória, obtendo o fim da vossa fé: a salvação da vossa alma.«

Apêndice

Observações a respeito da Bíblia

Os parágrafos a seguir tratam dos princípios mais importantes para a convivência com a Bíblia. A estrutura detalhada em várias áreas temáticas e a numeração ampla devem facilitar a busca do leitor.

I. Princípios fundamentais a respeito da Bíblia

Na teoria científica é costume de formular as condições iniciais para adquirir conhecimento de uma área especializada em forma de princípios básicos estabelecidos. Isto forma a base para o edifício completo de conhecimento. Mesmo que este método não possa ser transferido inteiramente para a Palavra de Deus por causa da natureza diferente da Bíblia, queremos mesmo assim compilar os princípios básicos essenciais considerando esta limitação. Estes princípios são fundamentais para a convivência com a Bíblia e visam facilitar a introdução à Bíblia especialmente para aqueles, que não dispõem de um conhecimento profundo do »Livro dos livros.« Os princípios básicos consistem de afirmações curtas que são justificadas e comprovadas amplamente com citações bíblicas. Para designar a Bíblia (ou também partes dela) existe uma série de termos sinônimos dos quais fazemos uso: a Palavra de Cristo (Rm 10,17), a Palavra de Deus (1Sm 15,23), O Livro do Senhor (Is 34,16), o Livro (Is 30,2), A Escritura (Lc 4,21), as Escrituras (Mt 21,42), as Escrituras Sagradas (2Tm 3,15), o Antigo e o Novo Testamento (2Co 3,14 e Lc 22,20).

I.1. A origem da Bíblia

B10: *A Bíblia é a única informação escrita revelada e autorizada por Deus:* »Escreve num livro todas as palavras que eu disse« (Jr 30,2). Depois de glorificado, o Senhor manda: »Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras« (Ap 21,5). Não se pode adicionar nem tirar da Palavra da Bíblia (Ap 22,18-19). Por isso, todos os demais livros que pretendem ter revelações divinas (como o livro de Mórão, ou o Alcorão) são invenções humanas. Gálatas 1,8 destaca a singularidade da revelação bíblica, e também as consequências que resultam de quaisquer

alterações feitas por homens: »Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema...«

B11: *Em última análise, a origem da Bíblia é humanamente incompreensível*, mesmo que às vezes assim parece (Lc 1,1-4). Para nós, a transmissão de informação de Deus para os escritores da Bíblia continua sendo um mistério insondável. As expressões »Eis que Eu ponho na tua boca as minhas palavras« (Jr 1,9), »Veio ainda a palavra do Senhor a mim« (Ez 7,1), ou »porque eu(=Paulo) não o recebi, nem o aprendi de homem algum, mas mediante revelação de Jesus Cristo« (Gl 1,12), nos dão a impressão certa de que no caso da Bíblia, deparamos com uma fonte de informação divina. Porém continua sendo um enigma de que forma os escritores receberam o conteúdo da mensagem.

B12: *O aspecto divino da Bíblia:* A autoria original da Bíblia é divina. De acordo com 2 Timóteo 3,16, **toda** a Escritura é inspirada por Deus (grego *theopneustos*: »espirituada por Deus«, dada por Deus e pelo Espírito Santo, »soprada« (inspirada) por Deus). A fonte de informação é Deus o Pai, O Filho de Deus e o Espírito Santo:

- a) *Deus o Pai:* »Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo« (Hb 1,1-2).
- b) *Jesus Cristo:* »Tende cuidado, não recuseis ao que fala (= Jesus). Pois, se não escaparam aqueles que recusaram ouvir quem, divinamente, os advertia sobre a terra, muito menos nós, os que nos desviamos daquele (= Jesus) que dos céus nos adverte« (Hb 12,25).
- c) *O Espírito Santo:* »Homens santos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo« (2Pd 1,21).

B13: *O aspecto humano da Bíblia:* A Palavra de Deus vem em

»vasos de barro«, ou seja, os pensamentos divinos sobre os caminhos inexploráveis de Deus, sobre o seu amor e misericórdia iconcebíveis, são reproduzidos na capacidade limitada de expressão da linguagem humana. Mesmo assim, essas palavras são cheias do »Espírito e Vida« (Jo 6,63).

I.2. A veracidade da Bíblia

B20: *A palavra de Deus é a verdade absoluta:* »Tua palavra é a verdade« (Jo 17,17). O AT também confirma este traço característico: »Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa. Porventura, tendo ele prometido, não o fará? Ou, tendo falado, não o cumprirá?« (Nm 23,19). Em João 14,6 Jesus não só assegura que ele fala a verdade mas também, que ele é a verdade em pessoa. O autor *Manfred Hausmann* escreveu sobre a natureza da verdade: »A verdade é infinitivamente maior e mais profunda que a exatidão.«

B21: *Há uma união entre Jesus e a Palavra de Deus:* Jesus Cristo e a Palavra de Deus formam uma unidade insondável (Jo 1,1-4; Ap 19,13). Durante a sua vida terrestre, Jesus era *homem verdadeiro* e *Deus verdadeiro* ao mesmo tempo. Ele era o Filho de Deus e também o Filho do homem: »Tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana« (Fp 2,7); **mas** ao contrário dos demais homens, ele era sem pecado. O mesmo vale para a Palavra de Deus: Exteriormente tem a aparência de outros livros incluindo numerosos gêneros e meios estilísticos, **mas** ao contrário dos demais livros, é a Palavra de Deus, que é infalível, absolutamente verdadeira (Sm 119,160) e absolutamente imaculada (Pv 30,5). B21 resume os princípios B12 e B13.

B22: *Quanto à verdade expressa, não há diferença entre os vários livros da Bíblia e entre os escritores contratados para escrevê-la.* Portanto, o AT não pode desacreditar a NT (ou vice-versa), os Evangelhos não podem desacreditar as cartas paulinas, porque todos os escritos baseiam em revelação (Gl 1,11). A profundidade da importância das afirmações bíblicas no entanto nem sempre é a mesma. Assim pois a profundidade de pensamento expressa em João 3,16 é incomparável com um detalhe de

viagem em Atos 27,13; e o relato da criação em Gênesis 1 têm outro alcance que o registro dos judeus que regressaram a Israel segundo Esdras 2 (compare também princípio B50).

1.3. Como comprovar a verdade bíblica:

B30: A verdade da Bíblia é comprovável. Deus não espera uma fé cega, mas nos providencia várias normas de exame para ajudarmos a chegar ao conhecimento da verdade:

1. *Comprová-la com a vida:* Jesus ensina que pode-se comprovar a Palavra, aplicando-a na nossa vida: »O meu ensino não é meu, e sim daquele que me enviou. Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo« (Jo 7,16-17).

2. *Comprová-la pela própria liberdade:* Jesus ensina que a aplicação de um sistema errôneo escraviza (ideologias e sistemas de seitas escravizam o homem) enquanto que aceitar e realizar seus pensamentos liberta: »Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará« (Jo 8,31-32).

3. *Comprová-la aceitando-a:* Assim como só se pode conhecer o sabor de uma laranja provando-a, a verdade bíblica só se revela através da leitura e da aceção. As discussões e disputas não podem substituir o estudo intensivo da Bíblia. Os habitantes de Berea agiram de maneira exemplar: »Ora, estes de Beréia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim« (At 17,11)

4. *Comprová-la pelo resultado:* Aquele que sempre se orienta na Palavra de Deus e obedece às suas instruções prosperará de maneira claramente visível (veja também Pergunta PB2): »Não cesses de falar deste Livro da Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito; então, farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido« (Js 1,8)

5. Comprová-la escutando pregações: Há uma promessa especial que Deus tem dado ao que ouve a pregação bíblica. Quem escuta a Palavra de Deus com coração aberta, receberá fé: »E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo « (Rm 10,17).

6. Comprová-la na nossa natureza pecaminosa: Provavelmente, os textos bíblicos que mais tocam a nossa existência são os que descrevem a nossa natureza pecaminosa. Quem lê estas passagens com honestidade, reconhecerá a verdade da Bíblia pelo diagnóstico pessoal que ela nos dá: »Justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos *e sobre todos* os que crêem; porque não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus« (Rm 3,22-23). Creio que nunca encontraremos alguém que rejeitasse a declaração de 1 João 1,8 por não podê-la aplicá-la si próprio: »Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós.

Observação: Chama atenção que a verdade de Bíblia só se revela aos que atuam em obediência. Quem lê a Bíblia de uma maneira meramente intelectual e desligada da própria pessoa, não terá acesso alguma a ela (1Co 1,19). Assim, por uma lado os cálculos são matematicamente convincentes (veja Pergunta PB1), mas o passo para a fé permanece uma decisão individual. As promessas de Deus só podem ser aceitas pela fé ou rejeitadas pela incredulidade.

I.4. A temática da Bíblia

B40: *A Bíblia fala de Jesus.* Isto é válido não só para o NT, porque Jesus também ensina a respeito do AT. »Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim« (Jo 5,39). É através do NT que temos acesso ao AT, porque as suas Escrituras se referem a Cristo. Este princípio Jesus revelou aos seus discípulos no caminho a Emaús (Lc 24,131-35). Este é objetivo principal da Bíblia, enfatizado em João 20,31: »Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida (eterna) em seu nome.«

B41: *A vida fala de coisas terrenas e de coisas celestiais (Jo 3,12).* As coisas terrenas são, por exemplo acontecimentos históricos, descrições de viagem, encontros pessoais, leis e ordens, descrições de estados de ânimo, crônicas familiares, árvores genealógicas, relatos missionários, questões do dia-a-dia e dados científico-naturais. À parte destas afirmações que Deus também considera importantes, a Bíblia sempre dirige a nossa vista às coisas celestiais (Mt 6,33; Cl 3,2): a Deus, a Jesus Cristo e ao Espírito Santo, ao reino de Deus, à crucificação, ao céu e à eternidade.

B42: *A Bíblia sempre dá a descrição mais realista do homem:* Os homens e as mulheres da Bíblia não são glorificados como heróis; bem ao contrário, são descritos conforme a verdade com toda sua fraqueza e imperfeição, com seus fracassos, mas a Escritura também nos relata quando agiram de maneira exemplar. Até os deslizes de Davi, um »homem segundo o coração de Deus (1Sm 13,14; At 13,22) não são retocados (2Sm 11).

B43: *A revelação bíblica é a chave para a compreensão deste mundo:* Ela é a fonte de informação fundamental e insubstituível. Em particular, o presente permanece inexplicável sem os acontecimentos testemunhados do passado - a criação, a queda e o dilúvio – donde se derivam cinco sub-princípios fundamentais (tratado mais detalhadamente em [G6]):

1. *O passado é a chave para o presente:* Esta afirmação é a inversão do princípio básico da teoria da evolução segundo o que seria possível aplicar a qualquer tempo do pasado as conclusões dos dados de observação que obtemos hoje.

2. *Os fatores da criação só podem ser explorados através da fé.* Em muitas passagens, a Bíblia testifica dos diversos da criação:

- pela Palavra de Deus: Sl 33,6; Jo1,1-4; Hb11,3
- pelo poder de Deus: Jr 10,12
- pela sabedoria de Deus: Sl 104,24; Pv 3,19; Cl 2,3
- pelo Filho de Deus: Jo 1,1-4; Jo1,10;Cl 1,15-17; Hb 1,2b
- através dos traços característicos da natureza de Jesus: Mt 11,29; Jo 10,11; Jo 14,17

- sem material inicial (Hb 11,3)
- sem usar o tempo (Sl 33,6)

3. *A morte é a consequência do pecado do primeiro homem.* (Gn 2,17; Gn 3,17-19; Rm 5,12; Rm 5,14; Rm 6,23; 1Co 15,21)

4. *Toda a criação visível é atingida pelas consequências da queda do homem (Rm 8,20+22).* As estruturas destrutivas na biologia (p.ex. bactérias que provocam doenças, parasitas, mecanismos para matar em serpentes, aranhas e animais ferozes, plantas carnívoras, trabalho por causa dos »espinhos e cardos«) não se explicam desligados da queda do homem, e é nela que a efemeridade que observamos em todas as partes tem sua origem.

5. *A geologia atual da terra não pode ser explicada sem o dilúvio.*

I.5. As afirmações da Bíblia

B50: *Nem todas as afirmações bíblicas têm o mesmo peso* (importância, profundidade de pensamento), mas nenhuma informação é insignificante. Este aspecto se compreende imediatamente ao comparar por exemplo João 3,16 com Atos 18,1 (veja Princípio B22).

B51: *A Bíblia contém todos os princípios necessários para nós.* Ela é completa no sentido de que ela contém tudo que é necessário tanto para orientarmos na vida como para alcançarmos o ponto de chegada eterno: »Buscai no livro do Senhor e lede: Nenhuma destas criaturas falhará, nem uma nem outra faltará; porque a boca do Senhor o ordenou, e o seu Espírito mesmo as ajuntará.« (Is 34,16).

B52: *A Bíblia nunca se contradiz.* Na maioria dos casos, as contradições aparentes se resolvem rapidamente por meio de um exame intenso dos textos. Estas contradições surgem frequentemente pela desconsideração de alguns princípios bíblicos:

1. *Os relatos bíblicos geralmente são muito concisos.* O relato da conversão de Levi (=Mateus), por exemplo, ocupa somente um versículo (Mt 9,9). Esta mesma brevidade encontramos na resposta à pergunta sobre as espôsas dos filhos de Adão, que se dá através de relatos bíblicos que não pretendem ser absolutamente completos. A solução do problema, porém, muitas vezes se dá através de conclusões lógicas: de acordo com Gênesis 5,4 Adão gerou filhos e filhas. Na situação inicial portanto, os irmãos casaram entre si; na próxima geração casaram primos e primas. Com tão pouca distância do ato da criação, o incesto não representava perigo algum (veja Pergunta PC11).

2. *Alguns acontecimentos da Bíblia têm relatos paralelos que enfatizam outros aspectos.*

Exemplo 1: Mesmo que as árvores genealógicas de Jesus em Mateus 1,1-17 e Lucas 3,23-38 coincidam, não obstante também mostram algumas diferenças. Em Mateus encontramos um registro descendente típico que começa com Adão e chega a José, o marido de Maria. Em Lucas, no entanto, é ascendente, porque começa com José, ascende até Adão, e sim, até Deus. A genealogia em Mateus contém $3 \times 14 = 42$ nomes enquanto que em Lucas se encontram 77 nomes, o que obviamente tem um significado simbólico. As duas listas omitem alguns nomes por razões de clareza e de simbolismo. Mesmos assim, os dois coincidem em deixar bem claro:

- Jesus não é o filho de José
- Jesus é uma »estrela de Jacó« (Nm 24,17)
- Jesus vem da tribo de Judá (Ap 5,5)
- Jesus tem descendência real através de Davi (1 Cr 28, 4-7); Is 43,6; Ap 5,5).

Exemplo 2: Os relatos diferentes sobre a ressurreição de Jesus diferem em detalhes insignificantes. As diferenças mostram que quem escreve é um testemunho ocular que não copiou o relato de outra pessoa. (Quando vários testemunhas oculares falam de um mesmo acidente, os relatos serão diferentes, mesmo eles dizendo a verdade).

3. *Algumas afirmações espirituais somente transmitem seu pleno sentido quando se complementam.* A física da luz so se descreve de forma complementar (lat. *complementum*). Por um lado, a luz mostra comportamento indular, e por outro lado apresenta propriedades materiais (fotões). Somente quando se combina estes dois comportamentos contraditórios é que se compreende a realidade. Bíblia também contém esta classe de afirmações complementares, isto é, que parecem contraditórias, mas na realidade se complementam (veja também Pergunta PS1):

- a) »Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei« (Rm 3,28)
- b) »Verificais que uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente« (Tg 2,24).

4. *Alguns problemas resultam das traduções utilizadas.* Exemplo: De acordo com a versão da Bíblia Almeida Revisada e Atualizada de 1993, diz em Jó 40:15: »Contempla agora o hipopótamo, que eu criei contigo, que come a erva como o boi.« Na tradução de 1994, no entanto, diz: »Contemplas agora o beemote, que eu fiz contigo, que come a erva como o boi.«

Recordemos: »Os homens não rejeitam a Bíblia porque ela se contradiz, mas porque ela contradiz aos homens.«

5. *Em alguns casos isolados, a dissolução das contradições aparentes é difícil, mas, em princípio, possível.* Alguns exemplos: A morte de Judas (Mt 27,5b→At 1,18); o conteúdo da arca da aliança (1Rs 8,9→ Hb 9,4); a morte de Saúl (1Sm 31→ 2Sm1).

Como exemplo de explicação tomemos o caso da morte de Judas. De acordo com Mateus 27,5, Judas se enforcou, enquanto que em outra passagem diz: »Ora, este homem adquiriu um campo com o preço da iniquidade; e, precipitando-se, rompeu-se pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram« (At 1,18). Estas duas afirmações sobre a morte de Judas parecem contraditórias. No entanto se complementam, quando se interpreta a segunda afirmação como, por exemplo, uma descrição

mais metafórica, então diríamos que »Ele estava totalmente devastado« (Veja Princípio B59).

B53: *A Bíblia é o único livro com indicações proféticas verdadeiras*, que se têm cumprido de forma comprovável em lugares e tempos especificados (veja também Pergunta PB1).

Definição de profecia: Profecia é a predição segura – sem os instrumentos normais do conhecimento humano - de um certo e livre acontecimento futuro. A profecia portanto, é a publicação *anterior* de acontecimentos futuros, bem ao contrário da historiografia, onde se trata da publicação *posterior* de acontecimentos passados. Em João 13,19, Jesus refere à intenção forte da fé que tem a profecia anterior de um acontecimento: »Desde já vos digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais que EU SOU.«

B54: *Muitas vezes, Deus inicia a sua revelação com uma afirmação detalhada*, que vai se desdobrando passo a passo. O exemplo mais marcante para este procedimento é o anúncio da vinda de Jesus a este mundo [G1, 110-117].

B55: *Na leitura superficial dos textos existe o perigo de considerar os detalhes como minúcias insignificantes*, enquanto que no contexto geral elas normalmente têm um significado mais profundo.

Exemplo 1: O costume romano de quebrar as pernas dos crucificados após a crucificação, foi aplicado nos malfeitores mas não foi feito com Jesus (Jo 19,32.36). A fundamentação profética de Êxodo 12,46 »nem lhe quebrareis osso nenhum« (Jo 19,36b), é difícil de reconhecer, porque a passagem do Antigo Testamento trata do cordeiro da Páscoa.

Exemplo 2: Segundo a referência do Antigo Testamento, Jesus deveria ser crucificado fora dos muros de Jerusalém, porque nos tempos do Antigo Testamento, os animais sacrificados foram queimados fora do acampamento (Lv 16,27; Hb 13, 11-12).

B56: *As afirmações bíblicas são de tal profundidade de depoi-*

mento, que a princípio a inteligência humana não pode sondá-las (1Co 13,12). Georg Huntemann constata: »O que no fundo a Bíblia nos quer dizer origina mais além do que a razão pode explorar.«

B57: *O alcance dos depoimentos bíblicos sobrepassa toda a razão humana.* O marco temporal vai de »antes da fundação do mundo« (Ef 1,4) até à eternidade de Deus (Ap 22,5). A Bíblia nos contesta todas aquelas perguntas que nenhuma ciência natural pode responder:

- Qual é a natureza da morte. Por que existe, e por quanto tempo existirá?
- O que é o homem? Donde viemos? Por que vivemos e para onde vamos?
- O que haverá na eternidade?

B58: *A Bíblia é uma obra literária especial.* Faz parte da riqueza linguística da Bíblia, apresentar sua mensagem com uma abundância tão grande de gêneros literários e meios estilísticos, que não encontramos em nenhum outro livro:

Poema (Sl 119), hino (Cl 1,15-17), canção amorosa (Cântico dos Cânticos), relatório científico (Livro de Esdras), símile (uma situação genérica da vida cotidiana como ponto de comparação; Mt 13,3-23), parábola (grego *parabole*: pôr do lado de uma outra coisa; uma situação especial e única como narração educativa com o fim de interpretação símile; Lc 18,1-8), discurso figurado (Jo 15,1), discurso profético figurado (Ap 6), discurso profético (Mt 24), paradoxo (Fm 2,12-13), pregação (At 17,22-31), exortação (Cl 3,16-17), louvor (Ef 1,3), fórmula de bênção (Fp 4,7), doutrina (Rm 5,12-21), crônica familiar (1Cr 3), oração (Sl 35), testemunho pessoal (1Jo 1,1-2), narração de sonhos (Gn 37,6-7), palavras diretas de Deus (Mt 3,17), assistência espiritual (Jo 4,7-38), narrações de disputas (At 15,7-21) e sessões de juizado (Jo 18,28-38), máximas de sabedoria (Pv 13,7), promessas (Mc 16,16), sentença (Mt 11,21-24). enigma (Jz 14,12-14), edição de leis (civis, criminais, morais, rituais, sanitárias), poesia lírica (Cântico dos Cânticos) biografia (Livro de Neemias), correspondência particular (Livro de Paulo a

Filemon), Diário (At 16), monólogo (Jó 32-37), diálogo (Jó 3-31), Apocalipse (Dn, Ap), mensagem temporariamente cifrada (Dn 12,9), prólogo (Lc 1,1-4), epílogo (Jo 21,25), eclipse (grego *éleipsis* = omissão, meio estilístico que omite o que não tem importância; Mt 9,9), metáfora (grego *metaphorá*: translação; termo usado no sentido figurado Ob 4); inscrição (Jo 19,19), cifra (Ap 13,18).

Entretanto, não encontramos na Bíblia os seguintes gêneros: saga, lenda, mito, conto, glosa, sátira, comédia, piada, utopia, ciência-ficção. As figuras estilísticas como a hipérbole (grego *hyperbállein* = exageração: Mat 11,18) e Ironia (grego *eironeía*: fingimento 2Co 12,11) aparecem ocasionalmente como meios estilísticos claramente reconhecíveis.

Nenhum livro da história do mundo apresenta tal diversidade de formas de expressão e nenhum livro contém uma veracidade absolutae todas as suasa afirmações.

B59: *A Bíblia faz uso da riqueza de todos os meios linguísticos:* Ao lado da linguagem direta que é usada com mais frequência na Bíblia, também encontramos numerosas outras formas específicas de linguagem:

2. A linguagem fenomenológica: Um fenômeno é descrito do ponto de vista do observador em vez de partir do estado original de coisas, que muitas vezes não é muito claro. Por exemplo: A astronomia moderna e a Bíblia falam do nascer do sol e do pôr do sol, enquanto que este fenômeno não acontece pelo »percurso do sol,« mas pela rotação da terra.

3. Expressões idiomáticas: Em certas situações as expressões curtas são mais exatas que longos discurso (Jz 14,18: »Lavráveis com a minha novilha«).

4. Linguagem poética de grande beleza: »Cântico dos cânticos 8,3: »A sua mão esquerda estaria debaixo da minha cabeça, e a sua direita me abraçaria.«

5. Parafrases e imagens para termos técnicos atuais das ci-

ências e das técnicas modernas: A Bíblia descreve conquistas técnicas, que ainda não existiam quando ela foi escrita, ou situações, que a ciência hoje tem definido com termos técnicos: Em vez de satélites, laboratórios espaciais e estações orbitais a Bíblia fala em imagens: »Se te remontares como águia e puseres o teu ninho entre as estrélas« (Ob 4). Em vez de falar de »ontogenese« (desenvolvimento embrionário) no útero na linguagem técnica da ginecologia, a Bíblia fala da formação da criança no ventre da mãe: »Os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra« (Sl 139,15).

6. Formulações cientificamente bbjetivas: Aqui, o relato da criação é excelente, pois aqui se mencionam em conjunto o método de medir tempo e a definição da unidade correspondente de uma maneira física exata (Gn 1,14 + 19).

7. Imagens da vida cotidiana para explicar correlações espirituais: Deste modo, o semeador da parábola em Mateus 13,3-23 é o anunciador da mensagem bíblica, a semente é a Palavra de Deus, e os espinhos são so obstáculos, e a bom solo é o coração aberto dos homens.

B591: *Considerando o gênero literário (Princípio B58) e as formas de expressão (Princípio B59), todo o texto bíblico deve ser tomado a sério:* ou deve-se tomar as afirmações no seu *sentido literal* ou deve-se *transferir o seu sentido de forma precisa e fiel*.

a) Exemplo de afirmações tomadas no sentido literal: Em Lucas 24,44, Jesus ensina este modo de entender as Escrituras: »São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco: importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos.« Outras passagens enfatizam este modo de proceder: »...para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor, por intermédio do profeta: Do Egito chamei o meu Filho« (Mt 2,15); »Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir« (Lc 4,21); »Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isto procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos?« (Mt 21,42).

b) *Exemplo de afirmações cujo sentido deve ser transferido de forma fiel e exata*: Quando Jesus diz »Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer« (Jo 15,5), é evidente que não podemos aplicar estas palavras ao pé da letra, mas é necessário transferir fielmente o seu sentido. Em quase todos os casos, o sentido intencionado é fácil de reconhecer, já que a linguagem figurada serve para intensificar a clareza e facilitar a sua compreensão. No caso acima, o ensinamento essencial da afirmação é anexada: »Sem mim, nada podeis fazer.«

1.6. O valor das afirmações bíblicas

B60: *A mensagem da Bíblia é a mais valiosa de todas as informações.* O evangelista conhecido alemão *Wilhelm Pahls* enfatiza com razão; O evangelho é a melhor mensagem, que jamais foi dita aos homens. Nunca se nos há comunicado algo comparável.« O Salmo 119 exalta repetidas vezes o valor excepcional da Palavra de Deus: »Para mim vale mais a lei que procede de tua boca do que milhares de ouro ou de prata« (versículo 72). »Alegro-me nas tuas promessas, como quem acha grandes despojos« (versículo 162).

B61: *Aquele que rejeita a Palavra de Deus será julgado.* Assim como a pregação da Palavra de Deus conduz à fé (Rm 10,17) e por ela à salvação, o desprezo e a rejeição dessa mesma palavra traz a perdição:

1.Samuel 15,23: »Visto que rejeitaste a palavra do Senhor, ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei.«

Atos 13,46: »Cumpra que a vós outros, em primeiro lugar, fosse pregada a palavra de Deus; mas, posto que a rejeitais e a vós mesmos vos julgais indignos da vida eterna.«

B62: *A Bíblia é composta pelo Antigo e pelo Novo Testamento.* Ambas as partes são, por igual, a Palavra de Deus e não se pode uma parte para desacreditar a outra. O NT, cita muitas vezes afirmações do AT. É notável que isto quase nunca acontece de forma literal, mas Deus vincula aqui um progresso na revelação.

No NT, se cumprem as promessas centrais do AT: »Ora, todos estes (Pessoas do AT) que obtiveram bom testemunho por sua fé não obtiveram, contudo, a concretização da promessa, por haver Deus provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados« (Hb 11,39-40). O Senhor Jesus já é presente no AT: »Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim« (Jo 5,39).

B63: *Os apócrifos* (grego apókryphos = oculto, escondido, falta de autenticidade) *do AT não podem ser considerado com a Palavra de Deus*. Foram escritos no período entre o AT e o NT. As principais objeções contra dar-lhes o mesmo valor que a Bíblia são:

1. Eles contêm alguns ensinamentos que contradizem a Bíblia (Violação do Princípio de Interpretação PI3, veja Apêndice Parte II) como perdão dos pecados através da doação de esmolas (Tobias 12,9), favorecimento de práticas mágicas (Tobias 6,9), perdão dos pecados para os mortos através das orações dos vivos (2 Maccabeus 12,46).

2. Eles nunca fizeram parte do cânone judaico, por se tratar de suplementos posteriores. Bem por isso sempre foram motivo de controvérsias. O dogma da igreja católica do Concílio de Trento de 1546, deu o mesmo valor aos apócrifos que o AT e o NT, o que se deve interpretar como reação à reformação.

3. Nenhum escritor do NT os menciona, mesmo que o NT cita todos os livros do AT, com exceção de 4 escritos menores.

4. Os próprios apócrifos não se consideram infalíveis. O prólogo do livro Eclesiástico diz: »Eu vos exorto, pois a ver com benevolência, e a empreender esta leitura com uma atenção particular e a perdoar-nos, se algumas vezes parecer que, ao reproduzir este retrato da soberania, somos incapazes de dar o sentido das expressões.«

Avaliação dos apócrifos: Será que deveríamos rejeitar os apócrifos categoricamente? *Lutero* antepôs o seguinte comentário

acertado a estes escritos: »Apócrifos. Livros que não são considerados iguais à Escritura Sagrada. Mas cuja leitura é útil e boa.« Esta também é a posição do autor do presente livro. Se lermos os apócrifos sem dar-lhes o mesmo peso que a Bíblia, mas no sentido de uma obra poética ou como livros de grande valor histórico (como por exemplo o livro dos Macabeus), então obteremos deles um certo proveito. Especialmente o livro Eclesiástico deve ser considerado como livro de valor, porque comenta em largo todas as situações possíveis da vida, isto apoiando-se quanto ao conteúdo e à forma nos livros de sabedoria da Bíblia, sem reclamar ser a Palavra de Deus.

1.7. A inteligibilidade e a compreensão da Bíblia

B70: a) *A Bíblia é concebida para uma compreensão fácil:* »Porque nenhuma outra coisa vos escrevemos, além das que ledes e bem compreendeis« (2Co 1,13).

b) *A Bíblia porém também contém pensamento de tal grandeza que para nós são insondáveis:* »Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o Senhor, porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos« (Is 55,8-9).

Também o grande pregador *C.H. Spurgeon* referiu a este aspecto duplo da Bíblia [G1, 94]: »A Bíblia contém grandes verdades, que sobrepõem a nossa capacidade de compreensão, e nos mostram o pouco profundo que é o nosso entendimento limitado. Porém em suas afirmações essenciais e fundamentais, a Bíblia é fácil de compreender.« Os pensamentos da Bíblia são acessíveis para todos os homens (At 17,11), mas a sua profundidade e riqueza são insondáveis (Rm 11,33).

B71: *A Bíblia foi escrita sob direção do Espírito Santo por mais de 45 escritores encomendados por Deus para este serviço.* Da mesma forma, não se compreende o seu conteúdo corretamente sem a ajuda do Espírito Santo: »Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucuras; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. Po-

rém o homem espiritual julga todas as coisas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém» (1Co 2,14-15).

I.8. A respeito da exatidão das afirmações bíblicas

B80: *A Bíblia é um livro incrivelmente preciso.* Esta traço característico se manifesta quando a examinamos com respeito a seus aspectos linguísticos, semânticos, espirituais, históricos ou científicos.

Tomando como exemplo a *perseguição dos cristãos*, queremos realçar um aspecto de exatidão histórico da Bíblia. Enquanto que no início da igreja ainda dizia: »Homens que têm exposto a vida pelo nome de nosso Senhor *Jesus Cristo* » (At 15,26), vale para os últimos tempos: »As almas daqueles que tinham sido mortos por causa da *palavra de Deus* e por causa do testemunho que sustentavam« (Ap 6,9). Nos nossos tempos, os movimentos mais diversos tentaram integrar Jesus no seu sistema. O Islão aceita Jesus como profeta, o movimento pacifista aceita-o como pacifista, outros o apresentam como o bom homem e reformador social. *Albert Schweitzer* se interessava pelo Jesus histórico. *Carl Friedrich von Weitzäcker* organiza um concílio da paz e sugere aos homens, que poderíamos fazer a paz mundial. Muitos falam de Jesus, mas somente nos limites da sua concepção. O Islão nega que Jesus é o Filho de Deus. Somente quando cremos em Jesus, ele »é nossa paz« (Ef 2,14). No caso contrário, ele é nosso juiz (At 10,42). O movimento pacifista ignora este fato assim com também ignora o Jesus que, de acordo com Apocalipse 6, abre os selos como Cordeiro de Deus e envia os quatro cavalheiros apocalípticos à terra trazendo guerra e morte como juízo. *Franz Alt* escreveu um livro sobre o Sermão do Monte, mas ignora o mandamento central de Jesus, de sair do caminho da perdição e entrar pela porta estreita. Mesmo que se mencione Jesus em todas as partes, isso não é o suficiente. No Sermão do Monte Jesus adverte.

»Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e

em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade.» (Mt 7,21-23).

Quem somente destaca o lado humano de Jesus, não ofende a ninguém. Nós devemos proclamar este Jesus, que a Escritura testifica. A oposição só começará quando fazemos referência a toda a Palavra de Deus. Em estes tempos em que estão se desfazendo todas as normas, se perseguem aqueles que aceitam todas as afirmações da Bíblia e as defendem como válidas com o «está escrito!» – seja aceitando todas as afirmações do relato da criação ou a Cristo, de quem testificam as Escrituras. Nosso testemunho pessoal em defesa de toda a Palavra de Deus tem a promessa da vitória (Ap 12,11). Para mais exemplos, veja [G1, 102-110.

I.9. A respeito do período de tempo das afirmações bíblicas

B90: *A Palavra de Deus não está sujeita ao tempo.* Isías contrasta fugacidade das plantas com a intemporalidade da Palavra de Deus: «Seca-se a erva, e cai a sua flor, mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente» (Is 40,8), e Jesus fala da efemeridade dos astros em comparação com suas Palavras: «Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão» (Mt 24,35). Lutero disse: «A Bíblia não é antiquada nem moderna, ela é eterna.» A Bíblia se situa além do tempo, porque seus conceitos e perspectivas de ação ultrapassam o marco de tempo imediato. Mesmo que a Bíblia não mencione aborto, tecnologia genealógica e consumo de drogas, pode-se derivar uma posição clara a respeito destes temas. Nenhum outro livro tem profundidade comparável. Contrastando com a Bíblia, a justiça humana por exemplo, não pode efetuar uma jurisprudência sobre um tema novo, se ainda não há artigos na lei a respeito.

I.10. A respeito da acessibilidade da Bíblia: A conversão a Jesus Cristo

Depois de todas essas afirmações, surge a questão sobre a aces-

sibilidade da Bíblia. Como é que um »iniciante« acha a entrada adequada? Após uma reunião de evangelização, um jovem intelectual veio falar comigo com o desejo sincero de encontrar um acesso à Bíblia. Durante a conversa, consegui derrubar alguns obstáculos e ele então deduziu para si de que daqui em diante ele continuaria a trabalhar com a Bíblia usando o pensamento filosófico que até então lhe era familiar. Eu lhe adverti. »Você o pode fazer, mas ao final não vai achar o Deus vivo revelado em Cristo, mas o Deus impessoal, panteísta dos filósofos. Os filósofos têm lido a Bíblia com o ponto de vista de suas categorias de pensamento, mas não acharam o Deus, que só chega a ser nosso Salvador por meio de Jesus Cristo.« O jovem ficou e aceitou o meu conselho: »O acesso à Bíblia e ao Deus vivo você pode achar hoje à noite, se começar uma vida nova existencial. Você o quer fazer?«

A seguir vou esboçar a minha contribuição à esta conversa pra mostrar ao leitor com a ajuda de um exemplo, como acontece o acesso à fé.

B100: *Reconhecer-se a si mesmo:* Lemos juntos Romanos 3,22-23: »Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas; justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos *e sobre todos* os que crêem; porque não há distinção.« Estas palavras nos mostram que estamos perdidos perante o Deus vivo. Por causa do nosso pecado, que nos separa de Deus, não temos acesso a ele, e não temos nada que pudesse nos fazer aceitáveis, Em poucas palavras: Não temos nada de honroso nos olhos de Deus. Desde a queda do homem existe um abismo entre o Deus santo e o homem pecador. Você aprovaria o diagnóstico divino?

B101: *A única saída:* Existe *uma só* saída deste dilema que Deus mesmo tem providenciado. O Filho de Deus foi julgado na cruz por nossos pecados. Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores (Mt 18,11). Além dele não há outro caminho de salvação (At 4,12). Você o consegue crêr?

B102: *Confessar seus pecados:* Lemos em 1 João 1,8-9: »Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos

enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. « Por meio da sua obra de salvação cumprida no Gólgota, Jesus tem o poder de perdoar pecados. Se nos apoiamos na sua promessa e confessamos os nossos pecados e lhe pedimos perdão, então ele será fiel, isto é, podemos confiar que ele realmente nos liberta da carga do nosso pecado. Não basta somente pensá-lo, mas temos que *fazê-lo*. Você quer fazê-lo? Então vamos dizê-lo agora em oração ao Senhor Jesus (possível conteúdo da oração livremente formulada):

»Senhor Jesus, hoje ouvi falar de Ti, e eu entendi que vieste a este mundo. Teu inexplicável amor também inclui a mim. Tu vês todos os meus pecados - aqueles dos que estou consciente e aqueles que agora me estão ocultos. Mas tu conheces tudo, cada comportamento culpável, cada intenção malvada do meu coração. Tudo tens escrito. Estou perante ti como um livro aberto. Minha vida não pode subsistir perante Ti. Por isso te peço agora: Perdoa-me os meus pecados e purifica-me completamente. Amém.«

Acabamos de dizer ao Senhor o que é necessário a princípio (1Jo 1,8-9), e Deus se tem comprometido por meio de sua promessa. O que você acha, quanta culpa se tem perdoado agora? 80%? 50% 10%? Aqui está escrito: »... e nos purificar de toda injustiça « (1Jo 1,9). »Todos seus pecados estão perdoados! Sim, todos! 100%! Pode estar seguro – não só suspeitá-lo, achar possível, ou esperar que os seus pecados estão perdoados. A Bíblia insiste em que tenhamos certeza absoluta a este respeito. Leia as seguintes passagens: 1 Pedro 1,18-19 e 1 João 5,13.

B103: *Entregar-lhe a sua vida:* O Senhor Jesus lhe perdoou todos os pecados. Agora você pode lhe confiar a sua vida. Em João 1,12 lemos: »Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome«; Todos aqueles que convidam o Senhor Jesus a tomar direção de suas vidas recebem a autorização de ser filhos de Deus. Assim não chegamos a ser filhos de Deus por praticar boas obras de vez em quando, ou porque somos religiosos, ou

porque pertencemos à alguma igreja, mas porque confiamos a nossa vida ao Filho de Deus e estamos dispostos a segui-lo em obediência. Isto queremos consolidar em oração:

»Senhor Jesus, Tu perdoaste todos os meus pecados. Eu ainda não consigo compreender, mas eu confio na Tua promessa. E agora te peço, entra na minha vida. Me guia no meu caminho, que tu me mostras. Eu sei que tu queres o melhor para mim, por isso quero confiar-te todos os âmbitos do meu ser. Ajudame a renunciar a tudo aquilo que desaprovas. Dá-me novos costumes contigo, que estão baixo da tua benção. Dá-me um coração obediente, para que eu faça o que tua Palavra me fala. Não permitas que eu preste atenção a diversas influências e opiniões humans, mas abre-me a Bíblia, para que eu entenda a tua Palavra e viva em conformidade com ela. Desejo que tu serás o meu Senhor, e eu quero seguir-te. Amém.«

B104: *Aceito.* O Senhor lhe aceitou! Ele lhe tem resgatado por um alto preço. Ele o salvou! Agora voce é um filho de Deus. Quem é filho, também é herdeiro: herdeiro de Deus. Herdeiro do mundo celestial. Você pode imaginar o que está acontecendo no céu? »... talvez alegria?«

Certamente! Lucas 15,10 fala: »Eu vos afirmo que, de igual modo, há júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende...« Há gozo no céu neste momento pela sua conversão. O céu inteiro participa neste acontecimento: Uma pessoa tem tomado a sério a mensagem do evangelho tem se apropriado dela. A Bíblia chama este processo de volta a Jesus Cristo de *conversão*, onde nós entregamos a nossa culpa e Ele nos alivia dela. Ao mesmo tempo Deus opera em nós o *novo nascimento*: Ele dá a vida nova como filhos de Deus e nós a recebemos. A conversão e o novo nascimento acontecem juntos. Eles são dois lados da mesma medalha.

B105: *Gratidão:* A redenção é um presente de Deus para nós. Somente o seu amor é que possibilitou a nossa salvação. Nós não podemos contribuir nada à obra da salvação. Quem recebe um presente, diz »obrigado.« E isto queremos fazer agora. Formule agora uma oração de gratidão com suas própria palavras. Diga-la agora mesmo para o Senhor Jesus...

B106: E como continuar? A Bíblia compara o estado atual com o de uma criança recém-nascida. Assim como um bebê pertence indubitavelmente à família, você pertence à família de Deus. Recém-nascidos vivem numa fase vital crítica por causa do fenômeno da mortalidade infantil. Isto também ocorre no âmbito da fé. O nascimento (conversão) aconteceu sem problemas e se fez uma vida nova e real. Agora o que é necessário a todo custo é alimentação (leite) e bons cuidados. Evidentemente, Deus também já providenciou tudo para que você se desenvolva bem. Evitamos a mortalidade infantil se observamos os conselhos de Deus. Existem cinco pontos, que não somente são muito importantes para uma vida como discípulo de Jesus, mas que são *requisitos indispensáveis* para vivermos com Cristo na nossa vida cotidiana. Se observarmos estes **cinco pontos**, temos a garantia de Deus, que chegaremos a esta meta:

1. A Palavra de Deus

Mediante a Palavra de Deus, temos feito uma decisão. A Bíblia é o único livro autorizado por Deus. Nenhum outro livro se compara a ela quanto à autoridade, veracidade, abundância de informação e origem. A leitura da Bíblia é o alimento impreterivelmente necessário para a vida nova. 1 Pedro 2,2 destaca este aspecto com clareza: »Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual.« A Palavra da Bíblia é que é este leite. Comece a ler cada dia na Bíblia para se informar sobre a vontade de Deus. O melhor seria começar por um dos evangelhos, como por exemplo o evangelho de João. Faça da leitura da Bíblia um costume gostoso e diário. Seja conseqüente e complemente o seu ritmo diário com algo importante.

2. Oração

Fale diariamente com o seu Senhor. Pela sua Palavra Ele fala *conosco*, e Ele também deseja que falemos *com Ele*. Isto fazemos por meio da oração. É um grande privilégio que podemos lhe dizer tudo. A Bíblia só conhece dois endereços: Deus, que agora é seu Pai, e o Senhor Jesus, seu Salvador, seu bom Pastor, seu Amigo, sim, que é Tudo para você. Através da oração obterás força, e isso o transformará positivamente. Você pode tornar todas as coisas do dia-a-dia em oração: preocupações e alegrias, planos e projetos. Agradeça ao Senhor por tudo. Interecede pe-

las necessidades de outras pessoas e peça que as pessoas ao seu redor chegam a conhecer a fé viva. Por meio da leitura da Bíblia e oração se forma um »ciclo espiritual« que é de suma importância para uma vida saudável de fé.

3. Obediência

Com a leitura da Bíblia, você achará muitas indicações prestativas para todas as áreas da vida e também para a convivência com Deus. Realize tudo aquilo que você entende e experimentará grandes bênçãos. Deus tem gozo em nós quando caminhamos como filhos obedientes que vivem segundo a sua Palavra e se sujeitam aos seus mandamentos. A melhor maneira de provar o nosso amor aos Senhor consiste em sermos obedientes: »Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos« (1Jo 5,3). Quando às vezes se abrem várias maneiras de agirmos, então a Bíblia nos dá uma norma segura para obter a bênção de Deus: »Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens« (At 5,29).

4. Comunhão

Como seres humanos somos predestinados pelo nosso criador a procurar comunhão. Procure o contato e a comunhão freqüentes com outros cristãos conscientes que sabem da conversão. Somente com eles é que você vai poder orar e ter um intercâmbio sobre a fé. Quando se tira um carvão quente do fogo, ele logo esfriará. O mesmo acontece com o nosso amor por Jesus, se não o mantermos aceso por meio da comunhão com cristãos. Participe de uma igreja fiel à Bíblia e nas suas atividades. Uma igreja boa e viva, onde se acredita em toda a Bíblia, é uma condição indispensável para o nosso caminho na fé. Por favor observe este ponto em particular.

5. Fé

Depois de ter começado na fé por meio da conversão e o novo nascimento, é importante que crescamos na fé e não renunciemos a ela. Paulo escreve a Timóteo: »Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste« (2 Tm 3,14). No final da sua vida, Paulo pôde constatar: »Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé« (2Tm 4,7). Sigamos este exemplo e continuaremos fiéis como ele.

A conversão portanto, não é um ponto final, mas um ponto de partida da vida nova. Agora podemos ser cooperadores de Deus (1Co 3,9). Ajude para que outras pessoas experimentem a salvação por Jesus. A conversão efetua duas coisas: a vida terrena adquire um sentido e ao mesmo tempo recebemos o presente da filiação de Deus, através da qual nos tornamos herdeiros da vida eterna.

Constatamos: Não obtemos o acesso à Bíblia como observadores neutrais por fora, mas somente como pessoas que estão »por dentro.« Aquele que torna a Deus em Jesus Cristo com sua existência pessoal e experimenta a salvação fez uma volta na vida. O assessoramento espiritual individual difere de casa para casa. A conversa acima, porém, reflete o principal de cada conversão: Reconhecimento do pecado – confissão do pecado – entrega da vida a Jesus Cristo. Daqui em diante inicia o processo do crescimento na fé.

I.11 Observação final

Tentamos resumir o essencial a respeito da Bíblia em forma de alguns princípios básicos. Este esforço humano de descrever um livro divino, nunca será adequado e muito menos perfeito em descrever a riqueza da Bíblia adequadamente.

II. Princípios Básicos para a Interpretação da Bíblia

PI1: *O melhor intérprete da Bíblia é a própria Bíblia.* Em outras palavras: Não existe melhor comentário da Bíblia que a própria Bíblia. Este princípio básico da exegese bíblica é o mais importante e é constantemente aplicado por Jesus (p.ex. Mt 19, 3-6), pelos apóstolos (p.ex. Gl 3,1) e pelos profetas da Bíblia.

PI2: *Jesus é a chave de toda a interpretação.* Assim pois, especialmente o AT permaneceria incompreensível sem a interpretação que refere a Cristo (p.ex. Sl 110,1; Is 53; Mt 3,20+ 23-24).

PI3: *As interpretações não podem contradizer outras passagens* (compare com Princípio B52).

PI4: *Nunca deveria se derivar uma doutrina de um única frase ou verso.* As afirmações centrais se repetem em contextos distintos e são formuladas com outras palavras:

Exemplos:

- A ausência de pecado em Jesus (1Jo3,5; 1 Pd 2,22; 2Co 5,21)
- A pecaminosidade de todos os homens (Gn 8,21; Sl 14,3; Is 1,5-6; Mt 15,19; Rm 3,23)
- O desejo de Deus de que todos os homens fôssem salvos (Ez 34,12; Mt 18,11; 1 Ts 5,9; 1Tm 2,4)

Note: Encontramos uma só passagem bíblica que fala que Jesus ama o Pai (Jo 14,31) e que o Pai ama a nós (Jo 16,27), porém estes estados de fato estão implícitos ou subentendidos numa abundância de passagens. Nestes casos é permitido formular ensinamentos a respeito.

PI5. *Sempre deve-se considerar o contexto imediato e o consenso geral da Bíblia.* A desconsideração deste princípio levou ao surgimento de muitas doutrinas e seitas perniciosas. As referências entre as passagens bíblicas são muito importantes.

PI6: *Algumas doutrinas bíblicas podem ser derivadas do conjunto de acontecimentos individuais semelhantes.* A Bíblia não é um livro seco de leis ou ensinamentos, mas com a ajuda de milhões de acontecimentos ela descreve exemplarmente tanto a conduta correta com incorreta com Deus e os homens. Quando pesquisamos o que os relatos individuais da mesma área temática têm em comum, podemos e devemos derivar disso uma doutrina bíblica. Um bom exemplo é a descrição detalhada da longa história de Israel, uma história de bençãos e juízos (1Co 10,11). Este princípio de interpretação é aplicado na resposta da Pergunta PV6.

PI7: *O AT é a via de acesso indispensável para o NT,* ou seja, sem o AT, muitas partes do NT continuam incompreensíveis (p.Ex. a criação, a queda, o dilúvio).

PI8: *O NT tem uma dimensão de revelação maior que o AT.*

Já a leitura da Espístola aos Hebreus comprova esta afirmação. Vamos explicar este princípio com a ajuda do exemplo da »vingança«, onde a natureza humana quer se vingar múltiplas vezes no caso de dano: »Sete vezes se tomará vingança de Caim, de Lameque, porém, setenta vezes sete« (Gn 4,24). Nas Leis do Sinai, Deus introduz uma restrição drástica à vingança, reduzindo-a à lei »um por um«: Um olho por um olho, um dente por um dente, uma ferida por uma ferida, um golpe por um golpe (Êx 21,24-25). No Sermão do Monte, Jesus aprofunda a lei do AT, introduzindo-a com a expressão repetida seis vezes: »Eu vos digo.« Aplicando Deuteronômio 32,35 a Êxodo 21,24-25, ele proíbe qualquer vingança: »Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra« (Mt 5,39).

PI9: *Em nenhuma parte, a Bíblia aprova o pecado, mesmo não o condenando em alguma passagem específica.* Este princípio básico de interpretação é importante na interpretação do »Mordomo-mor injusto« segundo Lucas 16,1-8 (veja [G10]).

PI10: *Nunca devemos ir além do que está escrito:* »Não ultrapasseis o que está escrito« (1Co 4,6).

PI11: *A verdade bíblica sempre têm prioridade com respeito aos demais conhecimentos,* desde que a Bíblia faz um depoimento a respeito da pergunta em questão: »Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo« (Cl 2,8).

PI12: *Sempre é importante explorar todos as finuras do texto* (detalhes gramaticais e semânticos). Em Gálatas 3,16, Paulo demonstra o uso minucioso da Escritura, tomando como base Gênesis 22,18.

PI13: *Existem traduções exatas da Bíblia e traduções menos exatas.* No caso de dúvida devemos recorrer ao texto original (hebraico para o AT, e grego para o NT). O significado básico de uma palavra específica às vezes se manifesta nos contextos de outros textos que utilizam uma linguagem mais simples. As

diversas traduções partem de objetivos diferentes. Em alemão, a versão de *Lutero*, por exemplo, se caracteriza pela linguagem expressiva e acertada. Deve-se tomar cuidado com traduções, onde o tradutor tem incluído seus próprios comentários. Enfim, deve-se rejeitar totalmente as »Bíblias« que se apartam conscientemente dos originais e direcionadas à doutrina de uma seita (p. Ex. »A tradução do Novo Mundo« dos Testemunhas de Jeová).

PI14: *Algumas afirmações aparentemente contraditórias na realidade se complementam* (compare Princípio B52, Ponto 3.)

III. Porque devemos ler a Bíblia?

De acordo com a vontade de Deus, a leitura da Bíblia – assim como comer e beber – faz parte das atividades diárias necessárias. Por isso, lemos em Jeremias 15,16^a: »Achadas as tuas palavras, logo as comi.« A própria Bíblia nos dá numerosas razões, porque a sua leitura é imprescindível. A seguir, as mais importantes:

1. *Para reconhecer a natureza de Deus:* A natureza de Deus – sua grandeza (Sl 19), seu amor (1Jo 4,16), sua misericórdia (Nm 14,18), sua fidelidade (Ps 25,10), sua verdade (Nm 23,19) – se nos manifesta por meio da Palavra revelada.
2. *Para a fé:* »E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo« (Rm 10,17).
3. *Para crescer na fé:* »Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação« (1Pd 2,2).
4. *Para a segurança da salvação:* »Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus« (1Jo 5,13).
5. *Para a doutrina sã:* »... palavra fiel, que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem« (Tt 1,9). A Bíblia corrige de forma apropriada a nossa maneira de viver e de pen-

sar. Os sectários ao contrário, usam a Bíblia como um livro de referência, onde só procuram confirmação das ideias que lhe foram ensinadas em outro lugar.

6. Para passar seguros por esta vida: »Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e, luz para os meus caminhos« (Sl 119,105).

7. Para estabelecer prioridades na vida: »Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas« (Mt 6,33).

8. Para a educação dos filhos: »Ponde, pois, estas minhas palavras no vosso coração... ensinais-as a vossos filhos« (Dt 11,18-19).

9. Para a conduta correta com o nosso próximo: »Honra a teu pai e a tua mãe e amarás o teu próximo como a ti mesmo« (Mt 19,19). »Por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo« (Fp 2,3). »Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem« (Mt 5,44).

10. Para a alegria e refrêscos: »Por eles me tens dado vida « (Sl 119,93b). »As tuas palavras me foram gozo e alegria para o coração« (Jr 15,16).

11. Para o consôlo em situações difíceis: »Minha alma está apegada ao pó; vivifica-me segundo a tua palavra« (Sl 119,25).

12. Para ajuda na angústia: »Invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás« (Sl 50,15).

13. Para a proteção contra caminhos errados: »Por meio dos teus preceitos, consigo entendimento; por isso, detesto todo caminho de falsidade« (Ps 119,104). Jesus atribue os extravios dos homens a sua ignorância das Escrituras: »Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus« (Mt 22,29).

14. Para a proteção contra o pecado: »Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti« (Sl 119,11).

15. Para o reconhecimento do pecado: »Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça« (2 Tm 3,16).

16. Para a interpretação de acontecimentos atuais: »Revelação de Jesus Cristo... para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer« (Ap 1,1).

17. Como base do trabalho científico: A Bíblia fornece-nos os princípios básicos fundamentais para diversas ciências. Estes condições necessárias para o trabalho são indispensáveis especialmente nas áreas que tratam das questões sobre a origem (p. ex. cosmologia, geologia, biologia) ou onde a imagem do homem desempenha um papel fundamental (p.ex. psicologia, medicina).

18. Para o reconhecimento da vontade de Deus: »Para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus« (Rm 12,2). A vontade de Deus não consiste somente nos Dez Mandamentos (Êx 20,1-17), mas se revela em numerosas passagens da Bíblia (p.ex. 1Ts 4,3; 1 Ts 5,18, 1 Pd 2,15; Hb 10,36; Hb 13,21).

19. Para a purificação dos pensamentos: »Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado« (Jo 15,3).

20. Para actuar com sabedoria: »O temor do Senhor é o princípio da sabedoria; revelam prudência todos os que o praticam« (Sl 111,10).

IV. Como devemos ler a Bíblia?

LB1: Devemos ler a Bíblia com uma atitude de *oração*. Lutero deu o sábio conselho: »Não pões mãos às Escrituras, mas siga seus passos adorando.«

- a. Lê-la pedindo *compreensão*: »Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei« (Sl 119,18).
- b. Lê-la com uma *atitude de louvor e gratidão a Deus*:

»Profiram louvor os meus lábios, pois me ensinas os teus decretos« (Sl 119,171).

- c. Lê-la como *alguém que recebeu um presente*: »Alegro-me nas tuas promessas, como quem acha grandes despojos« (Sl 119,162).

LB2: Devemos ler a Bíblia com uma atitude de *expectativa*: »Abro a boca e aspiro, porque anelo os teus mandamentos« (Sl 119,131).

LB3: Devemos ler a Bíblia com uma mentalidade *espiritual*: »... servimos em novidade de espírito e não na caducidade da letra« (Rm 7,6). Mesmo que a Bíblia nos mande tratar seus textos com exatidão (ver Princípio B80), a Escritura nos adverte sobre o perigo de uma fé rígida e morta que se sujeita ao pé da letra em detrimento do sentido espiritual (Mt 23,23+33): »O qual (=Deus) nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica « (2Co 3,6).

LB4: Devemos ler a Bíblia com uma atitude de *humildade*: Os pensamentos de Deus sobrepassam a nossa inteligência, por isso não podemos duvidar, mesmo que não entendamos tudo. A humildade é aconselhável: »Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o Senhor« (Is 55,8).

LB5: Devemos ler a Bíblia com uma atitude de *amor*: »Quanto amo a tua lei« (Sl 119,97).

LB6: Devemos ler a Bíblia com uma atitude de *confiança*: »...as sob a tua palavra lançarei as redes« (Lc 5,5)

LB7: Devemos ler a Bíblia como uma *carta pessoal* de Deus para nós, a dizer uma carta de amor [G1, 186-188]. O citado a seguir é do conhecido teólogo alemão *Johann Albrecht Bengel*: »A escritura é uma carta que Deus mandou escrever para mim, pelo qual devo me guir e pelo qual Deus me julgará.«

LB8: Devemos ler a Bíblia com *frequência*: »Habite, ricamen-

te, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração« (Cl 3,16).

V. Dez promessas para leitores da Bíblia (Aqueles que a lêem e a põem em prática)

P1: *Pertencer a Deus:* »Quem é de Deus ouve as palavras de Deus« (Jo 8,47).

P2: *Paz:* »Grande paz têm os que amam a tua lei; para eles não há tropeço« (Sl 119,165).

P3: *Gozo:* »Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo« (Jo 15,11).

P4: *Bem-aventurança:* »Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro« (Ap 22,7).

P5: *Bem-estar:* »Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem sucedido« (Sl 1,3).

P6: *Êxito:* »Não cesses de falar deste Livro da Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito; então, farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido« (Js 1,8).

P7: *Oração contestada:* »Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito« (Jo 15,7).

P8: *Purificação de pensamentos:* »Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado« (Jo 15,3).

P9: *Guia à salvação:* »Sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus« (2 Tm 3,15).

P10: *Dom da vida eterna:* »Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida« (Jo 5,24).

Carta de um Leitor

É uma sexta-feira, 19.30 horas, no mês de Julho de 1987. Estou passeando na zona de pedestres em direção à praça Marienplatz – um dusseldorfiano em Munique. Em frente à casa de modas alguém me dá um panfleto. É um convite. »Porque há estrêlas?« é o tema sobre o qual um professor catedrático tem algo a dizer na casa de modas *Mühlhauser*. Eu penso: »Assunto interessante – mas, aquele homem saberá tanto quanto eu. Quem sabe eu deveria ir escutá-lo.«

Prezado Senhor *Gitt*,

Hoje eu sei, era isso mesmo! Eu lembro que na época a sua palestra foi criticada bastante por pessoas que como eu, vieram »da rua.« Mesmo assim eu lembro exatamente o que pensei naquela noite. »O que é que eles querem? Será que eles não notam que este homem está falando a verdade? Como é que alguém pode ser tão cego, quando ele tem totalmente razão!«

Até então eu não queria nada a ver com a fé, igreja ou coisa parecida. Para mim, Jesus foi um homem como qualquer outro. Mesmo sendo assim, o seu discurso me levou a fazer a decisão mais importante da minha vida. Ele foi o impulso para a minha conversão que aconteceu na próxima noite, a última da série de palestras. O senhor, estimado Senhor *Gitt*, obreiro no reino de Deus, deu o impulso decisivo para esta decisão. Agora, dez anos mais tarde, quero lhe expressar a minha gratidão!

Na época, eu estava com vinte e nove anos. Nove meses mais tar, fui batizado numa igreja batista em Düsseldorf. Mesmo assim muitas coisas na minha vida estavam mal resolvidas nos tempos a seguir. Eu não fui um filho de Deus que lhe trouxe muito gozo. Bem ao contrário: Eu estava em caminhos maus, preso nas coisas mundanas, e vivia contra a Palavra de Deus.

Hoje eu sei que foi a graça do Senhor Jesus que me segurou e me trouxe para o caminho certo. Quero lhe narrar como isto aconteceu com a sua ajuda:

Sem um local concreto em mente, a minha esposa e eu fizemos férias na Holanda. Chegamos em Noordwijk, uma cidade na costa do Mar do Norte. Era antes da temporada de férias e havia muitas possibilidades onde passar a noite. Procuramos uma das muitas pensões e fomos ao nosso quarto. Lá havia alguma literatura para os hóspedes: um livro e a revista »ethos.« Eu abri o livro e li as primeiras frases do prólogo (veja página 11):

»A ideia deste livro: A ideia de escrever este livro surgiu durante uma série de palestras evangelísticas dadas pelo autor no ambiente bastante original da casa de modas Mühlhauser em Munique. Todas as noites, durante uma semana inteira, o modista Harro Mühlhauser pôs...«

Bumm! – »O senhor ouviu o estrondo?« Em outras palavras: »O senhor consegue imaginar o que se passou dentro de mim?« – »Não. Não consegue!« – Aqui estavam as palavras do mesmo homem que me mostrou o caminho para a fé no Senhor Jesus Cristo!« – E como ele falava! As respostas neste livro de »Perguntas« sentavam bem com a minha situação de fé.

Isto aconteceu na primavera de 1993. Hoje, dez anos depois das suas palestras em Munique, estou com trinta e nove anos, tenho uma esposa cristã e três filhos na idade de um, dois e quatro anos. Naqueles tempos, me faltava o sentido de vida. Não tinha uma perspectiva que fizesse sentido. Hoje eu tenho esta perspectiva, e que perspectiva! Achei o sentido da vida, a dizer, sou filho do Deus e vivo por meio da fé no nosso Senhor Jesus. Eu confio na Palavra de Deus, estou firme na fé e achei um lugar numa congregação. Em poucas palavras: Eu tenho o caminho, a verdade e a vida.

Estimado Senhor *Gitt*, muito obrigado!

Dietmar Schmidt
Grevenbroich, 24 de Julho de 1997

Testemunho pessoal do autor

A seguir, quero relatar mais detalhadamente como Deus me encontrou através de Jesus Cristo, e, tomando algumas etapas escolhidas gostaria de mostrar, como Deus tem operado na minha vida, como ele me tem chamado, guiado e abençoado.

1. Infância e adolescência: nasci no dia 22 de Fevereiro de 1937 na granja dos meus pais em Raineck/ município de Ebenrode, na Prússia Oriental. Eu tinha sete anos e estava na segunda série, quando em Outubro de 1944, tivemos que fugir de Raineck para Peterwalde (Prússia Oriental Sul) numa carroça puxada a cavalo. Até então, a minha vida tinha sido bastante feliz e sem maiores problemas. Em Janeiro de 1945 nos alcançou – lamentavelmente tarde demais – a notícia da invasão da armada vermelha. De casa a casa, o mensageiro oficial passava o apelo carregado de pânico: »Salve-se quem puder!« Como eu estava doente e com febre muito alta, fui transferido da sala de estar para a carroça. Apresadadamente, a caravana de carroças se pôs a caminho, mas logo foi parada pelos russos. Meu irmão Fritz, então com quinze anos, foi levado diretamente. Ele nunca voltou. Pouco depois, a minha mãe (*Emma Gitt*, nascida *Girod*), foi deportada para a Ucrânia, onde morreu logo após nos braços de uma outra prisioneira. Esta testemunha voltou alguns anos mais tarde para Schwerin e comunicou-nos as últimas palavras da minha mãe: »O que acontecerá com meu pequeno *Werner*?« (Agora ela o sabe!).

Em Novembro de 1945, fui expulsado da minha terra natal, juntamente com duas tias, minha prima *Rena* e meu avô pelos poloneses. Meu avô faleceu após uma noite ao ar livre, ainda antes de se iniciar o transporte de Osterode, na Prússia Oriental, em vagões de gado, que duraria dez dias. Depois de uma estação em Sanitz, perto de Rostock, chegamos finalmente na cidade de Wyk na ilha de Föhr, no Mar do norte.

Meu pai era prisioneiro na França, e não sabia nada do destino da sua família. Ao contrário dos outros prisioneiros ele não podia usar o papel que recebiam cada mês para escrever cartas, como quase todos os seus parentes eram da Prússia Oriental. Ele não tinha os endereços novos dos parentes que tinham passado

pela fuga. Uma noite, meu pai teve um sonho em que encontrou um parente distante, que já morava na Rhenania ainda antes da guerra. Depois de uma conversa após muitos anos de não se terem visto, eles se despedem e o parente diz: »*Hermann*, me visite!« E, no sonho meu pai lhe pergunta: »Onde moras? Não tenho teu endereço.« Claramente, o parente explica: »Bochum, Dorstener Str, 134a.« Então, meu pai acorda, liga a luz e se apressa a anotar este endereço. Aos camaradas que acordam no dormitório, ele conta este sonho estranho. Riem-se dele por tomá-lo a sério e por afirmar que vai escrever uma carta para este endereço logo pela manhã. A carta-resposta confirma que este endereço é correto e, através deste tio distante, se inicia o contato com a minha tia (*Lina Riek*, nascida *Girod*) em Wyk, na ilha de Föhr. A notícia de que meu pai está vivo me trouxe muita felicidade. Primeiro, nem conseguia acreditar que não era mais órfão e que tinha um pai. Quando meu pai retornou da prisão francesa em 1947, ele me encontrou ali como único sobrevivente da família. Sua busca de trabalho nos levou a uma granja em Saaße, uma pequena aldeia venda perto de Lüchow.

Notável para este tempo é que as crianças da aldeia me convidaram para ir à escola dominical. Eu não tinha ideia alguma do que se tratava, e pensei que lá se contava contos de fada. Assim fui junto e passei minha primeira aula que aconteceu no único sala de uma diácona que trabalhava ali. Cada domingo pela manhã, a *Irmã Erna* contava uma história bíblica com entusiasmo. Ela orava e cantava conosco muitos cânticos alegres. Já notei na primeira aula, que aqui estava acontecendo alguma coisa, que não tinha nada a ver com contos de fada. A mensagem me tocou pessoalmente. Tudo me interessou, de maneira que a partir deste momento passei a participar da escola dominical.

No ano seguinte, meu pai voltou a se casar, e eu mudei com a sua esposa para a aldeia vizinha de Jeetzel, enquanto que meu pai trabalhava numa lavoura algumas aldeias a diante. Minha madrasta (*Adelheid Gitt*, nascida *Lipowski*) me mostrava muito afeto, mesmo tendo que trabalhar arduamente como costureira pessoal de um granjeiro, para receber um salário diário miserável de 3 marcos alemães e comida grátis. Ele era católica praticante, mas nunca me pressionou neste idade influenciável em

que me encontrava, para passar ao Catolicismo. Uma atitude pela qual estou muito agradecido até hoje. Continuei assistindo à escola dominical – não importava o tempo. Pelo ministério fiel da irmã Erna caiu no meu coração uma semente da palavra de Deus, que um dia germinaria.

Quando em 1950, o meu pai achou emprego na indústria de Westfália, mudamos para Hohenlimburg. Entretanto, na cidade nova não havia nenhuma congregação cristã edificante, bem ao contrário. Por sua orientação crítica à Bíblia, o ensino religioso me impactou de tal modo que, recordando as aulas da escola dominical pensava muitas vezes: »Que pena que as histórias da Bíblia não são tão verídicas como tinha dito a irmã Erna.« Mesmo assim, o pavio que ardia, a sede pela verdade, nunca se apagou. Até as visitas ocasionais à igreja não me fizeram progressar na minha busca por Deus, já que os sermões não implicavam compromisso alguma e portanto não podiam produzir uma mudança decisiva.

2. Meu encontro com Deus: Depois de me formar na Universidade de Hannover e finalizar o doutorado em Aquisgrana, fui contratado pelo Instituto Federal de Física e Tecnologia de Braunschweig como diretor da área de processamento de dados (hoje: tecnologia de informação), em Outubro de 1971. Poderia se caracterizar Minha situação na época da seguinte maneira: profissionalmente experimentava bons sucessos. No exame de diplomado em duas especialidades diferentes fui aprovado sem problemas com a nota »muito bom,« e a minha tese de doutorado foi premiada com a medalha »Borchers« da Universidade Técnica de Aquisgrana. Imediatamente, passei a trabalhar na qualidade de gerente como cientista. Casado em 1966, minha esposa e eu, juntamente com nossos dois filhos, éramos uma família feliz. Estávamos bem em geral, porque não tínhamos problemas familiares, financeiros ou de saúde. Assim muitos pensariam que em tal situação não se precisava de Deus. Eu destaco este aspecto, porque ouço muitos testemunhos de pessoas que se abriram para o evangelho como consequência de uma necessidade pessoal especial. Isto não foi o meu caso, porque os caminhos de Deus são tão numerosos como há indivíduos no mundo.

No Outubro de 1972, aconteceram duas evangelizações diferentes em Braunschweig, que minha esposa e eu visitamos regularmente. A primeira evangelização foi feita por um pequeno grupo de cristãos na escola que pertencia ao nosso bairro (Sidonischule). O método empregado ali foi bastante genial: cada visitante recebia uma caneta vermelha e uma Bíblia. Os ouvintes se aprofundavam nas afirmações centrais da Bíblia e marcavam todas as passagens bíblicas tratadas com as canetas. Ao final desta evangelização incomum, recebemos estas Bíblias. Assim, minha esposa e eu tínhamos Bíblias próprias idênticas, e na leitura das mesmas, muitas vezes chegamos às passagens marcadas que nos eram de certa forma familiares.

A outra evangelização foi organizada pouco tempo depois. Diariamente se encontravam cerca de 2000 pessoas no salão de festas da cidade de Braunschweig. O centro destes encontros constituía mensagens com uma estreita faixa de temas, mas que apontavam claramente a uma decisão. Noite após noite, houve uma chamada clara para aceitar Jesus Cristo. Durante a pregação de *Leo Janz* sobre Lucas 17,33-36, a necessidade de uma decisão entre salvação e perdição ficou tão clara que, depois de vencer o »temor e tremor,« fui à frente, quando convidaram para assim fazer. A minha esposa também foi. Uma conversa individual e oração com um conselheiro foram uma grande ajuda para obter a segurança da salvação. É notável que tanto o conselheiro que falou comigo quanto aquele que falou com minha esposa pertenciam ao mesmo grupo bíblico ao qual sem tardar também passamos a fazer parte.

Houve mais dias de evangelização em Braunschweig. Certas noites, a pastor *Heinrich Kemner* pregou na igreja São Martinho que estava lotada. Inesquecível foi a pregação sobre a fonte do templo, em Ezequiel. Sua mensagem forte me impactou de tal maneira que decidi descobrir de onde vinha este homem tão original. Tinha que ouvi-lo outra vez. Assim, cheguei à aldeia idílica de charneca, perto de Walsrode, no Norte da Alemanha. Os encontros de Jovens de Ahlden, baixo de árvores de carvalho de Krelingen, mas também os dias de avivamento, exerceram um impacto decisivo no crescimento da minha fé. Também os livros do pastor *Kemner*, me deram impulso im-

portantes e marcaram o meu caminho a seguir de uma maneira muito forte.

Depois de todos estes acontecimentos, que me levaram a estudar mais profundamente a Bíblia, cheguei a experimentar algo que para mim foi essencial: A Bíblia em sua totalidade é a palavra de Deus e carrega o selo absoluto da verdade. Isto foi um fundamento tão firme, que provou ser altamente sólido em todas as situações da vida e do intelecto. Não só recuperei a confiança simples na Palavra de Deus que eu conhecia dos tempos da escola dominical como também experimentei uma consolidação tão forte que eu estava disposto a transmitir esta experiência para outros publicamente. Primeiro, isto aconteceu – além do testemunho pessoal - em estudos bíblicos que eu dava ocasionalmente na minha igreja. Reconheci que era necessário de ser membro de uma igreja fiel à Bíblia e participar ativamente na vida desta igreja se realmente queria pertencer a Jesus Cristo.

Eu tive o privilégio de reconhecer Jesus como o Cristo, o Filho de Deus, que me salvou da perdição. Ele, que existe desde a eternidade, veio de Deus, o Pai, se fez homem para resgatarnos conforme o seu plano que nenhuma inteligência humana poderia ter concebido. O Novo Testamento nos revela, que Deus criou todo o universo, a terra e a vida por meio deste Jesus. Nada está excluído, porque »Todas as coisas foram feitas por intermédio dele (=o verbo, o logos= Jesus), e, sem ele, nada do que foi feito se fez« (Jo 1,3). Não só foi tudo criado por meio dele, com também para ele como objetivo final (Cl 1,16).

Para mim este é um dos pensamentos mais sublimes: O criador e o homem da cruz são uma só pessoa! O que foi que levou o Senhor dos senhores e Rei dos reis a morrer na cruz por mim? Minha razão não o pode sondar, mas em João 3,16 tenho a resposta: É o seu infinito amor, que fez tudo para que eu não fôsse perdido.

3. A Bíblia e a Ciência: Existe um conjunto de temas da Bíblia que sempre me fascinou: A relação entre as afirmações bíblicas e as problemas da área das ciências naturais, especialmente a

questão sobre a criação. Me dei por conta que para muitos contemporâneos influenciados pelo intelecto, esta linha divisória entre o intelecto e a fé, representava uma pedra de toque decisiva para a fé em si. Se a teoria da evolução fôsse verdadeira, o relato bíblico da criação não o poderia ser ao mesmo tempo. Se no entanto o relato bíblico da criação é verdadeiro, a teoria da evolução será um dos erros mais fundamentais e devastadores de toda a história do mundo. Para julgar a teoria da evolução de uma perspectiva dos princípios dentro da minha área de trabalho – da informática – descobri o seguinte: O modelo da evolução é falso, não somente em alguns detalhes, mas começando nas suas proporções básicas. Um ponto crucial da vida é a informação contida nas células: a informação. A informação no entanto não é um fenômeno material, mas uma grandeza mental originada pela contate e inteligência. Toda informação nova portanto só pode originar através de um processo creativo de reflexão, e não através de mutação ou seleção. É precisamente isto que a Bíblia descreve em numerosas expressões diferentes, como por exemplo em Provérbios 3,19: »O Senhor com sabedoria fundou a terra, com inteligência estabeleceu os céus.«

4. Ao serviço de Jesus: Quando em 1976, passamos as nossas férias com uma família amiga em Langeoog, uma ilha do Mar do norte, sempre abordamos questões da criação com um amigo nos nossos passeios na praia. Aquele amigo propôs que eu expusesse os meus pensamentos na sua igreja. Assim, em 1977, dei a minha primeira palestra pública. Eu fiquei surpreso com o grande número de visitantes, porque só houve convites orais sem propaganda pública. Obviamente, a temática era de grande interesse para muitas pessoas. Esta palestra resultou em mais convites, e nos próximos anos o ministério se estendeu em todo país de tal forma, que eu não podia responder a todos os convites.

Certo dia, depois de ter lido uma matéria numa revista crista, onde o autor misturava a teoria da evolução com o testemunho bíblico da criação tive o impulso de escrever um artigo próprio como contestação. Esta matéria porém foi recusada porque a redação compartilhava »um ponto de vista diferente,« mas foi publicada em 1997 em Braunschweig, juntamente com a ma-

téria de um coautor em forma de folheto com uma edição de 3000 exemplares. Pouco tempo depois, uma editora entrou em contato conosco pedindo que abordássemos esses temas mais detalhadamente em forma de livro de bolso. Este livro foi publicado em 1978 com o título de »Schöpfung oder Evolution?« (»Criação ou Evolução?« - a trad.).

Esta obra deu início ao contato com cientistas, que pensavam de maneira semelhante. Logo depois, foi fundada a sociedade de estudos »Wort und Wissen« (»Bíblia e Ciência« - a trad.). A partir de 1981, tenho participado do círculo diretivo desta associação registrada, que tem como objetivo falar da Palavra de Deus nos dias de hoje baseando-se na promoção de uma ciência orientada na Bíblia. As doutrinas da Evolução têm influenciado de maneira duradoura e prejudicial o modo de pensar nas mais diversas áreas das ciências naturais a filosóficas. Isso tem dificultado principalmente o acesso dos intelectuais à Bíblia, de modo que é necessário lhes prestar ajuda. Observando-se bem, é possível ver que os fatos científicos que partem do relato bíblico da criação se aproximam mais da realidade do que as tentativas de interpretação dentro da doutrina da evolução. Como resultado, formulei várias leis naturais sobre a informação. Tive a oportunidade de apresentar esta »teoria da informação baseada nas leis naturais« em muitas universidades domésticas e estrangeiras assim como em congressos científicos.

Em 1980, foi publicado o meu segundo livro de bolso »Logos oder Chaos« (»Logos ou Cáos« - a trad.) que – segundo o que descobri através das muitas reações dos leitores – contribuiu que muitas pessoas à procura da verdade mudassem de opinião e deixassem o pensamento evolucionista a favor do creacionismo. Como a procura de materiais escritos a respeito das afirmações apresentadas nas palestras não cessava, comecei a escrever livros paralelamente às minhas atividades como palestrante. Se nos anos da minha juventude, alguém tivesse falado que um dia escreveria livros, nunca o poderia ter imaginado. Durante os anos na escola tive uma profunda aversão contra redações. Se na época tivesse tido a escolha, teria optado por dez provas de matemática em vez de escrever uma redação.

Com o passar do tempo, abordei os mais diversos complexos de questões com os quais eu continuava a deparar ao final de palestras e que me pareciam importantes. Nos limites dos livros de bolso tenho redigido estes pensamentos. O livro »So steht's geschrieben« [»Assim está escrito« (1985) - a trad.] expõe detalhadamente que a Bíblia é confiável em todos os âmbitos de suas declarações. »Das biblische Zeugnis der Schöpfung« [»O testemunho bíblico da criação« (1983) - a trad.] aborda especialmente a questão da fiabilidade de todas as afirmações da Bíblia sobre a criação, também sob ponto de vista dos fatos científicos modernos. O livro »Wenn Tiere reden könnten« [»Se animais pudessem falar« (1990) - a trad.] também trata da criação de forma interessante e fácil compreensão porém com base científica. Nele, se refere aos muitos detalhes geniais da construção do mundo animal que não só desafiam a se maravilhar, mas também a crer. O livro »Und die anderen Religionen?« [»E as outras Religiões?« (1991) - a trad.] aborda bíblicamente uma questão feita com muita frequência, a dizer se as inúmeras religiões não representariam outros caminhos para a salvação além do evangelho. O exame cuidadoso do evangelho necessário para tratar deste assunto faz deste livro, por assim dizer, um instrumento evangelístico.

Segundo me foi dito muitas vezes, os leitores se interessam muito por livros que combinam os fatos científicos com a mensagem bíblica. Na minha opinião é este o ponto essencial do meu trabalho literário. Também os livros de bolso »Signale aus dem All – Wozu gibt es Sterne?« [»Sinais do espaço – para que há estrêlas?« (1993) - a trad.], »Am Anfang war die Information« [»No início era a informação« (1994) - a trad.] e o livro de fotografias »Faszination Mensch« [»A fascinação homem« (1996) - a trad.] se centram nesta linha de pensamento. Todas estas obras forma são preparados de tal forma que, basandose numa confiança plena na Bíblia, utilizam um material científico e convidam a crer em Jesus Cristo através de passagens evangelísticas claras.

Um campo de trabalho completamente novo se abriu em 1990, quando recebi um telefonema de um homem que eu não conhecia. Ele explicou que tinha nascido na União Soviética e tinha

cursado a universidade naquele país. Ele é alemão e domina a língua russa. Seu pedido foi o seguinte: » Tenho lido vários dos seus livros. O senhor poderia imaginar de viajar comigo à antiga União Soviética e dar palestras? Eu poderia fazer a tradução para a língua russa.« Eu lhe pedi por um tempo de reflexão. A próxima vez que falamos, concordei. Assim fizemos a primeira viagem a Moscou, onde proclamamos o evangelho por dez dias, em Maio de 1991 (por exemplo na Faculdade de Pedagogia, escolas de ensinamento profissional, hospitais, numa fábrica e também num quartel militar). Deus abriu os corações para o evangelho e um número surpreendentemente grande de pessoas decidiu voltar a Jesus Cristo por meio de uma decisão pessoal. Quem é este homem com quem Deus me uniu desta maneira? É o *Dr. Harry Tröster*, que no dia-a-dia trabalha na Mercedes Benz, no departamento de desenvolvimento. Desde então temos feito uma viagem missionária ao Leste por ano. Nossas viagens nos levaram outra vez para Moscou, mas também para o Cazaquistão, Quirgísia e ao norte da Prússia Oriental. Nunca viajamos sós, mas com uma equipe experimentada. Nestas evangelizações, empregamos um grande número de livros evangélicos que foram levados para estes lugares de antemão com caminhões. Naturalmente, não podem faltar em viagem alguma os Novos Testamentos e as Bíblias para crianças.

De 1978 até o meado dos anos noventa, realizei uma evangelização de tenda por ano. Nienhagen, uma aldeia perto da cidade de Celle no norte da Alemanha, foi meu primeiro local de campanha. Depois seguiram Detmold, Köln, Schorndorf, Frankfurt/Oder, Greifswald, Zerbst, Zwickau, entre outros. No verão de 1978 fiz a primeira campanha como evangelista numa tenda em Nienhagen. É notável que neste mesmo ano fui nomeado diretor e professor. Seria isto um acaso? Em Mateus 6,33 Jesus fala: »Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.«

O ano de 1991 ficará gravado na minha memória porque evangelizei por nove dias no salão de festas da cidade de Braunschweig. Precisamente no mesmo local, onde em 1972, tinha feito uma decisão por Cristo, tive a oportunidade de chamar outras pessoas para que seguissem a Jesus. Nos meus limites

de tempo, tenho continuado a aceitar convites para fazer campanhas evangelísticas por vários dias em salões municipais, edifícios públicos ou centros de igrejas.

Em retrospecto, estou surpreso como um cientista se tornou cristão e proclamador da palavra, sem tê-lo imaginado ou querido. Quando tento interpretar a liderança divina na minha vida, a expressão de *Heinrich Kemner*, pastor e evangelista popular, tem um significado pessoal para mim: »Nós não empurramos, mas somos empurrados.« Deus o faz assim: Ele nos coloca em situações especiais. Quando ele abre portas, devemos passar por elas, porque somente o que ele tem preparado está sob a sua bênção.

Bibliografia

O texto deste livro refere aos livros escritos pelo autor com a letra ›G‹, seguida de um número de ordem e o número da página (p. ex. [G2, 112-118]):

- [G1] So steht's geschrieben
Neuhausen-Stuttgart, 5ª edição 2000, 200 págs.
- [G2] Das biblische Zeugnis der Schöpfung
Neuhausen-Stuttgart, 7ª edição 2000, 188 págs.
- [G3] Und die anderen Religionen?
CLV Bielefeld, 7ª edição 2001, 159 págs.
- [G4] In 6 Tagen vom Chaos zum Menschen
Logos oder Chaos – Naturwissenschaftliche und biblische Grundfragen zur Schöpfung – Aussagen und Einwände zur Evolutionslehre
Neuhausen-Stuttgart, 6ª edição 2002, 237 págs.
- [G5] Am Anfang war die Information
Neuhausen-Stuttgart, 3ª edição atualizada e ampliada 2002, 300 págs.
- [G6] Schuf Gott durch Evolution?
CLV Bielefeld, 6ª edição 2002, 159 págs.
- [G7] Signale aus dem All – Wozu gibt es Sterne?
CLV Bielefeld, 3ª edição 1999, 122 págs.
- [G9] Faszination Mensch
CLV Bielefeld, 1ª edição 1996, 141 págs.
- [G10] Nur die Klugen kommen ins Himmelreich (Zum Gleichnis über den ungerechten Haushalter nach Lukas 16,1-8), Zeitschrift ›Bibel und Gemeinde‹ (1985) Caderno 2, págs 191-200.

As referências bibliográficas de outros autores, geralmente são feitas uma vez só. Por isso, estas referências são feitas diretamente no texto do livro.

As citações da Bíblia são tomadas da Almeida Revisada e Atualizada de 1993.

Índice Alfabético dos livros da Bíblia

Livros do Antigo Testamento (AT)

Gênesis	Gn
Êxodo	Êx
Levítico	Lv
Números	Nm
Deuteronômio	Dt
Josué	Js
Juízes	Jz
Rute	Rt
1 Samuel	1Sm
2 Samuel	2Sm
1 Reis	1Rs
2 Reis	2Rs
1 Crônicas	1Cr
2 Crônicas	2Cr
Esdras	Ed
Neemias	Ne
Ester	Et
Jó	Jó
Salmos	Sl
Provérbios	Pv
Eclesiastes	Ec
Cântico dos Cânticos	Ct
Isaías	Is
Jeremias	Jr
Lamentações de Jeremias	Lm
Ezequiel	Ez
Daniel	Dn
Oséias	Os
Joel	Jl
Amós	Am
Obadias	Ob
Jonas	Jn
Miquéias	Mq
Naum	Na
Habacuque	Hc
Sofonias	Sf

Ageu	Ag
Zacarias	Zc
Malaquias	Ml

Livros do Novo Testamento (NT)

Mateus	Mt
Marcos	Mc
Lucas	Lc
João	Jo
Atos	At
Romanos	Rm
1 Coríntios	1Co
2 Coríntios	2Co
Gálatas	Gl
Efésios	Ef
Filipenses	Fp
Colossenses	Cl
1 Tessalonissenses	1Ts
2 Tessalonissenses	2Ts
1 Timóteo	1Tm
2 Timóteo	2Tm
Tito	Tt
Filemon	Fm
Hebreus	Hb
Tiago	Tg
1 Pedro	1Pe
2 Pedro	2Pe
1 João	1Jo
2 João	2Jo
3 João	3Jo
Judas	Jd
Apocalipse	Ap

